

RAÍZES

Ano XXIII - São Caetano do Sul - Dezembro de 2011

44



Ano XXIII – Número 44
Publicação semestral
Distribuição gratuita

**Publicação
da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul**

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Dezembro de 2011

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula | CEP 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax (011) 4223-4780

www.fpm.org.br
fpm@fpm.org.br

Coordenação Geral
Maria Teresinha Dario Fiorotti

Editora Responsável
Paula Fiorotti (Mtb. 28927)

Pesquisa
Cristina Ortega
Cristina Toledo de Carvalho
Mariana Zenaro

Conselho Editorial
Maria Teresinha Dario Fiorotti
PRESIDENTE
Adriana Sampaio
Cristina Toledo de Carvalho
Humberto D. Pastore
Isabel Cristina Ortega
João Tarcísio Mariani
Mário Porfírio Rodrigues
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Fiorotti
Paulo Alves da Rosa
Roberta Giotto

Projeto Gráfico e Diagramação
Roberta Giotto

Fotografia
Antonio Reginaldo Canhoni

Apoio para pesquisa iconográfica
Ediméia Alberani Rodrigues
Jussara Ferreira Muniz

Digitalização e restauração de imagens
Augusto Coelho Neto
Marcos Villanova

Ctp e Impressão
Reobote Indústria Gráfica e Editora

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

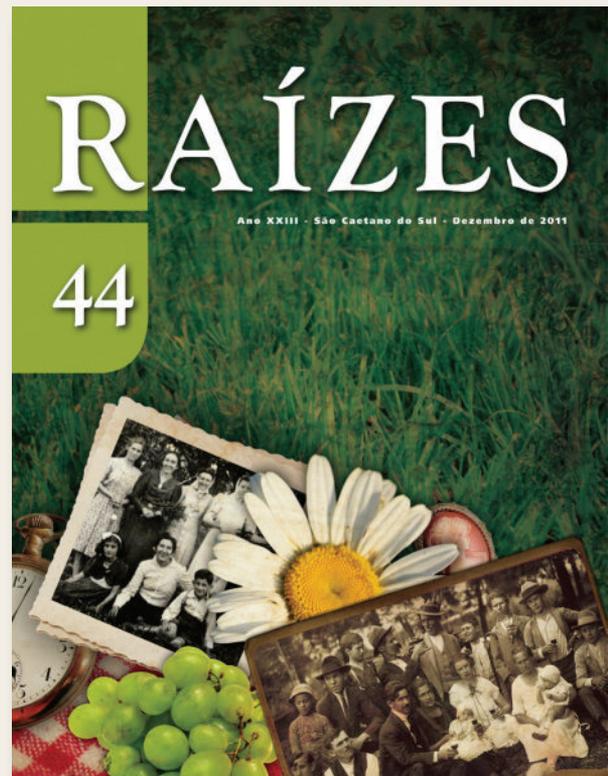


RAIZES

44

Uma toalha xadrez, frutas, flores. Itens que ilustram esta capa de Raízes para representar e trazer à tona uma opção de lazer já não tão praticada nos últimos tempos. A lembrança dos convescotes, como eram chamados antigamente os piqueniques, nos remetem a encontros com amigos, comida boa, alegria, descontração, contato com a natureza. Em meio a uma rotina pesada de trabalho, os habitantes de nossa pequena São Caetano promoviam estas reuniões, que tinham como cenário áreas rurais locais, ainda presentes no município, como chácaras ou sítios, ou destinos como Santos, Paranapiacaba, e outras localidades mais longínquas.

O piquenique também era ocasião de paqueras, flertes e inícios de namoros. Minha mãe, Maria Antonia Ferreira Fiorotti, conta que conheceu meu pai, Drausio Fiorotti, em um evento deste tipo, realizado em Santos, em 1957, e promovido pela Chocolates Pan, empresa na qual ele trabalhava. Imaginem quantas histórias de amor não tiveram como ponto de partida um piquenique? Quantas famílias não surgiram destes romances?



Esta edição 44 traz uma capa leve, colorida, romântica e suave, com duas imagens que mostram este tipo de reunião. Uma delas mostra um grupo de amigas na chácara da família Fiorotti, que ficava no Bairro Boa Vista, e era muito frequentada pela população da cidade, e a outra, mostra a família Fâmula, em um piquenique realizado em 1925. Outros elementos da capa fazem referência ao trabalho e ao lazer, para que o leitor possa, de imediato, reconhecer o conteúdo da revista, e saber que, nas próximas páginas, fará um passeio por festas, cinemas, brincadeiras, bailes, jogos, piqueniques, quermesses, e tantos outros meios de diversão, utilizados por nossos habitantes no passado para aproveitar o tempo livre com amigos e familiares. Um tempo no qual não havia a internet, nem os *shopping centers*. Quando ainda se dançava juntinho e quando era preciso paletó e gravata para ir ao cinema.

Boa diversão!

Paula Fiorotti
Editora

Raízes é uma revista em homenagem ao futuro, é exemplo vivo e confiável da retratação do passado, traz a marca elogiável do jornalismo sério, a grande competência da pesquisa e a habilidade descritiva e investigadora de novos horizontes no rastreamento de arquivos particulares e públicos.

Nesta edição poderemos conhecer e refletir sobre os diferentes tipos de lazer e diversão que fizeram parte do cotidiano de nossos moradores no passado. As idas aos cinemas, as festas ao redor da Matriz Velha, as atividades dos clubes, as quermesses, e os piqueniques, atividades que representaram momentos de alegria e socialização, transformando o ritmo de vida.

Nas demais seções da revista, vamos acompanhar relatos de vida de pessoas que adotaram São Caetano para viver e que aqui construíram suas famílias. Personagens que tiveram uma trajetória política e religiosa marcantes, e prestamos nossa homenagem a grandes personalidades que deixaram um legado de honra, ética e de poesia

e cultura. Importantes instituições e grupos, que celebram seus aniversários (30, 50, 60 anos) neste ano, também são relatados em *Raízes*.

Ao passear pela história de São Caetano do Sul, através das páginas de *Raízes*, vale a pena fazer uma comparação entre o passado e o presente, e imaginar como será o futuro de nossa cidade e de nossos moradores. Mais uma vez tentamos, por meio de nossos textos, artigos e crônicas, proporcionar ao leitor momentos de deleite e de saudosismo. E esperamos que as coisas boas do passado possam se revividas em suas mentes, em cada página, em cada fotografia.

Parabéns aos nossos colaboradores e esperamos que os leitores façam uma ótima leitura!

Maria Teresinha Dario Fiorotti
Presidente

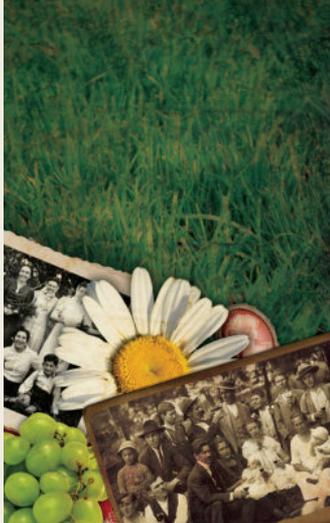
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul







Piquenique da família Bento de Araújo, na Praia José Menino, em Santos. Da esquerda para a direita, em pé, vemos: Ermelindo Locoselli, Ernesto Bento de Araújo, Vicente Bento de Araújo (no colo), Madalena Timpani Bento de Araújo, João Timpani, Vicente Timpani, Tereza de Paula Timpani. Sentados: Eleno de Paula Locoselli, Luíza Locoselli, Natália Timpani, Rubens Bento de Araújo e Tereza Bento de Araújo. Foto da década de 1940



pág 8 Em Foco

- Sob a batuta do maestro Eduardo
- 32 **Sasso, operetas e programas musicais**
Cristina Toledo de Carvalho
- 38 **Clubes, locais, eventos e formas de
diversão e lazer em São Caetano do Sul**
Mario Del Rey

- 8 **Lazer e Sociedade**
Mariana Zenaro
- 15 **Passatempos ao ar livre em São Caetano**
Um animado ciclo de festas
ao redor da Matriz Velha
Crônica Festa do Padroeiro, de Nicola Perrella
- 25 **No escurinho do cinema**
Monica lafrate
A ida ao cinema - Costume que se enraizou
na cultura do lazer da São Caetano de
antigamente
Crônica Lembranças do Cinema Central, de
Manoel Cláudio Novaes



pág 45 Memória

- 45 **Éramos felizes... E sabíamos!**
Caio Martins
- 49 **Éramos tão jovens!**
Leonilda Verticchio
Escola Municipal de Idiomas Paulo
Sérgio Fiorotti: 50 anos de educação e
cultura sem fronteiras
- 51 **Os 60 anos do Tiro de Guerra
de São Caetano do Sul**
Arquimedes José Bezerra dos Santos e
Rogério Márcio Soares
- 56 **Clube dos 30 em jubileu de prata**
Marcus Vincenzi da Costa Patrão
- 58 **Minha infância nas três casetas**
Laura Valério Rodrigues
- 61 **Cinquenta anos dos Rosacruz
em São Caetano do Sul**
João Massolini, Marcos Massolini e
Antonio Sérgio Pacífico Bordin



pág 66 História Oral

- 66 **Jane Razzante,
Miss Primavera de 1948**
Cristina Ortega
- 69 **Gertrudes Ribeiro Martins, 90 anos,
mais conhecida como Dona Tudinha**
Yolanda Ascencio
- 72 **Francisco de Assiz Morais:
de Canto do Buriti para São Caetano**
Mônica Ascencio Simões Ponzoni

pág

73

Personagens

73 **Reminiscências de Padre Olavo**
D. Glenir Santarneckchi

75 **Olindo Quaglia: uma história para lembrar a autonomia de São Caetano do Sul**
Walter Quaglia



pág

86

Cultura

Visita ilustre: Maria Bonomi em São Caetano do Sul

pág

100

Crônicas

100 **Reminiscência, remanescência, renascença! Raízes da Pró-Memória**
João Tarcísio Mariani

105 **Balança há 40 anos**
Oscar Garbelotto

pág

80

Homenagem

80 **Exemplo de vida, de homem, pai e amigo**
Paula Pereira

82 **Juventino Borges: sinônimo de honradez e moral**
Mário Porfírio Rodrigues



pág

92

Moda de Outrora

Comentários de Suzeti Rocha



pág

106

Memória Fotográfica



pág

85

Ofícios

Três gerações e uma só profissão
Humberto Domingos Pastore

pág

94

Regionais

A monumentalização de um discurso fundador: A Formação de uma Comunidade Imaginada do Grande ABC
Maurício Tintori Piqueira

pág

117

Registro

LAZER & SOCIEDADE

Mariana ZENARO (*)

A MEMÓRIA HISTÓRICA DE SÃO CAETANO DO SUL SE CONSTRÓI A PARTIR DE SUAS FUNDAÇÕES LABORIOSAS, REMETE AO PROGRESSO TRAZIDO POR IMIGRANTES, QUE COM SEU TRABALHO E VONTADE DE PROSPERAR, PROPORCIONARAM O DESENVOLVIMENTO DE UMA REGIÃO RURAL E COM POUCOS RECURSOS. A IDEIA DE VALORIZAÇÃO DO TRABALHO É, EM TERMOS HISTÓRICOS, RECENTE, DIFUNDIDA A PARTIR DA CONSOLIDAÇÃO DO SISTEMA CAPITALISTA, SOBRETUDO, DO CAPITALISMO INDUSTRIAL. MAS, QUE RAIOS TEM A VER TRABALHO COM O NOSSO TEMA DO *EM FOCO* DESTA EDIÇÃO DE *RAÍZES*, O LAZER? TEM TUDO A VER. EM NOSSA SOCIEDADE, A IDEIA DE LAZER SE FAZ EM OPOSIÇÃO À NOÇÃO DE TRABALHO.



Piquenique na chácara dos Fiorotti, no Bairro Boa Vista, em 1945. As pessoas da foto fazem parte do Círculo Operário de São Caetano e da Irmandade Filhas de Maria da Matriz Sagrada Família. Da esquerda para a direita, em pé: Ida Rossi Fulep, Arduina Galeazzi, Inez Galeazzi, Milda Gallo, Eugenia Galeazzi, Enedina Galeazzi, João Galeazzi

O nascimento da sociedade industrial é o marco das mudanças significativas nos modelos de organização do tempo e das atividades diárias que antes eram conhecidos. Essa nova sociedade se desenvolve do movimento da Revolução Industrial, iniciado no século 18, na Inglaterra, e marca o período conhecido na divisão histórica do tempo como Idade Contemporânea, dos tempos de modernidade, de aceleração do relógio, da produtividade. Afinal, tempo é dinheiro! É nesse período que ocorre, entre diversas mudanças, a mecanização dos meios de produção, uma real oposição ao modo produtivo artesanal conhecido e vivido na Idade Média e até o século 18. Essas mudanças na forma de produzir artefatos promoveram profundas alterações nas relações do homem com seu trabalho, a partir delas, novos laços e modelos surgiram para guiar as relações entre as pessoas e construir uma nova cultura. O trabalho industrial impunha uma cultura própria, de economia de gestos, de produzir mais no menor

tempo possível, de acumulação de bens. Uma cultura absurda para quem vinha do meio rural, em que trabalhar, ainda que fosse uma atividade, normalmente, de longa jornada e cansativa, respeitava os ritmos naturais. Portanto, nesta perspectiva, o lazer é a negação de ocupação, da atividade produtiva, que gera proventos, é o tempo dedicado às distrações.

Afinal, o que é Lazer?

Podemos dizer que a definição de lazer é muito controversa devido ao número de soluções propostas. Segundo o dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa *Caldas Aulete*, lazer é o tempo destinado ao descanso ou à prática de atividades prazerosas. A etimologia do termo lazer vem do latim, da palavra *licere*, que pode ser traduzido como ser lícito, permitido. Dessa forma, estudiosos afirmam que o lazer pode ser compreendido como uma

questão de atitude e estado de espírito, mais do que uma questão de tempo. Ou seja, o lazer seria uma questão de exercer com prazer as atividades em todas as esferas da vida. Entretanto, mais importante do que conceituar o termo lazer, é compreender em que momento da vida das pessoas ele é usufruído ou consumido.

Ainda, na literatura sobre o assunto temos a diferenciação entre lazer e recreação. No Brasil,



ouve-se muito uma classificação de atividades de lazer em atividades esportivas, recreativas e culturais. Lazer esportivo seria aquele praticado segundo regras, o recreativo, exercido livremente, e o cultural, centrado nas artes e no conhecimento. Existem muitas objeções a esta classificação, pois estes termos na realidade se equivalem e se derivam em peculiaridades idiomáticas. Em espanhol, italiano e alemão, não existe a palavra correspondente a lazer; e utilizam-se os termos recreação e tempo livre. Na França e no Brasil, recreação é um termo que nos remete a recreação escolar, assim prefere-se o termo lazer. Nos países de língua inglesa, ambas as expressões são usadas corretamente.

Aqui concebemos recreação e entretenimento enquanto uma pausa após a ocupação e um tempo de preparo para outra ocupação; estão, portanto, intimamente relacionados com a ideia de ocupação. Princípio de nossa vida é usar bem o lazer. É verdade que ocupação e lazer são ambos necessários. Mas também é verdade que lazer é algo mais elevado que ocupação e é o objetivo para o qual toda ocupação deve conduzir. O problema é encontrar como preencher esse lazer. Muito dificilmente se consegue preenchê-lo com recreação, entretenimento ou, de modo geral, com o lúdico. O lúdico, genericamente falando, relaciona-se mais diretamente com um único lado da vida: o da ocupação. O lúdico existe para contrabalançar a ocupação, para isso foi concebido e nessa condição é desfrutado. Confere uma sensação de alívio após o esforço, depois da tensão.

O prazer proporcionado pelo lúdico produz o relaxamento, a dispersão, tanto pode ser do coração, como também da mente. O lazer é algo diverso. Tem seu prazer interior, intrínseco, sua completude própria, sua felicidade é inerente. Contudo, o desfrute do prazer exige certas condições, ou dito de outra maneira, requer certas virtudes, em geral, sabedoria e temperança. Coragem, vigor e fortitude é o que se requer para as atividades de ocupação,

como para o trabalho, por exemplo. Para o lazer, faz-se necessária a sabedoria que conduz à justa medida do gozo. As virtudes requeridas pelo lazer ou pela ocupação não são necessariamente inatas, podem ser adquiridas, aprendidas, aprimoradas. O lazer, enquanto atividade desenvolvida como um fim em si mesma, configura-se como um estilo de vida, em oposição a um outro modelo, o de ocupação, constituído pela funcionalidade e pelo labor.

Assim, como já falamos anteriormente, a partir da consolidação da nova cosmologia fundada pelo advento da Revolução Industrial, a sociedade capitalizada passou a ter uma relação com o trabalho e dinheiro que vieram a moldar todas as demais relações humanas, inclusive com relação ao que se entende por lazer, no que se refere ao seu consumo

e fruição. Aliado a esse fato testemunhou-se o surgimento da classe assalariada, que passou a dispor de recursos financeiros para investir em atividades de lazer pagas. O sociólogo Luiz Octavio de Lima Camargo afirma que tempo livre, recreação e lazer são termos que dizem respeito a fenômenos modernos, um tempo criado pela economia moderna. Camargo, por sua vez, questiona por que é tão difícil para as pessoas se divertirem, apesar de ser uma neces-

sidade e um direito do chamado *Homo Faber* (o ser humano quando trabalha) e do *Homo Ludens* (o ser humano que se diverte). E não entende o que afinal o homem busca na diversão. A resposta baseia-se no sociólogo francês Roger Caillois, que alega existir quatro categorias para o lúdico, e que também podem ser entendidas como as motivações para qualquer forma de diversão, e que são: a aventura, a competição, a vertigem e a fantasia.

Acrescenta que na aventura as pessoas procuram algo novo. O cotidiano repetitivo e monótono pode ser compreendido como um importante encorajador para a busca da novidade. A viagem é a própria síntese dessa busca de aventura. Não raro que, no período contemporâneo, as viagens com fins

O PRAZER PROPORCIONADO
PELO LÚDICO PRODUZ O
RELAXAMENTO, A
DISPERSÃO, TANTO PODE
SER DO CORAÇÃO,
COMO TAMBÉM DA MENTE.

turísticos tenham se difundido na Europa, e aqui no Brasil não era muito diferente. Famílias de São Paulo, assim como de São Caetano, no início do século 20, dirigiam-se ao litoral como escape da industrialização que trazia a aceleração e a urbanização consigo. A base da aventura está, portanto, na curiosidade.

Competição é a segunda motivação para a diversão. Faz parte da natureza humana a superação, e é nesse sentido que a competição não significa necessariamente disputa com outro. Pode ser uma disputa consigo mesmo: ser melhor do que da última vez. O esporte, por exemplo, é considerado como uma lição e metáfora para a vida, pois ensina ao homem a lidar com o fato de que um dia ele ganha e no outro ele perde. Seguindo esse raciocínio, a vertigem aparece como a terceira forma motivacio-

nal da diversão. Essa categoria tem como exemplos a montanha-russa, a quadra e a piscina dos clubes, a sala escura do cinema e até mesmo o videogame. Callois explica que ao contrário da competição, em que se exigem controle e disciplina, aqui se exercita a capacidade de se deixar levar, de perder o controle e correr riscos em segurança. E por fim, a fantasia é a quarta forma de motivação do lúdico. Explicando a fantasia, o autor acima afirma: A expressão mais forte e espontânea da fantasia é o devaneio: o pensamento corre sem amarras, levando-nos para os mais variados lugares e situações, e nele nos tornamos diferentes. A fantasia está presente na vontade de ser diferente, de experimentar ser outro mesmo que por alguns dias ou horas.

Passoio ciclístico de São Caetano do Sul, na Alameda São Caetano e na Avenida Presidente Kennedy. Foto da década de 1970

Acevo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Piscina da Associação Beneficente Recreativa Esportiva da Vila Barcelona (ABREVB), no Bairro Olímpico. O clube recebeu, nos dias 17 e 18 de novembro de 1979, mais de 800 sócios que participaram das piscinas e futebol de salão, entre outras atividades

Acevo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acevo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Passoio dominical no Jardim da Luz, em São Paulo. Vemos na foto: Idamis Veronesi, Henry Veronesi, Francisco Fernandes, Edmea Fernandes e Auta Fernandes

Lazer & Cidade

A relação do lazer com a cidade suscita questões que remetem à relação dos cidadãos, seus valores, estilos de vida e o lugar que ocupam e transitam. O lazer encarnado na cidade estreita a relação de uns cidadãos com outros, ou seja, um lazer com funções pessoais, sociais e culturais, identificado com a dimensão pública da cidade. O lazer passa a ser o componente primordial da denominada qualidade de vida, termo muitíssimo contemporâneo e caro a São Caetano do Sul, que, enquanto cidade, fez-se como um refúgio da cacofonia urbana da pauliceia, mas que hoje, com o desenvolvimento industrial e dos serviços associado ao processo de urbanização, já se vê misturada a ela. O lazer passa a ser o componente importantíssimo em mundo paudado pelas relações de trabalho e produção.

Na São Caetano do Sul de antigamente havia muitas opções de lazer e espaços de sociabilidade. A proximidade com a capital paulista, sobretudo pela facilidade da linha ferroviária que ligava o centro ao subúrbio, possibilitava visitas frequentes dos sancaetanenses à Luz, em São Paulo, assim como frequentar os teatros e cinemas paulistanos.

Contudo, a pequena cidade, que vinha recebendo levadas e levadas de imigrantes, principalmente europeus, começava a delinear traços urbanos, industrializando-se e disponibilizando serviços e opções de lazer a seus habitantes.

Os cinemas eram uma das principais opções de lazer e diversão em São Caetano antiga. As primeiras salas surgiram já na década de 1910, mas só exibiam películas que eram registros de cenas de festas e de comemorações. Anos mais tarde, com o surgimento dos cines Central e Parque Monte Alegre, filmes estrangeiros com galãs e divas passaram a divertir o público.

Em meados da década de 1940, novas salas de exibição começaram a surgir com o que havia de mais moderno em termos tecnológicos e estruturais, o que começou a atrair espetáculos de tipos diversos, peças de teatro e apresentações musicais, até

Passeio realizado em Santos, por volta de 1928, no Restaurante e Recreio do José Menino, o qual foi demolido na década de 1950. Vemos na foto, da esquerda para direita: Luiz Colognesi, Francisca Previato, Luiza Leone, Adelina Malateux, Gina L. Colognese, Eliseu Malateaux, Gilda Molinari, Elvira Colognese, Antonio Previato, pessoa não identificada, Alfredo Malateaux, Joana Previato e (?) Previato

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul





Baile de Aleluia no Clube Comercial, na década de 1960

OS BAILES É QUE AGITAVAM DE FATO A SOCIEDADE DE SÃO CAETANO DO SUL. (...) NOS BAILES HAVIA AGITAÇÃO, MÚSICA E AS PAQUERAS.



Baile da Pipoca realizado em clube não identificado, em 1965. Foram identificados: Márcia da Costa Patrão, Carlos Rivani, José Bonifácio de Carvalho e amigos



Arquivo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Teatro experimental da Associação Cultural e Artística de São Caetano apresentando a peça teatral *As Máscaras, de Menotti Del Picchia* dirigida por Jayme da Costa Patrão. Na foto vemos: Antônio Carlos Carvalho (pierrot), José Bonifácio Carvalho (arlequim), Yeda Feijão (colombina), e Jayme da Costa Patrão. Foto de julho de 1963

gravações de programas de auditório para o rádio e a televisão. Em 1956, foi instalado um telão no Jardim Primeiro de Maio para exibições cinematográficas ao ar livre. Denominado Cine Som Publicidade, era um grande sucesso de público e uma das principais opções de lazer.

Os bailes é que agitavam de fato a sociedade de São Caetano do Sul. Além dos tradicionais periódicos, os clubes organizavam bailes comemorativos de festas da época, como ano novo, carnaval, de aleluia, da primavera, entre outros tantos. Nos bailes havia agitação, música e as paqueras. Muitas bandas, principalmente as *jazz bands* tocavam para animar o público.

O papel dos clubes e das agremiações tem destaque para as práticas de lazer em São Caetano ao longo das primeiras décadas do século 20. Essas entidades coloriam a vida social da população local, muito marcada pelo relógio e pelas sirenes de fábricas. Os clubes, por sua vez, amenizavam o ritmo de trabalho, caracterizado por longas jornadas, com diversas programações que se constituíam em festas, piqueniques na própria cidade ou em outras localidades, jogos de futebol de várzea, apresentações teatrais, musicais e de dança, e, como não poderia faltar, os badalados bailes. Também promoviam via-

gens para o litoral paulista e interior do Estado.

Com relação ao lazer na vida na *urbis*, tudo se resume a resgatar o estilo próprio da essência da vida urbana: a convivência das diferenças. Segundo a expressão do historiador Lucien Lefebvre, as culturas, instituições e valores da cidade e da vida urbana, incluindo suas bases econômicas e relações sociais, são uma forma mental e social de simultaneidade, da convergência, do encontro, marca-se aí modos de conviver diferenciados, diversidade de tipos humanos, a singularidade do espaço por eles criado e vivenciado. E como diz o sábio provérbio judaico: “Lazer não é feito de descanso, mas de ocupações para não nos ocuparmos”. Aproveite, pois leitura também é lazer!

R

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: SESC-SP, 1999.

_____. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL. *Lazer e diversão na São Caetano de antigamente (catálogo de exposição)*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, s/d.

GARCIA, Carla Cristina. *As outras Vozes: Memórias Femininas em São Caetano do Sul*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1998.

MELO, Victor Andrade de. “Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 23, nº 45, p.5-26, janeiro-junho de 2010.

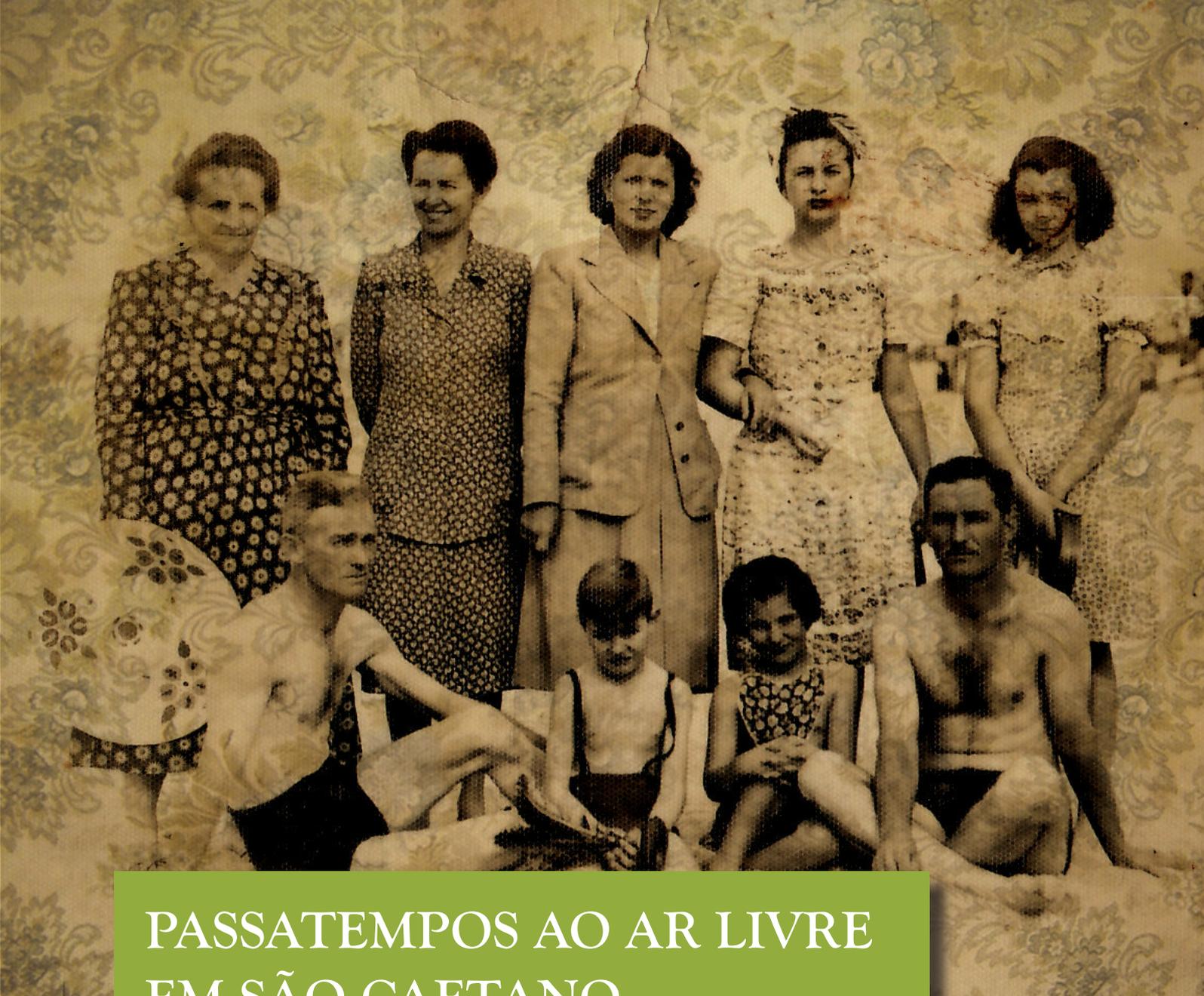
RAMOS, Adriana M. C.; SOUZA, Monica de. *Cotidiano e História em São Caetano do Sul*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992.

SERVÍCIO SOCIAL DO COMÉRCIO – SÃO PAULO. *Lazer em uma sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/WRLA, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Fotos:

(*) *Mariana Zenaro, é jornalista, historiadora e atualmente é pesquisadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Arquivo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

PASSATEMPOS AO AR LIVRE EM SÃO CAETANO

A palavra lazer deriva do latim *licere*, que significa ser lícito, ser permitido. Conforme Joffre Dumazedier: Lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Portanto, no lazer, temos um tempo para nos dedicar a algo que nos é prazeroso e não obrigatório. Nele estão incluídos tanto o repouso quanto outras atividades do indivíduo e, por isso, faz parte dele a diversão, que não tem outra utilidade senão

*Passagem em Santos em 1940.
Em pé, da esquerda para a
direita: Santa Leoni Lorenzini,
Rosa Fiorotti Lorenzini, Rosália
Lorenzini, Zulmira Lorenzini
e Palmira Lorenzini. Sentados
da esquerda para a direita:
Henrique Lorenzini, Henrique
Lorenzini Filho, Neusa Lorenzini
e Elyseu Lorenzini*



o prazer. Durante o ato de nos divertirmos desviamos o nosso pensamento das obrigações que nos preocupam. Nós podemos nos divertir em locais fechados e ao ar livre. Neste artigo vamos nos ocupar com as diversões e entretenimentos que eram e são praticados ao ar livre pelos habitantes de São Caetano do Sul. Vamos fazer uma rápida viagem pelo tempo e notar o que permaneceu e o que mudou nas recreações e distrações da população.

Este estudo sobre as diversões dos sul-sancaetanenses vai ser dividido em duas partes: os entretenimentos praticados dentro dos limites cidade e os realizados fora do nosso município. Uma das primeiras recreações ao ar livre no denominado Núcleo Colonial de São Caetano foi a da caça e pesca. Segundo José de Souza Martins, logo que chegaram, em 1877, os imigrantes italianos passaram a

as chegadas e partidas do transporte passou a ser uma opção de distração.

Estes meios de diversão atravessaram décadas e tiveram seu apogeu nos anos 60, quando o *footing* e a paquera tomaram conta de muitas ruas da cidade nos finais de semana, principalmente no Bairro Centro, entre a Praça Cardeal Arcoverde (pela manhã, na saída da missa das 10 horas e, à noite, depois dos cinemas), o Jardim Primeiro de Maio (onde inclusive eram transmitidos filmes ao ar livre) e a Rua Manoel Coelho (sobretudo aos domingos,

Piquenique em São Paulo, com moradores de São Caetano, em 1916. Da esquerda para a direita (sentados): Esmeralda Ramos, Nhá Dita de Freitas, o menino José, Vitorina, Mariana Gomes Lacorte (ao fundo), Josefa, Maria (ao fundo), Iria dos Prazeres (neta da escrava Felizarda, de São Caetano, e bisneta dos escravos Francisco e Ecolástica, também de São Caetano), e uma menina não identificada. Em pé, atrás: Zézinha, Dalila Peluso, Jaco Gonçalves, Nicolauzinho e Lucinda. Em pé, do lado direito: Nicolau Tolentino Piratininga, Seu Jacinto e o menino Benedito Peretto

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



se alimentar de peixes dos rios Tamandateí e dos Meninos e de outros animais que circulavam pelo entorno do núcleo.

Outros folguedos presentes no cotidiano dos moradores era o chamado *footing* (passeio a pé), a paquera e os jogos de cartas, que teriam sido realizados principalmente ao redor da casa grande e da capela da antiga Fazenda de São Caetano (que tinha pertencido à Ordem de São Bento, antes de ser comprada pelo governo imperial). A partir de 1883, com a instalação da estação de trem, acompanhar

após o término das sessões de filmes do Cine Vitória, Cine Max e Cine Urca, depois denominado Cine Lido). O jogo de cartas (e mais tarde também o jogo de dominó) ainda é praticado atualmente em vários jardins e parques da cidade. Estes locais arborizados e bem cuidados (Espaço Verde Chico Mendes, Bosque do Povo) têm sido outra fonte de diversão para os habitantes por várias décadas, não só como passeio, mas também para a prática de esportes.

Outra atividade muito praticada pelos sul-sancaetanenses era o piquenique ou, como era



chamado, o *convescote*¹. Atualmente os piqueniques são feitos raramente pelos moradores da cidade. Segundo Claudinei Rufini: “A escassez de recursos financeiros era um empecilho para os antigos moradores fazerem viagens nos fins de semana, mesmo as de curta distância. (...) Quando não havia dinheiro, mas um grupo alegre de pessoas, o jeito era arranjar um bom local por ali mesmo. Um dos locais preferidos era um bosque que existia na atual Avenida Goiás, nas proximidades da prefeitura². Mas não muito longe daqui e com fácil acesso pela ferrovia, a

dos funcionários d’A Noite, no General Motors Esporte Clube. E o texto começa: “Teve lugar dia 1º deste mês, na praça de esportes do General Motors Esporte Clube, a festa campestre com a qual foi comemorado o quarto aniversário de *A Noite*, o simpático vespertino de São Paulo (...)”.

Dos esportes praticados no município o mais antigo é o jogo de bocha, que antigamente era praticado ao ar livre pelo imigrantes italianos e seus descendentes. Conforme Rufini: “Com o surgimento das primeiras olarias, os colonos redescobriram um tradicional jogo vindo da Itália: a bocha. É que as bochas e bolins precisavam ser confeccionadas de um material resistente. Eles conseguiram isso recozendo o mesmo material dos tijolos, o que as tornava quase inquebráveis. As bochas também eram confeccionadas em madeira, mas não tinham a mesma durabilidade.”

Família Tornicasa em um passeio de domingo no Jardim da Luz em São Paulo. Foto de 1910

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Serra de Paranapiacaba também era uma boa pedida face à bela paisagem, pela vista do mar, ou mesmo pela matinê do Lira Serrana. Dalí até Santos era um pulinho, mas a descida da serra não era muito constante, apesar de ser periódica. Nessas ocasiões, algumas empresas locais chegavam a fretar trens especiais para seus funcionários realizarem as excursões.”

Como exemplo saudosista de um piquenique feito em São Caetano temos um registrado pelo *Jornal de São Caetano*, datado de 29 de setembro de 1946. Vejamos o título desse artigo: *O convescote*

Posteriormente, o jogo de malhas passou a ser habitual também (inicialmente eram utilizadas ferraduras de animais). Mas o futebol acabou ganhando a primazia entre os habitantes. O São Caetano Esporte Clube, fundado em 1º de maio de 1914, tinha como principal atração o futebol e o seu primeiro local de jogos foi, conforme Oscar Garbelotto, em terreno onde se situa hoje a Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Fláquer. Atualmente, além do futebol, são praticados, ao ar livre, tênis, basquete, vôlei, natação, entre outros es-

portes. Os clubes que se destacam nessas atividades são o São Caetano Esporte Clube, Centro de Esportes e Recreação Pedro Furlan (antigo Tamoyo), Associação Desportiva General Motors), Clube Tijucussú, São Cristóvão Futebol Clube, e outros.

Outra atividade de lazer que sempre foi desfrutada pelos sul-sancaetanenses é a quermesse, que é uma festa em comemoração ao santo padroeiro de uma paróquia ou pelo aniversário de uma igreja católica. Este termo, quermesse, é derivado da palavra flamenga *kerkmesse*, que passou à língua francesa como *kermesse* e daí à nossa língua como quermesse. Além da comemoração religiosa, a festa costumava apresentar, ao ar livre, barracas com comidas típicas, jogos com prêmios, sorteios e danças. Tudo com finalidade beneficente, para ajudar os menos favorecidos ou para reformas necessárias na igreja. Durante a campanha para a construção do Hospital São Caetano, várias quermesses foram organizadas visando à arrecadação de fundos. Para celebrar o dia do santo padroeiro da cidade, uma grande quermesse era, tradicionalmente, realizada ao lado da Igreja São Caetano. Depois das semanas de festas juninas, que começavam em 28 de julho, as barracas ficavam montadas até o dia 7 de agosto, para celebrar o patrono. Jayme da Costa Patrão fala sobre a festa que celebrou o cinquentenário da cidade, em 1927: "(...) Grupos das diversas ordens religiosas eram os encarregados de organizar as quer-



Piratas passeando pelas ruas de São Caetano no Carnaval de 1938. Da esquerda para a direita, vemos os membros da família Del Rey: Ignácio, Ângela, Gina e Francisco

messes. (...) A banda de música, com amplo coreto todo enfeitado, ao lado da Matriz Velha, ensaiava novas peças musicais. (...) Os barraqueiros, aos gritos, apregoavam os seus artigos e prendas a serem leiloados. Jovens, em grupos, passeavam entre as barracas em constante ebulição. Moçoilas e meninas, acompanhadas por suas mães ou pessoa adulta, paravam, de vez em quando, junto às carrocinhas de quitutes e guloseimas ou refrigerantes. Alguns carrinhos vendiam, também, batata doce assada ou milho cozido e, depois da compra, todos saíam rindo, alegres, chilreando alto, andorinhas em revoada. Tudo era alegria e tudo era motivo para riso”.

Em São Caetano, as quermesses mais famosas são as promovidas pela Igreja Matriz Sagrada Família, situada na Praça Cardeal Arcoverde. Esta



Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Família Fâmula em piquenique, em 1924

mencionada praça também teve por muitos anos um coreto, que era uma espécie de quiosque erigido para apresentações musicais. O público se reunia nos finais de semana para assistir à banda municipal e os rapazes e moças aproveitavam para paquerar ao som de músicas românticas e de tons sentimentais. Posteriormente, nesse mesmo local foi montada uma fonte luminosa, que produzia jatos de água conforme o ritmo das músicas tocadas, sendo que, simultaneamente, um sistema de luzes coloridas ia mudando a cor da água lançada pela fonte.

As festas juninas, também denominadas de festas caipiras ou festas dos santos populares, são celebrações populares que ocorrem no mês de junho, especialmente no dia 13, Dia de Santo Antônio, dia 24, quando celebramos a festa de São João, e no dia 29, dias de São Pedro e São Paulo. Em São Caetano, no passado, estas datas sempre foram comemoradas com fogueiras, danças da quadrilha, balões e fogos de artifício. O quintal de Santa Leoni Lorenzini, que se localizava em frente da estação de trem, na travessa São José, atual Rua Perrella, recebia enormes fogueiras.

A dança da quadrilha teve origem na França,

Grupo de amigas no bazar da quermesse em prol da fundação do Hospital São Caetano, realizada no dia 8 de junho de 1947. Vemos na foto Ione Fláquer, Maria René Poli Imparato, Isaura Rodrigues, Dinorá Bennati Stadler, Reny Gardezani, Isaura Abib e Palmira Poli

Arquivo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



quando quatro pares dançavam, daí o nome *quadrilha*. No Brasil, este tipo de dança teve um desenvolvimento no ambiente rural, daí o costume do vestuário campesino, o aumento no número de participantes e sua vocação como uma expressão da cultura cabocla. Entre as festas juninas mais bonitas e tradicionais destaque para as que ocorriam no General Motors Esporte Clube.

Ainda como atividades ao ar livre que sempre foram motivo de alegria e diversão para os sul-sancaetanenses podemos citar os antigos corsos (desfiles em carros abertos pelas ruas da cidade durante o carnaval), os passeios à fantasia, os já tradicionais desfiles de escolas de samba e as comemorações e desfiles de Sete de Setembro. Passeios para fora da cidade também faziam parte do cotidiano dos habitantes. Riacho Grande, Poços de Caldas, Campos do Jordão, Paranapiacaba, Santos, e o Parque da Luz e o Jardim Botânico, em São Paulo, estavam entre os destinos prediletos. **R**



Comemoração de festa junina em São Caetano, com carroças passando pela Rua Castro Alves, na década de 1950 (aproximadamente)

Arquivo / Olindo Toscano

NOTAS

¹ A palavra *convescote* foi forjada pelo filólogo brasileiro Antonio de Castro Lopes que criava versões nacionais para palavras estrangeiras, algumas tão esquisitas que até Machado de Assis, numa crônica de 1889, o ironizou. Esta invenção dele, criada para substituir a palavra *piquenique* (de origem francesa e depois muito divulgada pelos norte-americanos) é muito pouco utilizada.

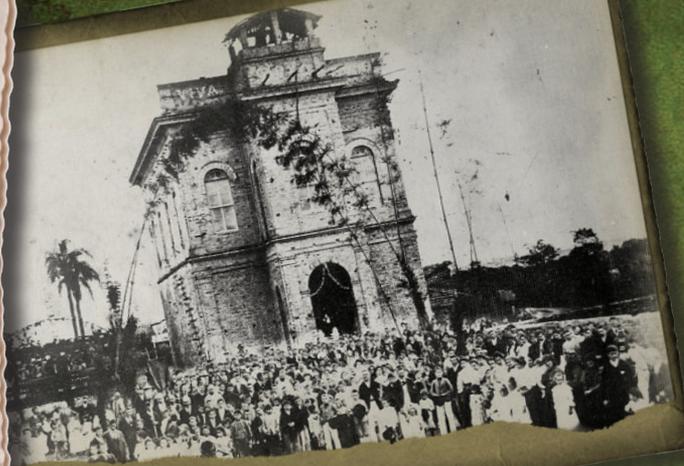
² O autor faz referência ao prédio onde hoje funciona a Câmara Municipal de São Caetano do Sul, que abrigou a Prefeitura até 1992.

³ A festa das fogueiras é uma tradição que vem da Idade Média e sempre foi feita como uma homenagem a São João Batista. Da mesma forma o uso de balões e fogos de artifício eram utilizados nas festas dos mencionados santos. Os fogos de artifício serviam, conforme a tradição, para despertar São João, e os balões costumavam levar pequenos papéis com pedidos feitos pelos participantes da festa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
MARTINS, José de Souza. *A visita do imperador D. Pedro II ao núcleo colonial de São Caetano em 1878*. Raízes, São Caetano do Sul, n. 2, dez. 1987.
GARBELOTTO, Oscar. *Os campos de futebol do São Caetano Esporte Clube*. Raízes, São Caetano do Sul, n. 4, jan. 1991.
RUFINI, Claudinei. *Os Passatempos Prediletos*. Raízes, São Caetano do Sul, n. 3, p. 39-42, jul. 1990.
PATRÃO, Jayme da Costa. *Um Dia Especial*. Raízes, São Caetano do Sul, n. 7, 1992.

(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)



Moradores de São Caetano em frente ao templo da atual Paróquia São Caetano (Matriz Velha), momentos antes da saída da procissão em louvor a Santo Antônio, em 13 de junho de 1908. O grande arco que aparece, em destaque, na imagem, enfeita a paisagem, concedendo-lhe um clima festivo

A Banda Casa de Savoia, da Sociedade de Mútuo Socorro Principe di Napoli. Era presença obrigatória no ciclo festivo iniciado em junho e encerrado em agosto, com as comemorações em louvor a São Caetano, o santo padroeiro da cidade

“**E**m torno da igreja e da religião é que aconteceram todos os fatos em São Caetano, naqueles primeiros e difíceis anos para os colonos italianos.”¹ Tal afirmação encontra ressonância nos relatos de moradores antigos da cidade, muitos dos quais descendentes dos imigrantes que aqui se estabeleceram a partir de 1877. No exercício de trazer à tona suas memórias, esses antigos moradores apontam, dentre outros acontecimentos, episódios transcorridos no Bairro da Fundação, como as animadas quermesses que integravam um ciclo de festas iniciado com as comemorações de Santo Antônio, prosseguindo com as de São João e de São Pedro, e encerrando-se com as dedicadas a São Caetano, o santo padroeiro da localidade. Embora fossem eventos que ocorriam uma vez no ano, as mencionadas festividades podem ser inseridas no conjunto das opções de lazer e diversão que marcou a cidade nas primeiras décadas do século passado. Tal como se verificava com as formas de entretenimento convencionais e rotineiras, como, por exemplo, os bailes promovidos por clubes e entidades locais, as quermesses não só propiciavam momentos de descontração à comunidade, como ainda deflagravam uma série de sociabilidades entre seus frequentadores e apreciadores, evidenciando, assim, tradições, hábitos e costumes que estiveram na base cultural da referida modalidade de lazer.

É de Nicola Perrella² um importante e rico relato sobre esse ciclo de festas observado ao redor da histórica Igreja São Caetano, conhecida como Matriz Velha. Esse relato integra as crônicas e narrativas que compõem o livro *Entre as torbas de São Caetano*, “considerado o melhor retrato social de São Caetano do Sul, a partir de 1900, com suas autênticas expressões italianas, que caracterizavam o modo de viver da época”³. Abaixo, *Raízes* apresenta, integralmente, o precioso relato em questão.

UM ANIMADO CICLO DE FESTAS AO REDOR DA MATRIZ VELHA

Festa do Padroeiro

Nicola Perrella

Entre as torbas de São Caetano

Seria humanamente impossível recordar tudo desde a minha tenra idade os fatos decorridos e verificados, seria exigir o máximo no turbilhonamento e vértice de tôda a labuta, mas assim mesmo, com o “borrador” de minha mente, envidarei todo o esforço possível, tôda a boa vontade a fim de conseguir aquilo que realmente temos em mira...

- Recordo ainda perfeitamente – aquele quadro típico e bastante pitoresco que sempre apresentava nossa velha “barra-funda” todos os anos. Lá estava a velha Igreja, símbolo de um passado, repicando os sinos daquele tempo. Suas longas cordas subiam e desciam puxadas pelo devoto sacristão, as badaladas eram ouvidas longe em todos os recôncavos de nossa Comuna, parecia abençoarem tudo e a todos desta região, chamavam os fieis para a Santa Missa.

Homens, mulheres e crianças, entre uma prece elevada ao céu, seguiam em direção à Igreja para a benção “domingueira”, era dia festivo, nossa gente madrugava e acorria respeitosa, a missa iniciava-se muito cedo.

As festas juninas aproximavam-se para gáudio de nossa gente, era a festa de Santo Antonio, festa de S. João, a grande festa de S. Pedro e por fim, a inesquecível festa do Padroeiro. Eram dias festivos realmente, eram semanas que se passavam em festas, eram meses que se festejavam, mas, naturalmente, tudo era festejado após a luta diária de nossos trabalhos. S. Caetano engalanava-se, ficava todo festivo e nossa gente sentia-se alegre e feliz com isso.

O trabalho era iniciado mais cedo nessas ocasiões a fim de poderem sentir mais perto tôda a extensão das festividades. Era gente que descia do morro, era povo que vinha de todos os recantos daquele “S. Caetano de Ontem”, eram homens e mulheres que afluíam, vindos de outras regiões.

Por êsse tempo, no ar sentia-se um cheiro à pólvora queimada, era o cheiro dos rojões que espocavam de instante a instante pelo alto, era o fogueteiro alertando a tudo e a todos que as grandes festividades estavam iniciadas, eram bombas que estouravam por todos os lados retumbando e ecoando por êste recanto “tijucence”, e, realmente, nossa gente sentia-se feliz com tudo isso e elevava mais uma prece ao Santo Padroeiro pedindo sua benção Divina.

Nossas ruas, nesses dias pareciam mais soberbas, encontravam-se tôdas engalanadas com arcos de bambús e bandeirinhas multicores, “S. Caetano de Ontem” pontilhava com tôda essa festividade engrandecendo-se cada vez mais e chamando para cá uma grande multidão para assistirem os festejos, o afluxo então tornava-se grande e bastante notório, e os que vinham davam-nos mesmo a impressão que desejavam ver de perto a grande festa do Padroeiro.

A massa do povo era grande, compacta em nossas “festações”, S. Caetano ia parecendo pequeno diante de tanta gente... Mas, sempre havia lugar para mais um, nossa gente sabia acolher os visitantes, as portas das casas permaneciam abertas, as mesas estavam sempre prontas para o atendimento daqueles que procuravam estas plagas. Parecia compreenderem, sabiam que com isso “S. Caetano de Ontem” podia alastrar-se, viam com isso, um grande progresso para esta Comuna.

Aquele pipeiro, aquele tijoleiro e todos os homens das olarias ali estavam, alguns dêles, vestiam uniformes de gala... Ali estavam êles “enfiados” dentro de um vestuário bastante diferente daquele das olarias... Ali estavam esquecidos das tórbas, do barro e da argila, marchavam soberbos, sóbrios, pelas nossas ruas, e, realmente, nesse instante pouco lembravam das suas profissões, ali estavam com seus instrumentos musicais reluzindo ao sol pelas ruas festivas.

Os homens do barro e das tórbas, formavam o complemento dessa grande festividade, eram duas bandas musicais que êsses homens completavam, eram as gloriosas bandas de música de todo êsse tempo que ali apareciam com seus músicos garbosamente vestidos, eram êles que ali estavam num colorido assaz pitoresco e na realidade, eram duas bandas respeita-



das em todos os recantos de nosso Estado, a elas também, tôda nossa admiração.

Assim, as grandes festividades continuavam, o trabalho não podia ser esquecido... Mas, todos, após o dia festivo, levavam sempre uma pontinha de saudades e procuravam se desincumbir o mais breve possível de suas tarefas para o retorno à grande festa.

Eram prendas e mais prendas ofertadas para a grande quermesse, eram prendas valiosas que apareciam de todos os recantos, todos tinham satisfação de contribuir, ninguém se recusava a isso, as festividades marcavam época para o leilão, eram prendas de tôda sorte, até alguns leitões.

Em volta do grande coreto, um amontoado de coisas para o leilão, eram prendas de tôda sorte, até alguns leitões, cabritos, frangos e mesmo um bezerro ali estava. O leiloeiro olhava para aquele amontoado de coisas e parecia sorrir... Lá estava êle todo empertigado com uma prenda com uma prenda em sua mão pronto para dar o primeiro lance, esperava a banda terminar algum trecho de ópera ou dobradinho, depois, mostrando a prenda a tôda aquela multidão gritava em altos brados:



- É UMA GARRAFA DE VINU INTALIANU MÊA GENTE... QUANTU ME DÃO?... UM FIORIM?... (UM MIL RÉIS) TENHU UM FIORIM... UM FIORIM, QUEM DÁ MAIS? DOIS MIL RÉIS?... TENHU DOIS MIL RÉIS... VEJA... VEJA MÊA GENTE... É PURO VINU INTALIANU... ÓIA AQUI U RÓTULU...

ALGUÉM LÁ NA FRENTE ENTRE TODA AQUELA GENTE GRITAVA:

- DUE E QUINHENTU... A GARRAFA É MIA PER DUE E QUINHENTU...

O LEILOEIRO, MAIS UMA VEZ ENTÃO GRITAVA:

- TENHU DOIS I QUINHENTU... NINGUÉM DÁ MAIS?

- TENHU DOIS I QUINHENTU... NINGUÉM DÁ MAIS? DOU-LHE UMA... DOU-LHE DUAS E DOU-LHE TRÊIS.



O arrematador então, ia pagar a prenda e punha-a novamente para o leilão, a mesma prenda às vezes era arrematada por diversas pessoas e custava bom dinheiro para que ninguém a levasse. O mesmo caso dava-se com os cabritos, leitões e bezerros e só ao findar-se a festa é que carregavam as prendas arrematadas.

O fato mais curioso, bastante pitoresco, era aquele do beijo da moça... Era posto em leilão o beijo de u'a moça... Esta, toda sorridente subia para o "palanque" e ali ficava exposta à curiosidade de todos para o leilão do beijo... Era muito natural... Era visto que alguns homens retorciam o bigode, iam dar o maior lance para receber o beijo daquela linda moça, mas, de repente recebia uma cotovelada... Havia esquecido que ao seu lado estava a cara metade, esta, percebendo o entusiasmo do marido enfiava-lhe o cotovelo por baixo do braço... Mas, também ali estavam os solteirões, estes, iam pagar um preço bastante elevado o arremate do beijo, o leilão ia longe, o pobre leiloeiro ficava com a garganta sêca de tanto gritar... Eram lances e mais lances que se verificavam e a plateia festiva parecia sorrir com isso, todos ficavam de expectativa, queriam ver a quem cabia aquele ósculo...

O leiloeiro cansado, vendo que os lances continuavam, deliberava então... – dou-lhe três. A moça ali continuava para dar o beijo do leilão, o arrematador parecia ter ficado tímido, tôda aquela gente queria ver... Queriam ver quem era felizardo... E finalmente, o arrematador subia para o coreto, pagava a sua prenda... Depois... Depois ficava à espera do beijo... Mas, ó decepção, a moça, diante de todos seguia em direção a seu progenitor e beijava-o na face, e, realmente, era um beijo posto a leilão, porém, não dizia a quem... Porisso, não podia haver reclamações... E o povo sorria entre palmas e gargalhadas com o leilão do beijo...

O leiloeiro, após aquele estafante vozerio do "quem dá mais" naturalmente sua garganta devia estar sêca... Porisso, logo em seguida, voltava-se para a banda de música gritando: música... maestro. E a nossa gloriosa lira musical, irrompia sonoramente com seus instrumentos tocando a "área" de alguma ópera ou aqueles dobradinhos que davam comichão à nossos pés e "formar" uma par ali mesmo para dançar...

Mais para o lado o enorme tableiro, ou me-



lhor, aquele quadro bastante grande com uma porção de quadrinhos, os quais, podíamos contá-los até noventa, chamava a atenção dos presentes. Era êsse, o jogo da tômbola, as cartelas eram vendidas antecipadamente por uma porção de mocinhas, ninguém recusava a compra daqueles cartões numerados, porisso, logo via-se o saquinho dos números ser bastante sacudido e a tômbola ser iniciada. O “cantadô” dos números olhava para o homem do bumbo e ordenava o alerta que o jôgo estava iniciado, logo ouvia-se o “chim-bum” e todos corriam com suas cartelas na mão.

- Número... 13, - gritava o “cantadô” é dia de Santo Antonio, número 29... dia de S. Pedro... número 28, fundação de São Caetano, número 24, dia de S. João, número 7, dia do Padroeiro... numero...

Cincuina... Cincuina, - gritava alguém no meio do povo. Êste, estava premiado com os primeiros cinco algarismos, e assim a tômbola continuava até seu término, depois, a banda irrompia novamente e a grande festa continuava.

À frente da velha Igreja, viam-se arcos e mais arcos de bambus bastante enfeitados, era tudo um colorido com bandeirinhas de papel de seda e adornos de pequenas lanterninhas distanciadas uma da outra. O espetáculo tornava-se cada vez mais contagiante com o seu deslumbramento. Viva Santo Antonio... gritava alguém subitamente. – Viva San Giovanni... – gritava outro – e viva San Pietro e San Gaetano... dizia outro ainda – Viva... Vivaáááá... respondia a massa em côo – Nesse mesmo instante, a banda entusiasmada, quebrava todo aquele vozerio com seu “tarará-xibum” e os rojões espoucavam novamente pelo espaço de nosso “S. Caetano de Ontem.”

Mais além estava o célebre e escorregadio pau-de-sebo, lá estava êle alongado em direção ao céu parecendo de uma forma quasi invencível... Um amontoado de rapazes procuravam galgá-lo a todo custo, enchiam os bolsos com areia e para lá seguiam na esperança que dessa vez chegariam ao seu alto em busca dos prêmios... O pau-de-sebo, todo untado, parecia rir-se ou mofar-se de tôda aquela rapaziada, êstes, chegavam a galgá-lo até a metade... Depois deslizavam para baixo decepcionados. Risos e gargalhadas sonoras eram então ouvidas, o pau-de-sebo continuava invulnerável,

parecia mesmo, ser inatingível, sua ponta...

Depois de dura pena, era permitido ficar um sôbre o outro a fim de atingirem sua ponta e repararem os prêmios. De repente, por entre a massa do povo, formava-se uma enorme gritaria e correria por todos os lados, haviam solto um leitãozinho todo untado entre tôda aquela multidão. Pega... Pega, - gritavam alguns – E o pobre cachacinho era acossado por tôda parte fugindo ora de um lado e ora de outro. Mas, o pior era que muita gente fugia dêle, não queriam ser untados pelo leitãozinho, a “fatiôta” era aquela das “domingueiras”... E dessa forma, tudo era festa, tudo era alegria, a “festança” continuava em seu clímax, ninguém arredava pé, queriam ver o término.

Enquanto isso, dentro da velha Igreja, o sacerdote postado em frente à grande nave, abençoava tudo e a todos. Os sinos, de vez em quando repicavam lá no alto da torre, dobravam badaladas da grande festa, era a procissão que ia ter início, era a marcha da fé que ia ser começada. A banda mantinha-se quieta, o leiloeiro não mais gritava para o lance do leilão, e, a um só tempo, em todo esse instante, todos pareciam compreender que havia chegado o momento de voltarem suas vistas para o céu, e, enquanto os sinos badalavam, muitas mãos eram levadas à testa e ao peito, era o sinal da cruz entre tôda uma prece voltada ao nosso Padroeiro.

O lusco-fusco do entardecer, ia cobrindo com seu manto escuro todo o dia claro de nosso “S. Caetano de Ontem”, aquele vozerio e gritarias não se ouviam, era a plenitude calada, era o último dia festivo dêsse ano, era o derradeiro dia em festa que transitava por tôda aquela gente de “ontem”, era mais um dia de saudades que ficava por todo êste nosso S. Caetano.

A massa compacta de nossa gente, ia tomando lugar em frente à Igreja para a marcha da procissão. Eram velhos e moços que acendiam suas velas dentro de uma forma de saquinho de papel, as falas emudeciam nesse instante, apenas murmúrios em voz baixa. A imagem do Santo Padroeiro aparecia pelos umbrais da grande porta da Igreja. Homens, mulheres e crianças baixavam-se nesse momento, entre todos um só respeito, a imagem de S. Caetano era então recebida entre tôda aquela multidão com grande salva de morteiros, a bateria artificial irrompia estourando ba-



rulhentemente suas bombas saudando a imagem carregada, os rojões riscavam o ar subindo de encontro ao céu e estalando por onde passavam, fumaça com cheiro a pólvora queimada invadia tôdas as narinas, a festa continuava em seu esplendor.

Lá na frente, moças, tôdas vestidas de branco entoavam hinos e cânticos sagrados, mais atrás, senhoras de tôdas as idades formavam o grande côro, como tudo isso era lindo, como lembramos isso tudo com grande saudade, e, finalmente, mais atrás vinham nossas gloriosas bandas musicais, mas, à frente de todos os homens que compunham a enorme procissão.

Em muitas casas, podia-se ver nas janelas, velas acesas e as fachadas tôdas adornadas com bandeirinhas de papel de seda, nossas ruas estavam coalhadas de ambulantes de tôda qualidade, eram quinquilharias e doces que vendiam, outros negociavam frutas de espécies diversas.

A grande festa encontrava-se em todo seu apogeu, a procissão seguia lentamente pela noite festiva, eram preces e mais preces que se elevavam ao céu dentro da fé e da esperança, era o povo daquele “S. Caetano de Ontem” que caminhava esperançoso para a grandeza dêste S. Caetano de hoje.

Os sinos continuavam badalando aquela procissão que seguia, nosso céu parecia ser riscado com a trajetória do rojão que subia, era o povo de nossa terra que ia abrindo as portas dos gonzos endurecidos... Era aquela gente de “ontem” que nos acendia uma luz brilhante, eram êles, que marchavam pelas trevas nos dando o rútilo de nossos dias, e, fôra tôda aquela gente que, na realidade, abriram-nos as portas do pro-

Roteiros e Olvido...

gresso.

“S. Caetano de Ontem”, de todo êsse tempo, todos os anos debruçava-se finalizando suas festividades. Após o término da grande procissão, a terra de

“Tijucuçu” parecia ficar toda iluminada, eram rojões e mais rojões que subiam lá no alto espoucando e assobiando para todos os lados, os fogos de artifício chiovavam e iluminavam todo o espaço de nossa terra. Nesse instante, êste lugar do barro e das argilas, êste torrão de todos aqueles oleiros parecia tornar-se cintilante, era o fim da festa que se tornava fulgurante.

O espetáculo estava a findar-se, a grande festa do Padroeiro terminava, todos voltavam satisfeitos para suas casas à espera do novo dia... Todos seguiam cantarolando por aqueles caminhos, que na realidade, não eram estradas. Os instrumentos musicais não mais tocariam por algum tempo... Muitos carregavam as prendas arrematadas no leilão, havia também aquele que dera o maior lance para a conquista do beijo... Êste, certamente ia pensando nisso... Talvez pensasse mesmo na linda moça...

Dessa forma, a luta para a sobrevivência ia continuar, as festas inesquecíveis parecia ficarem para o olvido... Todos seguiam novamente para o caminho rotineiro, era a rotina do trabalho êsse caminho, era entre todo o labor de nossas indústrias que iam ocupar-se agora novamente, eram telhas e tijolos que iam fabricar, nada mais ia detê-los, a avalanche incontida das nossas primitivas indústrias canalizavam-se para todos os lugares e para tôdas as direções, “S. Caetano de Ontem” parecia crescer verticalmente, parecia assoberbar-se ante a extensão de seu progresso, parecia não haver mais empecilhos no vórtice de suas labutas... Os homens pareciam agigantar-se mais e mais... Agora, era a festa do trabalho... Olvidaram aquela... Mas, ficava esta... Era isso, davam o máximo, no roteiro da vida. **R**

NOTAS

¹ GARBELOTTO, Oscar. A centenária festa do padroeiro da cidade: São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 10, p. 36, jan. 1994.

² Nicola Perrella nasceu em São Caetano do Sul. Era filho de Pascoal e Isabel Perrella. Dentre as diferentes atividades que desenvolveu na cidade, destacam-se as relativas à área jornalística e as exercidas em clubes e instituições, como a Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe di Napoli, o São Caetano Esporte Clube, o Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal, a Associação Comercial e Industrial, dentre outras entidades. Além de *Entre as torbas de São Caetano*, Nicola Perrella deixou também as seguintes obras: *Chão feio da natureza bela*, *De caniço e espingarda*, *Caneta, espingarda e caniço*, *Folhas de Buriti*, *O grande espigão* e *Roteiro da vida de um homem público*.

³ HOMENAGEM. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 1, p. 36, jul. 1989.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERRELLA, Nicola. *Entre as torbas de São Caetano*. São Paulo: Edições Alarico Limitada, 1961, p. 73-83.



NO ESCURINHO DO CINEMA...

Monica IAFRATE (*)



*Cartazes dos filmes A
ppasionata (1952)
Florada na Serra (1954)
e cenas das séries
Hopalong Cassidy
(década de 1930)
e Flash Gordon (1936)*

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

A magia exercida pelo cinema fez desta arte uma das formas de lazer mais populares de todos os tempos, seja pela possibilidade do “sonhar acordado” que muitas vezes os filmes nos proporcionam, seja pela possibilidade do “ver e ser visto”, que acontecia nos intervalos das sessões. O cinema tem cativado gerações, alimentado sonhos, divulgado moda e introduzido novos costumes, tornando-se, assim, parte das lembranças e memórias mais caras das pessoas.

Em São Caetano do Sul, essa paixão começou cedo. Já em 1917, na época uma localidade do município de São Bernardo do Campo, já havia um cinematógrafo em funcionamento: equipamento rudimentar, movido à manivela que era ao mesmo tempo projetor, filmador e copiador de filmes.

As sessões aconteciam na Rua Rio Branco, em frente à Rua Rodrigues Alves, onde José Golfetti, o responsável pela introdução da novidade, organizava as sessões nas noites de sábados e domingos. Era notável o fato de não haver energia elétrica em São Caetano, assim para que tudo funcionasse, o cinematógrafo era acionado por um gerador (que muitas vezes falhava deixando todo mundo no escuro). A sala de projeção era iluminada por alguns lampiões, que eram apagados quando iniciava sessão.

Os primeiros filmes apresentados não contavam histórias, eram imagens de homens de casaca, mulheres bem vestidas à moda parisiense que, para espanto de todos, se moviam, como se estivessem ali mesmo naquela sala! Era de causar espanto, uma coisa difícil de acreditar que deixava o público boquiaberto. Manoel Cláudio Novaes no seu livro de crônicas¹, conta uma história curiosa daqueles primeiros tempos:

“De outra feita, uma senhora ali estava pela

primeira vez, com duas sobrinhas. Em dado momento, o cinematógrafo projetou na tela o estouro de uma boiada, numa enorme nuvem de poeira. A mulher assustou-se, apertando as mãos das sobrinhas sentadas à direita e à esquerda. Amedrontada, deixou escapar a exclamação: *mamma mia!*, e o desespero dela tomou conta, quando a câmara que fizera uma tomada de frente da boiada deu a impressão de que os bois saíam da tela lançando-se sobre os espectadores. Então, a mulher ergueu-se arrastando as sobrinhas, imprecando aos gritos: *Madonna! Madonna!*, trombando nas pernas de alguns, enroscando a longa saia nos vértices das cadeiras, levando tudo de roldão, entre as vaias dos assistentes e os rogos de calma do Sr. Golfetti. Tudo em vão. A mulher e as sobrinhas, por ela arrastadas, lançaram-se para fora, enfrentado a escuridão da noite, esconjurando o cinematógrafo (...).”

Depois disso, passaram a predominar os filmes norte-americanos, produzidos em escala industrial e a magia se espalhou sem fronteiras. As salas de cinema se disseminaram com infraestrutura cada vez mais sofisticada. Assim nasceram os cinemas que ficaram gravados na memória dos moradores de São Caetano, o Cine Central, o Cine Max, Primax, Cine Átila, Cine Planalto o Cine Copacabana, o Cine Urca, o Cine Vitória, entre outros. Quem só conhece as salas de cinema dos shoppings se espantaria com cinemas com o Primax, que tinha capacidade para 2.500 pessoas.

E o público lotava as salas sem perder uma sessão. No início eram os filmes mudos, com os músicos acompanhando a ação e a sonoplastia improvisada pelos donos do cinema. Os heróis eram Rodolfo Valentino, Charles Chaplin, Douglas Fairbanks sempre ao lado das mocinhas como Louise Fazenda, Mary Astor e Clara



Fachada do Cine Max em 1948

Bow. Era também o início dos seriados (filmes apresentados em capítulos semanais), a paixão da meninada que se tornou uma febre a partir da década de 1930 com *Flash Gordon*, *Buck Rogers* e *Tarzan*. Estes tempos ficaram gravados nas lembranças de Antonio de Souza, registrada no livro *Cotidiano e História*².

“O negócio da garotada aos domingos era ir ao cinema. A matinê começava as duas e terminava às cinco; tinha um intervalo. O forte era o seriado, passava um filme inteiro e depois passava parte de um seriado e parava sempre quando a mocinha estava em perigo. Depois a turma torcia e ficava a semana toda comentando como é que o mocinho ia sair daquela, ia na outra semana para ver o desfecho. Todo cinema tinha isso. A noite chamava *soirée*. Teve um tempo que teve sessão das moças, moças não pagavam. A gente ia ao cinema arrumar namoradinhas, chegava na matinê meia hora antes e começava a ‘circular’ dentro do cinema. Ia e fazia aquela volta, tinha cinema que não permitia, mas a maioria era isso. As meninas ficavam sentadas e a gente dava sinal se podia sentar ao lado dela; se virasse a cabeça, negativo.”

Havia também as sessões especiais como a “*soirée das mulheres*”, como relembra Jane Razzante, que veio para São Caetano em no início da década de 1940: “Naquela época, o cinema era nossa diversão e aqui em São Caetano tinha muito cinema e tinha lançamentos, filmes novos e a gente ia praticamente toda semana. Tinha o Cine Max no Centro e o Cine Urca na Manoel Coelho. Depois tinha na Rua Amazonas o Co-

pacabana. Eu morava na Rua Santa Catarina e a nossa distração era ir ao cinema e ao salão de baile. A gente ia ao Cine Max e no Cine Urca. No Urca tinha a sessão das moças que era de terça-feira e de quinta-feira era no Cine Max. Então era de terça e quinta, sábado e domingo que a gente ia ao cinema. Na sessão das moças o ingresso era mais barato, as moças pagavam menos que os rapazes. Toda semana era um filme diferente, eles mudavam no fim de semana. O programa mudava de sexta-feira no Cine Max ou no Urca então a gente ia durante a semana em um e no outro para pegar a programação dos dois.”

Nessa época começaram as produções de Hollywood com filmes épicos, como *Ben-Hur*, *O Manto Sagrado*, *Cleópatra*, que consagraram astros como Elizabeth Taylor, Richard Burton. Foi o tempo dos grandes astros e estrelas como Charlton Heston, Erroll Flynn, Rita

Interior do Cine Primax, inaugurado em 1951





Hayworth (a eterna Gilda), Rock Hudson e Marilyn Monroe. E também dos musicais com Fred Astaire, Ginger Rogers, Gene Kelly e Judy Garland em produções marcantes como *O Mágico de Oz*, *Dançando na Chuva* e *Núpcias Reais*. Como não falar dos filmes de Faroeeste, os famosos *bang-bang*, com o inesquecível John Wayne.

Não podemos nos esquecer da fase áurea do cinema brasileiro com as grandes produções da Vera Cruz e astros como Tônia Carreiro, Anselmo Duarte, Cacilda Becker e Mazzaropi. “Os filmes naquela época eram muito bons, tinha *Ben-hur*, *O Manto Sagrado*, filmes épicos sobre Roma, o faroeeste... *Ben-Hur* foi muito lindo e *Cleópatra* foi uma coisa fantástica porque começou o cinemascope naquela tela grande”, conta Jane.

Ir ao cinema era também tinha suas regras: as mulheres usavam sua melhor roupa e os homens só podiam entrar de terno e gravata. Jane conta que, para ir ao cinema com o namorado só se levasse - uma amiga, uma irmã, uma tia – a famosa “vela”. “A gente se vestia bem para ir ao cinema, aquele vestido de cinturinha com aquelas anáguas, não cavado, com aquela manga japonesa, com brinco, colar, pulseira, aquele sapatinho que chamava baby que era de saltinho. E era chique (...). Para ir com namorado tinha que ir acompanhado. Como minha irmã namorava com o irmão do meu marido, iam as duas com os namorados. Aos sábados e domingos, a mãe e o pai também iam. Sozinha com namorado não podia ir, de jeito nenhum. Dentro do cinema, todo mundo era sério. Namorado só pegava na mão quando o pai e a mãe não iam. Nada de escândalo, às vezes um assóvio dependendo do filme ou quando a força parava, ficava aquela zoeira, mas nada de vandalismo. Para começar não vendia pipoca, não tinha aquelas coisas para comer. Às vezes uma balinha um jogava o papelzinho na frente no outro, mas nada de extraordinário. Éramos comportados.”

Nas décadas de 1950 e 1960, o cinema ainda era a principal diversão da moçada. Os filmes que empolgavam as plateias tinham agora outros astros como Alan Delon, Sofia Loren e Suzane Blanchet. Memórias que os amigos Elizabeth Camargo Gonçalves e Antonio Carlos Roque da turma de 1962 do Colégio Bonifácio de Carvalho compartilham com saudades: “A nossa diversão principal era ir ao cinema. Era muito marcante a

figura do lanterninha, que não permitia que se encostassem os pés na cadeira da frente. Qualquer atitude, falar mais alto ou uma brincadeira dentro do cinema já era motivo para colocar para fora do cinema isso acontecia mesmo. Então nossa diversão era ir ao cinema, tanto no final de semana como durante a semana quando de vez em quando faltava um professor. Era obrigatório para os homens uso de paletó. Por isso o nosso uniforme (na escola) à noite era paletó para poder matar aula e ir ao cinema senão, não entrava”, conta Roque.

Um dos cinemas mais frequentados, segundo Roque, era o Cine Vitória: “Frequentávamos basicamente os cinemas aqui do Centro: o Cine Vitória, o Cine Lido e o Cine Max. Eram os três. O Cine Lido, antigamente, chamava-se Urca, depois mudou para Lido e ficou um cinema mais elitizado. Mas o Cine Vitória era a nossa paixão porque era a maior tela de São Caetano, passava os melhores filmes, então a gente sempre privilegiava o Cine Vitória. Como não tinha muita variedade de opções de lazer, era direto no cinema não importava se o filme era de sucesso ou não. Hoje a maioria das salas de cinemas nos shoppings são salas para 200, 300 pessoas. O Cine Vitória tinha capacidade para 1.300 pessoas, O Cine Max 1.100 pessoas, era cinema mesmo, não tinha alternativa. E as sessões lotavam”.

Elizabeth fala da diversidade da programação: “Todo domingo era uma programação diferente. Eu me lembro que todo domingo nós estávamos no cinema, para ver filmes épicos, históricos e *bang-bang*. Tinham filmes proibidos. Aos domingos na matinê você entrava, não tinham filmes proibidos, era por isso que gente ficava nesse horário.”

O cinema ainda era um importante ponto de encontro onde jovens se reuniam, desfilavam e paqueravam. “As sessões eram duplas, eram dois filmes. Primeiro passava um filme já meio velho. Daí o segundo filme era o filme principal. A sessão começava às 7h30 e ia mais ou menos até às 11h. Sempre tinha um intervalo onde as pessoas circulavam dentro do cinema, para ser visto e se mostrar. As paqueras eram diferentes. Era flertar, trocar olhar (...). Naquela época era diferente não se flertava assim abertamente, era um negócio mais inocente. Para ir com a namorada no cinema era complicado. Não tinha outro tipo de lazer, você começava a



Arquivo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fachada do Cine Lido, que substituiu o antigo Cine Urca. Foto da década de 1960

namorar no cinema, hoje você sai para jantar. Naquela época não tinha isso, então a gente namorava no cinema. Mas a gente já tinha a liberdade de ir sozinho com a namorada”, relembra Roque.

E Elizabeth completa: “Mas era no máximo uma mãozinha dada porque tinha o lanterninha. E sempre se ia com um grupo de amigos. Era bem inocente a coisa. Mas também nós éramos muito jovens. Às vezes, você só via a paquera no domingo, quando este não era da escola. E você ficava aguardando para olhar, só olhar (...). Tinha uma música, que não me lembro o nome agora, que tocava sempre no Cine Vitória no momento em que fechavam as cortinas e a gente sabia quando ia começar a sessão. Tocavam músicas bem relaxantes e quando ia começar o filme era essa música que tocava.”

“Aí todo mundo sentava. Algumas pessoas sentavam, mas a maioria ficava circulando dentro do ci-

Fachada do Cine Vitória, na década de 1960

Arquivo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



nema, passeando assim para ver quem chegava quem não chegava, quem estava (...). Naquela época não se falava em tribos, mas diversas tribos, diversos grupinhos – o grupo da 3ª série do ginásio, o grupo da 4ª série, o grupo de certas meninas, se juntava naquele lugar certo no cinema, sentavam num lugar predeterminado”, finaliza Roque.

Os tempos mudaram e o cinema perdeu espaço e o glamour para outros tipos de entretenimento. As salas diminuíram e ficaram confinadas nos shoppings centers. Mas a paixão pela sétima arte ainda arrasta multidões. É só conferir as filas que se formam nas estreias. O cinema ainda encanta, comove, diverte e alimenta sonhos. **R**

NOTAS

¹ Novaes, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Paulo e São Caetano do Sul: Meca e Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991.

² Ramos, Adriana M. C. e Souza, Monica de. *Cotidiano e História*, São Paulo e São Caetano do Sul: Hucitec e Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992.

FONTES

Entrevista com Antonio Carlos Roque. São Caetano Sul, 6 de outubro de 2011.

Entrevista com Elizabeth Camargo Gonçalves. São Caetano Sul, 6 de outubro de 2011.

Entrevista com Jane Razzante. São Caetano do Sul, 10 de outubro de 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GORZONI, Priscila. *A Magia do Cine Vitória*. Raízes nº 37, 62-64. Julho de 2008.

LORENZINI, Victória Gomes. *Viúva reconstrói algumas memórias do Cine-Parque Central*. Raízes nº 13, 70. Julho de 1995.

NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca e São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991.

RAMOS, Adriana M. C. e SOUZA, Monica de. *Cotidiano e História*, São Paulo e São Caetano do Sul: Hucitec e Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1992.

RUFINI, Claudinei. *Os Passatempos Prediletos*. Raízes nº 3, 39-42. Julho de 1990.

SCLJAR, Moacyr. *Memória de (o) cinema: os anos silenciosos*. Raízes Nº 5, 46-47. Julho de 1991.

XAVIER, Sonia Maria Franco – *Os Cinemas de São Caetano*. Raízes nº 05, 39-45. Julho de 1991.

(*) *Monica lafrate é historiadora, com especialização em Museologia, formada pela USP. Há 22 anos atua na área de pesquisa e organização de acervos históricos e artísticos. Atualmente trabalha na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



A IDA AO CINEMA

Costume que se enraizou na cultura do lazer da São Caetano de antigamente

O cinema, uma das maiores manifestações artísticas da humanidade, sempre espalhou emoção nas plateias do mundo inteiro. Em São Caetano, passou a figurar entre as principais opções de lazer da população já a partir das primeiras décadas do século 20, quando a sociedade local ainda engatinhava rumo ao desenvolvimento. E foi seguindo a trilha do crescimento político, econômico e social da cidade que a chamada sétima arte conquistou espaço junto aos moradores locais, passando a fazer parte de seu cotidiano.

A ida ao cinema não compreendia apenas o envolvimento com o filme em si. Era algo mais complexo, que extrapolava a simples condição de espectador. Tornou-se um costume que deixou suas marcas na cultura do lazer sul-sancaetanense. Manoel Cláudio Novaes, com sua maestria em relatar, a partir de saudosas lembranças, fatos e acontecimentos do dia a dia da São Caetano de antigamente, reservou uma crônica especial ao cinema. Nela, ele descreve, com minúcias, a dinâmica da primeira sala de projeção cinematográfica da cidade, o Cine Central¹, além de destacar os hábitos mais comuns e corriqueiros de seus frequentadores, como os comportamentos assumidos antes da entrada no ambiente e durante os intervalos das fitas e os relativos ao que era consumido pelo público, em termos de alimentos e guloseimas. Todos esses aspectos revelam uma espécie de panorama cultural das idas ao cinema.

Na sequência, a íntegra da referida crônica de Manoel Cláudio Novaes, escrita em julho de 1976 e publicada, ao lado de outras tantas de sua autoria, no livro *Nostalgia*.

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Lembranças do Cinema Central

Manoel Cláudio Novaes
Nostalgia

Era o único cinema da cidade, Cinema Central, localizado na Rua Perrella.

Aos domingos, matinée, com início às quatorze horas. Não havia fila para a compra dos ingressos. Não fora ainda inventada. Todos amontoavam-se numa enorme confusão e gritaria: “Me dá meia, Mafalda!” “Me dá duas meias!” “Me dá uma, Riccieri!” A par da gritaria das crianças, uma campainha elétrica a estridular desde a abertura da bilheteria até o início da sessão cinematográfica!

Na frente do cinema alinhavam-se os vendedores de guloseimas. Luiz Sorveteiro, com sua carrocinha. Sorvete de limão, de creme e chocolate. Sorvete em casquinha. O picolé era ainda desconhecido. Era necessário tomar logo o sorvete, porque derretia-se com uma facilidade incrível. Mais tarde apareceram novos sorveteiros, o Carmelo e seu pai. Vendiam sorvete em casquinha, tipo italiano, massa densa, não derretia com facilidade. O Andó com sua carroça de frutas, os vendedo-



Imagem do Cine Central na década de 1920

res de amendoim. O cinema possuía uma bomboniére onde havia grande variedade de balas, chocolates, pipoca doce (inexistia pipoqueiro nas ruas).

O cinema possuía frisas em plano mais elevado e atrás destas algumas fileiras de poltronas, preferidas pelos namorados. A platéia possuía duas fileiras de poltronas, separadas ao meio. Do

lado direito de quem entrava, mais ou menos da metade para a frente, ficavam os meninos; do lado esquerdo, na mesma proporção, as meninas. Jamais um garoto que se prezasse passaria para o lado das meninas. As demais poltronas eram ocupadas pelos adultos. Disse poltronas, entenda-se de madeira. Lá na frente um palco com a tela. Aqui ficava o projetor, atrás da tela. O filme era projetado do palco para a platéia.

Em baixo, junto ao palco, a orquestra. Infelizmente não lembro o nome de todos os músicos. Ao piano a professora dona Elisa; no baixo (rabeção), Matheus Negro; no violino, o Baptista. O flautista e o violonista completavam o conjunto.

Muita algazarra que atingia o máximo de decibéis quando do sinal para o início da sessão. A tela, de pano, era molhada, antes da projeção, com jatos d'água por bombas de bambu, munidas de êmbolo.

Os filmes eram silenciosos. Terminada uma parte, acendiam-se as luzes, e enquanto o operador trocava o rolo, comentários sobre a parte presenciada e algazarra da criançada.

A orquestra executava números conforme a natureza do filme – valsas, quando drama; marchinhas, quando comédias.

Quando o filme era sobre guerra, então Riccieri Lorenzini e um empregado, por detrás da tela, com o som do bumbo imitavam os tiros de canhão; com a caixa, metralhadora.

Havia intervalo de dez ou quinze minutos. A criançada corria para a rua, depois de obter a “senha” na porta, para comprar guloseimas e devorá-las dentro do cinema! Sorvetes, amendoins, balas, chocolates, laranjas, tangerinas e... até melancia! Pobres encarregados da limpeza!

Filmes de far-west, com Tom Mix e seu cavalo “Tony”, dramas: “Sangue e Areia”, “O Filho do Sheik”, “O Ladrão de Bagdad”, “O Pirata Negro”, “Os Três Mosqueteiros”, “Beau Geste”, “O Rei dos Reis”, “Ben-Hur” e comédias, entre elas, “Em Busca de Ouro.” Ah! os grandes ídolos da época: Rodolpho Valentino, Pola Negri, Ronald Colman, Douglas Fairbanks (pai), Mary Pickford, Ramon Novarro, Charles Chaplin, Thomas Meigan, Glória Swanson, Clara Bow, Wylma Banky, John Gilbert, Lary Simon, Chico Bóia, Buster Keaton, Harold Lloyd e tantos, tantos outros!

Os letreiros dos filmes ocupavam toda a tela, de sorte que os diálogos era intercalados entre os personagens. A propósito, lembro-me que no final de uma comédia, Harold Lloyd perguntou à mocinha se queria casar com ele. “Sim!”, respondeu a mocinha. Esse advérbio ocupou o centro da tela – letras brancas em fundo preto, em todo o quadrilátero, e a criançada acompanhou, alto, a uma você: “Sim!”

Os seriados! Cada capítulo terminava com o mocinho ou a mocinha em situação perigosa. Saímos do cinema tentando adivinhar como os nossos heróis se safariam do perigo e esperar uma longa e interminável semana!

Curioso, naquela época, parecia-me que uma semana demorava um ano para passar! Hoje, parece-me que um ano “voa” como uma semana!... **R**

NOTAS

¹ Localizado na Rua Perrella e inaugurado em 1922, o Cine Central foi o primeiro cinema de São Caetano. Seu edifício foi construído por Ettore Lantieri, um empresário do Bairro do Ipiranga, em São Paulo, que o alugou para Attilio Santarelli. Em 1923, o Cine Central passou a ser comandado por Maximiliano Lorenzini, que, ao lado dos filhos, ampliou os investimentos na área cinematográfica ao adquirir, nos anos de 1930, o Cine Parque Monte Alegre, sala de exibição também inaugurada na década de 1920 e que pertencia a Ulysses Tornincasa, Florêncio Fernandes e Aristides Grecco. Por ter se localizado junto a um parque repleto de árvores e ciprestes, na Rua Maranhão, o Cine Monte Alegre transformou-se num dos principais espaços de lazer da cidade, muito utilizado para convêscotes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991, p. 119-120.



O maestro
Eduardo
Sasso, em
foto tirada em
São Roque,
em 1920



Sob a batuta do maestro **EDUARDO SASSO,** operetas e programas musicais

Cristina Toledo de CARVALHO ()*

Eduardo Sasso nasceu em São Roque, interior de São Paulo, no dia 22 de julho de 1903. Sua vinda para São Caetano deu-se na década de 1930. Um dos principais motivos de sua instalação na cidade foi a música. A paixão por esta arte já o acompanhava desde os tempos áureos de sua juventude, no interior paulista, quando manteve uma companhia de teatro como forma de expressar os seus dons e estreitar o seu envolvimento com o universo musical. São Caetano apresentou-se como uma boa alternativa para as suas pretensões de crescimento e consolidação na área, uma vez que aqui já residia sua irmã Virgínia Sasso Quaratti. Ao lado de seus sobrinhos Júlio, Luiz, João e Ricardo Quaratti, filhos de Virgínia e Pedro Quaratti, fundou uma escola de música na Rua Major Carlo Del Prete.

Tal empreendimento adquiriu grande importância para Eduardo Sasso, na medida em que lhe possibilitou não só colocar em prática os conhecimentos musicais que havia obtido, mas também ampliar sua perspectiva de atuação no ramo, criando condição para o próprio aprimoramento cultural e artístico de São Caetano, que, na época, era apenas um distrito de São Bernardo. Embora a condição política da cidade fosse de atrelamento ao município bernardense, o seu quadro cultural já apresentava um significativo dinamismo, sobretudo em razão do eferescente movimento teatral amador encabeçado por clubes e agremiações como o São Caetano Esporte Clube, o Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal e o Monte Alegre Futebol Clube. Simultaneamente às artes cênicas, observou-se o desenvolvimento de uma cultura musical em São Caetano. A cidade, antes mesmo do surgimento das primeiras entidades esportivas e recreativas, já contava com duas bandas: a Casa de Savoia, pertencente à Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe di Napoli, e a banda da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano. Com o aparecimento dos clubes, pode-se afirmar que a música, até então uma opção de lazer esporá-

dica sofreu um impulso considerável por força das variadas programações oferecidas por aquelas agremiações, as quais compreendiam bailes, excursões, festivais dramáticos, convescotes, dentre outras atividades. Todos esses eventos eram momentos favoráveis para apresentações musicais, o que acabou propiciando a formação de *jazz bands* e orquestras.

Foi sob esse cenário musical ascendente que Sasso comandou os preparativos para a criação de uma banda que pudesse abrilhantar tanto as festividades ocorridas em clubes quanto as de caráter público, organizadas ao ar livre, em praças e ruas locais, por ocasião de comemorações cívicas e religiosas, por exemplo. Para a concretização da referida iniciativa, o maestro se valeu do material humano que tinha disponível no curso de música que ministrava. Assim nasceu a Corporação Musical Lyra São Caetano. No panfleto emitido para a divulgação do surgimento da banda, preciosas informações foram veiculadas a respeito de seus propósitos e estrutura, conforme segue: “Tendo-se finalizado os preparativos, esta novel Corporação Musical, tem a máxima satisfação de participar ao povo em geral, o seu Debut entre as fidalgas Agremiações de São Caetano; Modesta ainda, inexperiente na arte; mas, cheia de vida e vigorada pelo pulso de ferro da Bôa Vontade. E assim é, que a novel C. M. Lyra São Caetano apresentar-se-á ao publico, para dar signaes de sua vida, e não com fins egoistas de exhibição. É composta esta novel agremiação de 50 figuras, que poderá para o futuro orgulhar sua população. Todos operarios, moços, cujos recursos vão alem do sacrificio, e um capital que pertencerá ao Municipio, (é esta a maior garantia, para uma longa vida) [...]”

A parte final do panfleto destinou-se a exaltar os esforços de Eduardo Sasso, enquanto idealizador da corporação musical. “Eduardo Sasso, jovem Maestro, especialmente vindo à esta terra, genio de artista ardoroso, cuja capacidade demonstra nos seus feitos. Auctor de diversas operetas, entre as quaes: Ottilia, Orphansinha, 24 Maggio, e mui-

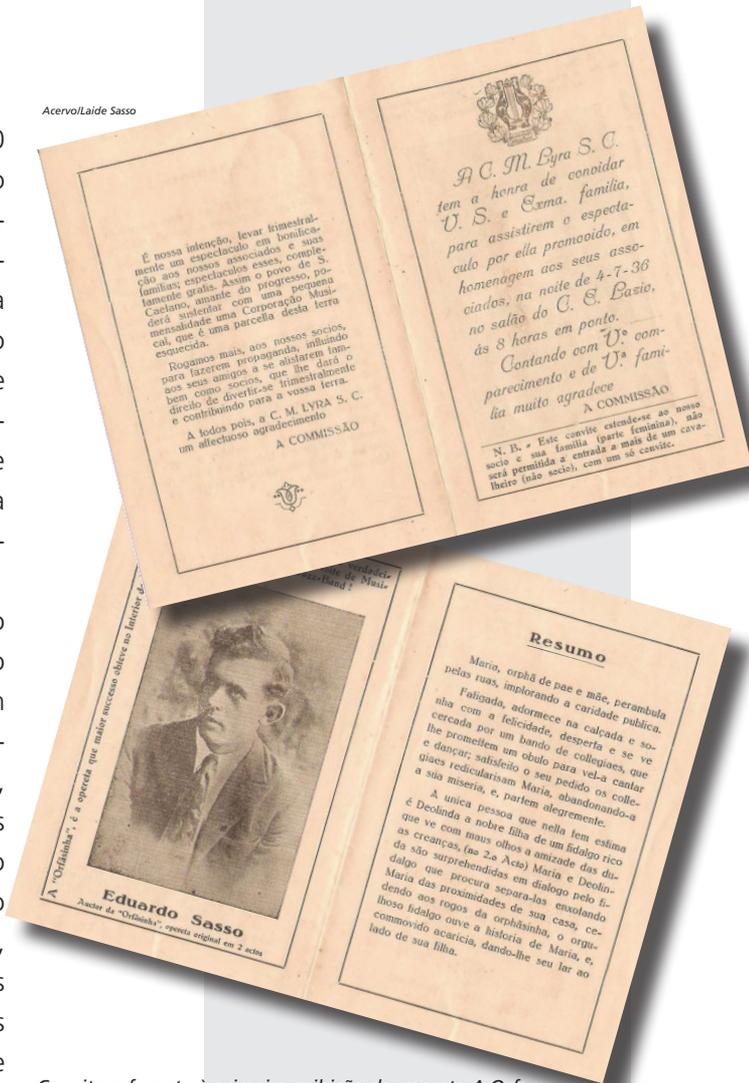




tos outros trabalhos de valor, ultrapassando a 200 o numero de suas composições. É elle que no curto espaço de 11 mezes, deu a São Caetano, a sua Corporação Musical [sic].” Na sequência do documento, encontra-se exposta a programação organizada para marcar a estreia da Lyra São Caetano, episódio ocorrido em 1º de janeiro de 1936. Dos eventos que integraram tal programação, estava a passeata cívica dedicada às autoridades civis e militares, que se encerrou no Cine Central, “gentilmente cedido pela Empreza Lorenzini [sic]”, como mencionou o referido panfleto.

A Corporação Musical Lyra São Caetano atuou como uma entidade associativa e, como tal, o seu corpo de sócios contribuía, mensalmente, com uma taxa para a manutenção da banda. Em contrapartida, a sua direção promovia, trimestralmente, espetáculos teatrais gratuitos em benefício de seus associados. No convite referente à primeira exibição da opereta *A Orfansinha*, de autoria do maestro Sasso, a corporação faz um apelo aos seus sócios, nos seguintes termos: “Rogamos mais, aos nossos sócios, para fazerem propaganda, influenciando aos seus amigos a se alistarem também como sócios, que lhe dará o direito de divertir-se trimestralmente e contribuindo para a vossa terra [sic].”

Acervo/Laide Sasso



Convite referente à primeira exibição da opereta *A Orfansinha*, em 4 de julho de 1936, no Clube Esportivo Lázio. No verso, a foto de seu autor, o maestro Eduardo Sasso. Junto à imagem, a informação de que a opereta era o espetáculo de maior sucesso no interior de São Paulo

O convite distribuído pela Corporação Musical Lyra São Caetano traz uma sinopse da opereta *A Orfansinha*, exibida, pela primeira vez, na cidade, no Clube Lázio.

Maria, orphã de pae e mãe, perambula pelas ruas, implorando a caridade publica.

Fatigada, adormece na calçada e sonha com a felicidade, desperta e se ve cercada por um bando de collegiaes, que lhe promettem um obulo para vel-a cantar e dançar; satisfeito o seu pedido os collegiaes redicularisam Maria, abandonando-a a sua miseria, e, partem alegremente.

A unica pessoa que nella tem estima é Deolinda a nobre filha de um fidalgo rico que ve com maus olhos a amizade das duas creanças, (no 2º. Acto) Maria e Deolinda são surprehendidas em dialogo pelo fidalgo que procura separa-las enxotando Maria das proximidades de sua casa, cedendo aos rogos da orphãsinha, o orgulhoso fidalgo ouve a historia de Maria, e, commovido acaricia, dando-lhe seu lar ao lado de sua filha [sic]



Esse primeiro espetáculo teve lugar no salão do Clube Esportivo Lázio, em 4 de julho de 1936. Devido ao grande sucesso obtido, a opereta foi também exibida no São Caetano Esporte Clube, alguns dias depois daquela primeira apresentação, mais precisamente no dia 18 de julho. O panfleto encarregado de promover a divulgação dessa segunda exibição intitulou o evento como “Segundo Festival Artístico Dançante”, estampando, à esquerda, a foto do maestro Eduardo Sasso. Além disso, apresentou também os personagens da opereta, indicando os atores incumbidos de representá-los, conforme segue:

Maria (orfansinha) – Irene Paredes
 Deodato (fidalgo, pai de Deolinda) –
 Jacintho Magliani
 Deolinda – Julieta Maria Miguel
 Maneco (jardineiro, português) –
 Antônio Fernandes
 Soldado (guarda) – Ângelo Guereta
 Ordenança (ajudante) – José Monteiro
 Peixeiro (italiano) – Jeronymo Ceschim
 Germana (criada) – Maria Dias
 Ponto – Augusto Panunzio

O panfleto anunciou ainda que um “pomposo baile abrilhantado pelo Jazz Bando da Lua” marcaria o evento, comunicando também que a opereta Ottilia seria, em breve, levada em cena pela Corporação Musical Lyra São Caetano. A proposta de organizar espetáculos líricos a inseriu no grupo dos participantes do movimento teatral que já vinha sendo desenvolvido por corpos cênicos amadores de clubes esportivos e recreativos da cidade, desde, pelo menos, 1919¹. Na qualidade de promotora da cultura, ao lado de outros clubes locais, a Lyra São Caetano propiciou momentos de descontração à sociedade. Os eventos organizados pela referida corporação musical ensejavam a prática de sociabilidades entre os seus convidados, dentre as quais o desenrolar de relações amorosas e de amizade, por exemplo. O próprio maestro Sasso conheceu sua esposa, Irene Girardi, por ocasião das atividades da Lyra.

Anos depois, quando São Caetano já usu-

fruiu da autonomia política que havia adquirido por força do plebiscito de 24 de outubro de 1948, a Lyra não fazia mais parte do cenário sociocultural da localidade. Em seu lugar assumiu uma outra corporação, também sob a regência do maestro Eduardo Sasso: a Corporação Musical São Caetano do Sul. Esta é contemporânea à Corporação Musical Santa Cecília. Ambas animaram muitos eventos ocorridos em São Caetano, levando alegria aos munícipes e dando



Eduardo Sasso com a esposa Irene Girardi, em foto tirada durante a lua de mel, no interior de São Paulo. O casal se conheceu por conta dos eventos artísticos organizados pela Corporação Musical Lyra São Caetano. O casamento ocorreu em 9 de junho de 1938

Arquivo Sasso

continuidade a uma tradição vivenciada, na cidade, desde os tempos mais longínquos de sua história, quando as festas e quermesses organizadas ao redor do templo da atual Paróquia São Caetano, no Bairro da Fundação, eram animadas por bandas como a da Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe di Napoli (banda Casa de Savoia) e a da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano.

Tal como se verificava em relação à Lyra, a Corporação Musical São Caetano do Sul elaborava programações musicais com as composições do maestro Eduardo Sasso para marcar ocasiões especiais e festivas, como as comemorações cívicas em praças e ruas do município. Um convite distribuído aos mora-



dores pela Corporação São Caetano do Sul vem ao encontro desse fato. Por meio dele, os sul-sancaetanosenses foram cientificados da realização, em meados da década de 1950, de um programa musical na Praça Cardeal Arcoverde, tendo em vista a celebração do dia 1º de maio. O mencionado convite comunicou que, na ocasião, batutas e flâmulas seriam entregues a Eduardo Sasso e André Ferri, maestros das corporações musicais São Caetano do Sul e Santa Cecília, respectivamente. “A Batuta do Snr. Eduardo Sasso, será entregue pelo Snr. José de Almeida Filho, Presidente da Corporação Musical Santa Cecília, e do Snr. André Ferri, pelo Snr. Faustino Foina, Presidente da Corporação Musical São Caetano do Sul.”

Em outro trecho, o convite divulgou o programa completo das composições do maestro Sasso que seriam executadas durante o evento, conforme segue:

Programa

- 1- Os meus cumprimentos (Marcha Militar) – E. Sasso
 - 2- Imigrantes..... (Grande Valsa)
 - 3- Concerto para Clarineta (Capricho)
 - 4- Poggio D’oro..... (Dueto)
 - 5- Cine Vitória..... (Marcha)
- 2ª. Parte
- 6- Eduriste Carlos.....(Marcha) – E. Sasso
 - 7- Príncipe dos Municípios (Grande Valsa)
 - 8- Fontana (Estudo)..... (Cavatina original)
 - 9- La Vita..... (Fantazia)
 - 10- Faustino Foina..... (Marcha)

Convite referente ao programa musical executado pela Corporação Musical São Caetano do Sul, na Praça Cardeal Arco Verde, em meados da década de 1950, em comemoração ao dia 1º de maio

No Salão do São Caetano E. C.
SABBADO 18 DE JULHO DE 1936
Segundo FESTIVAL ARTISTICO DANÇANTE

Patrocinado pela C. M. Lyra S. C. em homenagem aos seus associados e ao povo de São Caetano.

Cedendo nos innumerados pedidos, a C. M. Lyra S. C. não mede sacrifícios para bem satisfazer aos seus amigos e admiradores, levará Sábado no Salão do São Caetano E. C., em reprise, a bella opereta “**ORPHÁSINHA**”, letra e musica do Maestro E. SASSO. Do successo alcançado em sua primeira exhibição, é que nos vemos na obrigação de reprints, cuja assistência que occupava totalmente o salão do C. M. LYRA, e que não passivos a um feço da multidão que para lá se dirigiu de assistir: A “**ORPHÁSINHA**”, em sua primeira exhibição foi magnifico, graças aos esforços do seu comitêto habilmente organizado que mereceu, um franco elogio do proprio autor.

- PROGRAMMA -

A “ORPHÁSINHA”

<p>1.º Acto - O NASCER DO SOL - Ouverture pela Orchestra</p> <p>MARIA (Orphásinha)..... IRENE PAREDES DEODATO (fidalgão, paç de Deolinda)..... JACINTHO MAGLIANI DEO INDA..... JULIETA MARIA MIGUEL MATECO (va d'ouro, português)..... ANTONIO FERNANDES SOLDADO (guarda da zona)..... ANGELO GUERETA ORDENANZA (ajudante)..... JOE MONTEIRO DEIXEIRO (Italiano)..... IERONIMO CESCHIM GERMANA (Ireland)..... MARIA DIAS E mais 18 COLEGAS..... Ponto: AUGUSTO PANUNZIO</p> <p>2.º Acto - AO POR DO SOL “gran Waltz”, Ouverture pela Orchestra</p>	<p>3.º - Bela esmola cantora Sara, Maria Fiori “Vienna cidade de meus sonhos”, e a orchestra será cantada pelos Snrs. João Duarte, Angelo Veronesi, Antonio Ferreri, Caserio Veronesi, Argentino Brevialto, André Laporte, Antonio Ferreri, Francisco Mallias, Lazaro Preato, Antonio Fernandes, Eduardo Hogen, Antonio Kiebel, Lara Preato, Antonio Fernandes e outros.</p> <p>4.º - Como homenagem ao seus socios e ao povo de São Caetano em geral, a C. M. Lyra S. C., far-se-há ouvir em algumas de suas peças.</p>
--	--

1.º - Bela esmola cantora Sara, Maria Fiori “Vienna cidade de meus sonhos”, e a orchestra será cantada pelos Snrs. João Duarte, Angelo Veronesi, Antonio Ferreri, Caserio Veronesi, Argentino Brevialto, André Laporte, Antonio Ferreri, Francisco Mallias, Lazaro Preato, Antonio Fernandes, Eduardo Hogen, Antonio Kiebel, Lara Preato, Antonio Fernandes e outros.

2.º - Como homenagem ao seus socios e ao povo de São Caetano em geral, a C. M. Lyra S. C., far-se-há ouvir em algumas de suas peças.

Todos pois ao S. Caetano E. C., para assistirem a representação da “**ORPHÁSINHA**”

POMPOSO BAILE, abrilhantado pelo Jazz “Bando da Lua”.

BREVE - Em homenagem aos socios da C. M. Lyra S. C., será levada em scena a bellissima opereta lyrica, em 2 actos, “**OTILLIA**”, do Maestro E. SASSO.

Amanhã - 1.º DE MAIO - Amanhã

Convite ao Povo

Corporação Musical São Caetano do Sul,
tem a grata satisfação de participar ao povo em geral que, amanhã, dia 1.º de Maio, ás 20 horas, no Coreto da Praça Cardeal Arco Verde, fará executar em homenagem ao dia Dia do Trabalho, um programa musical exclusivo das composições de autoria de seu Maestro Snr. Eduardo Sasso, sob a regência do mesmo.

Na ocasião serão entregues duas Batutas e duas Flâmulas aos Snrs. Maestros das duas corporações, gentilmente oferecida pelo Snr. Waldemar R. Salles.

A Batuta do Snr. Eduardo Sasso, será entregue pelo Snr. José de Almeida Filho, Presidente da Corporação Musical Santa Cecília, e do Snr. André Ferri, pelo Snr. Faustino Foina, Presidente da Corporação Musical São Caetano do Sul.

PROGRAMA

- 1 — Os meus cumprimentos (Marcha Militar) — E. Sasso
- 2 — Imigrantes..... (Grande Valsa) > >
- 3 — Concerto para Clarineta (Capricho) > >
- 4 — Poggio D’oro (Dueto) > >
- 5 — Cine Vitória..... (Marcha) > >

2ª Parte

- 6 — Eduriste Carlos (Marcha) — E. Sasso
- 7 — Príncipe dos Municípios (Grande Valsa) > >
- 8 — Fontana (Estudo)..... (Cavatina original) > >
- 9 — La Vita (Fantazia) > >
- 10 — Faustino Foina (Marcha) > >

Panfleto de divulgação da segunda exibição da opereta A Orfansinha, ocorrida no São Caetano Esporte Clube, no dia 18 de julho de 1936



ArquivoLairde Sasso

Corporação Musical São Caetano do Sul, em foto tirada na Praça Ermelino Matarazzo. Dentre os componentes que aparecem em segundo plano, foram identificados, a partir da esquerda: Zelão (o primeiro), Silvério (o quarto) e João Penachi (o sétimo). Em primeiro plano, ao centro, o maestro Eduard Sasso



ArquivoLairde Sasso

Corporação Musical São Caetano do Sul durante desfile cívico na Rua Manoel Coelho. Em primeiro plano, ao centro, o maestro Eduardo Sasso. À esquerda, de terno, Faustino Foina, presidente da corporação

A música ocupou um lugar de destaque no rol das opções de lazer e diversão da São Caetano de antigamente. A arte musical abrilhantou eventos diversos, fornecendo-lhes um toque de magia, romantismo e lirismo. Desnecessário afirmar que tal arte acompanhava uma gama variada daquelas opções de

entretenimento. Muitas delas, aliás, eram inconcebíveis sem a presença da música, como os bailes, os festivais dramático-dançantes e as famosas operetas do maestro Eduardo Sasso, que comoveram uma grande plateia frequentadora de clubes locais e apreciadora das artes em geral. **R**

NOTAS

¹ De acordo com Oscar Garbelotto, o São Caetano Esporte Clube foi a primeira entidade esportiva da cidade a ter um departamento de arte dramática. Sua constatação respalda-se no artigo 32 do Estatuto do mencionado clube, aprovado em Assembleia Geral de 28 de setembro de 1919. Tal artigo diz: "A Corporação Dramática ficará a cargo de um Director Scenico, para esse fim nomeado pela Diretoria." GARBELOTTO, Oscar. *Os primórdios do teatro na cidade. Raízes, São Caetano do Sul*, n. 32, p. 16-17, dez. 2005.

() Cristina Toledo de Carvalho, historiadora, supervisora do Museu Histórico Municipal e mestrande do Programa de Pós-Graduação em História Social da PUC/SP*

CLUBES, LOCAIS, EVENTOS E FORMAS DE DIVERSÃO E LAZER EM SÃO CAETANO DO SUL

Mario DEL REY (*)

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Jogadores de futebol do São Caetano Esporte Clube, no sítio de Francisco Marinotti (ex-técnico) durante homenagem aos atletas que disputaram a Segunda Divisão de Profissionais da Federação Paulista de Futebol. Na foto estão também alguns frequentadores do sítio. De pé da esquerda para a direita: Cavalinho, Joaquim, Edson, Guilherme, Hélio, Dati, Marinotti, Nando, Bergamo, Hernani, Vítor, Odílon, Rubens, Túlio, Mosca, Zé Gordo e Zinho. Agachados, vemos: Humberto, Julinho, ?, Nilo, Ando, Escova, Wilson, Américo, Feijão, Gera, Narciso (ex-presidente do SCEC) e Belloni. Foto de 1973

Neste artigo, conduzirei o digno leitor por uma pequena viagem no tempo e espaço, percorrendo vários clubes, locais, eventos e formas de lazer da cidade, dando prioridade às informações históricas mais antigas. Entre as opções de diversão, serão vistas as culturais, desportivas, musicais, entre outras. Como seria preciso um livro para falar sobre todos os clubes e associações que fizeram história no município e mesmo sobre aqueles que ainda estão em atividade, a prioridade será para os mais antigos.

Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe di Napoli - Terciane Ângela Luchese, em seu artigo As sociedades de mútuo socorro e suas escolas étnicas italianas: a circulação de saberes e as conformações identitárias, comenta sobre estas antigas sociedades de mútuo socorro de imigrantes italianos:

“Dentre as diversas funções estava a intermediação e preservação dos laços com a pátria de origem através de festividades cívicas – italianità, assim como assumiram a organização de diversas escolas subsidiadas por materiais e mesmo professores provenientes da Itália. Constituíram-se, também, em espaços de auxílio mútuo em caso de doença, morte ou sinistro de seus sócios.”¹

A denominada Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe di Napoli (não confundir com a Sociedade Príncipe de Nápoles de Caxias do Sul, fundada em 1887) foi uma sociedade fundada pelos antigos imigrantes que chegaram a São Caetano e, conforme foi mencionado, dedicava-se à *italianità*, ao estudo para as crianças e ao auxílio aos seus membros. Como diversão, entre outras atividades, deve-se destacar o pioneirismo na apresentação de peças teatrais em São Caetano e na região do ABC. O interessante é que a maioria das peças era representada em Italiano. Um exemplo é o espetáculo *La Sorella del Cieco* (A Irmã do Cego), encenada em 1923. O fato de apresentarem peças em italiano e utilizarem essa língua, em casa, permaneceu por muito tempo.

São Caetano Esporte Clube - Este importante clube foi fundado em 1º de maio de 1914, sendo seu primeiro presidente Paolo Perrella. Durante muitos anos, sua principal atividade foi o futebol, tendo sido a primeira agremiação da cidade a disputar a primeira divisão do Campeonato Paulista de Futebol, nos anos de 1935 e 1936. Lembro-me de dois tios que jogaram muito tempo pelo São Caetano, o Eduardo Lorenzini, grande driblador, e Henrique Lorenzini, mais marcador. Este último contava que, sempre que o Eduardo sofria faltas pesadas de algum marcador do time oponente, era ele que ia dar o “troco”, para que deixassem o Eduardo jogar em paz, sem se machucar.

Este clube tem se destacado no vôlei, possuindo neste esporte atletas de grande renome, podendo ser citados os nomes de Marcelle (melhor jogadora em sua posição no Campeonato Mundial de Vôlei, em

2002), Mari, Fofão e Sheilla (medalhistas de ouro com a seleção brasileira nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008), entre outros.

O São Caetano Esporte Clube fica localizado na Rua Ceará, no Bairro Fundação. No local proporciona aos seus sócios inúmeras atividades, nas suas quadras, piscinas, nos bailes, etc. Este clube deve muito a um dos seus presidentes, Narciso Ferrari, que, com um grupo de sócios abnegados, desenvolveu suas instalações e as ampliou, tornando-o o que é hoje, um marco entre os clubes da cidade.

Dentre as várias atividades e diversões realizadas pelo clube em sua história, vamos lembrar um Sábado de Aleluia do ano de 1934, quando o clube promoveu um “casamento”, no qual a noiva foi um



Coral da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), em 1960, durante apresentação no salão paroquial Padre Alexandre Grigolli, da Igreja Matriz Sagrada Família, regida pelo maestro Roberto Manzo, tendo a participação da cantora Inezita Barroso (com o violão)

homem, o Colleta (São Caetano estava à frente do seu tempo?), e o padre foi João Dal’Mas, irmão do amigo e confrade que nos contou essa história, Mário Dal’Mas.

Clube Atlético Monte Alegre - Este antigo clube, fundado em 1917 por um grupo de jovens descendentes de espanhóis e italianos, foi sempre muito dedicado ao futebol. Entre suas façanhas destacamos um jogo, ocorrido em 1965, contra o Sport Clube Corinthians Paulista, que acabou em empate por 1x1. Ainda nesse mesmo ano, o Monte Alegre jogou contra o São Paulo Futebol Clube, em jogo beneficente com renda para a Associação de Pais e Amigos dos

Aerov / Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Execpcionais (Apae) e Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância (Apami), e perdeu por 3x1. No ano seguinte, o Monte Alegre encerrou suas atividades no futebol profissional.

De quando tinha meus 14 anos, guardo duas recordações a respeito do clube: uma, quando assistia, nos finais de semana, jogos deste time, no campo entre a Avenida Goiás e a Rua Rio Grande do Sul, onde hoje fica o prédio da Câmara Municipal. Muitas tardes, quando este campo estava desocupado, ia lá treinar beisebol com meus amigos Daniel Gentili, Décio Gianotto, Hideo, e Ryuji (da família Toyoda, da qual faz parte a grande estudiosa da cultura nipônica Lumi Toyoda). Outra recordação era das reuniões da diretoria desse clube, realizadas na Rua Manoel Coelho, das quais meu pai, Ignácio Del Rey, participava com vários amigos, entre eles, Anacleto Campanella. Eu devia ter uns 11 anos quando participava destas reuniões e acho que meu pai me levava para garantir à minha mãe (que era muito ciumenta) aonde realmente ele estava indo.

Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal - Esta agremiação foi fundada no dia 11 de janeiro de 1922, com o objetivo de promover eventos sociais, como bailes, jogos de salão e desenvolver a cultura por meio do teatro. Dos eventos sociais, o mais famoso era o baile à fantasia. Mas o clube se destacou por sua produção artística teatral, tendo organizado um dos primeiros grupos cênicos da cidade.

Entre seus atores, os mais famosos e atuantes foram Matheus Constantino e Otávio Tegão. O grupo cênico do clube Ideal se apresentou não só em São Caetano, mas também em várias outras cidades: Campinas, Santo André, Taubaté, Itú, etc.

Cerâmica São Caetano Futebol Clube (Clube Cerâmica São Caetano, Centro Social Roberto Simonsen) - A fábrica Cerâmica São Caetano favoreceu o surgimento de várias atividades sociais e esportivas na cidade. O Cerâmica São Caetano Futebol Clube foi fundado em 13 de maio de 1925 e teve muitos momentos de glória, porém, posteriormente, com o encerramento da indústria Cerâmica São Caetano, suas atividades ficaram mais restritas. Sua sede fica na Rua Pandiá Calógeras, no Bairro São José. O Clube

Cerâmica São Caetano marcou sua história no decorrer de muitos anos, divertindo os sul-sancaetanenses com festas de fim de ano, carnavais, festas juninas, apresentação de filmes e shows com grandes artistas.

Clube Teuto (Sociedade Cultural Esportiva Teuto-brasileira), atual Clube União Cultural de São Caetano do Sul - A Sociedade Cultural Esportiva Teuto-brasileira (atual União Cultural de São Caetano do Sul) foi fundada em 26 de agosto de 1929 e Paulo Kraus foi seu primeiro presidente. Esta associação sempre realizou bailes semanais aos sábados e domingos, festas comemorativas, bailes carnavalescos e apresentações de grupos de teatro amador. A principal festa do clube é a do Chopp e sua história é marcada por muitos eventos que tiveram a participação de artistas conhecidos como Manoel da Nóbrega, Silvio Santos, Nara e Leonor Navarro, Francisco Petrônio e muitos outros. Entre os jogos praticados no "Teuto", destaca-se o bolão (jogo parecido com o boliche).

Atividades recreativas e culturais da comunidade católica - Em 1931 o padre Alexandre Grigolli realizou na cidade um festival teatral em benefício





do Externato Santo Antônio. O evento foi realizado no então denominado Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal. Animado com o sucesso dessa empreitada, o padre resolveu construir um salão paroquial para a encenação de espetáculos teatrais, ao lado da Igreja Sagrada Família, que estava sendo construída, na época. As peças teatrais tinham, primeiramente, o apoio do padre Alexandre e, posteriormente, do vigário, padre Ézio Gislimberti. Duas peças inauguraram as atividades do mencionado salão paroquial: *O chinelo perdido na neve* e *O Satã*.

Anos depois, graças aos esforços do padre Ézio, foi erguido um novo salão batizado com o nome de Teatro Paroquial Padre Alexandre Grigolli. No antigo espaço e, posteriormente, neste teatro, passaram muitos atores da cidade. Entre eles Acácio Montini, Aparecida Crivelari, Leonor Fiorotti, Antônio Coppini, Carmo Perrella, Francisco Del Rey, Ignácio Borges, Ignácio Del Rey, José Borges, Mário Jorge Montini, Paulo Tachinardi Domingues, Fanny Scartozzoni, José Borges, Mário Dal'Mas, Waldomiro Kaminski e muitos outros.

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Quadra do General Motors Esporte Clube, vendo-se, ao fundo, seu lindo jardim

O salão paroquial também era utilizado para a exibição de filmes no período da tarde, para crianças que iam à missa ou que estavam se preparando para fazer a primeira comunhão. Nesse salão tive contato com os filmes de Charles Chaplin e com o seriado *Flash Gordon*. Entre outros seriados, me recordo também de *Agente Secreto X-9*, *O Aranha Negra*, *As aventuras de Buffalo Bill*, *Batman*, *o Morcego*, *Buck Rogers*, *Tarzan* e *Rin Tin Tin*.

General Motors Esporte Clube, atual ADC General Motors - Em 20 de novembro de 1935, foi fundado o Grêmio General Motors, que iniciou suas atividades com mais de 600 associados. Posteriormente o clube mudou seu nome para General Motors Esporte Clube e sua sede fica na Avenida Souza Ramos, que, posteriormente, se chamaria Avenida Goiás.

Em agosto de 1940, teve início a construção da sede, com um amplo salão, uma quadra para a prática de basquete e outras melhorias. Daí para frente o clube não parou de crescer e, atualmente, conta com outra sede. O clube mudou de nome e agora se denomina Associação Desportiva Classista General Motors de São Caetano do Sul. O autor deste artigo tem várias lembranças deste clube. Aos 14 anos jogava basquete na sua quadra com muitos amigos, destacando-se como melhor jogador, na época, o Marcos Fontana (carinhosamente apelidado pelo professor Eugênio Voltarelli de jóquei de elefante, por ser muito grande e forte).

Os bailes carnavalescos foram considerados, por décadas, como os melhores da cidade, não só pela animação, mas também pelos lindos jardins que cercavam o clube e que eram o paraíso dos foliões para namorar. Os salões do clube também eram cedidos para outros eventos e me recordo, particularmente, de festas de casamentos de familiares que foram realizadas no local. Vale lembrar ainda das animadas queimas de fogos nas festas juninas.

Atlético Corinthians Futebol Clube (Corintinha) - Em 1º de junho de 1933 foi fundado esse histórico clube, que, fora alguma reunião de confraternização com familiares e amigos ou esporádicas excursões, se dedicou exclusivamente ao futebol. Conforme Narciso Ferrari destaca em seu artigo Co-

rintinha, uma glória do futebol varzeano, publicado na edição de número 27 da revista *Raízes*, o Corinthians Paulista promoveu, em 1955, um torneio chamado Inter-Corinthians, do qual participaram dezenas de clubes com o nome Corinthians, sendo que o clube de São Caetano sagrou-se campeão.

Clube Atlético Ipiranguinha - Foi fundado em 23 de abril de 1939, no Bairro Santa Paula, porém com a paralisação das suas atividades futebolísticas, devido à falta de campo no bairro, desapareceu no início dos anos 70 como time de futebol. Seus antigos jogadores, diretores e simpatizantes ainda se reúnem anualmente para recordar os velhos tempos.

Clube Recreativo Esportivo Tamoyo, atual CER Pedro Furlan - O Clube Atlético Tamoyo foi fundado em 15 de maio de 1944 com a fusão de dois times da época, o Juvenil Monte Alegre (dirigido por Ciro Albêncio) e o Juvenil Brasil (dirigido por João Holosi). Em 1973, passou por uma nova fusão, desta vez com o Esporte Clube São Bento, passando a se denominar Clube Recreativo Esportivo Tamoyo. A nova e grandiosa sede do Tamoyo está localizada na Rua São Paulo, no Bairro Cerâmica. Além do futebol, que foi o esporte que o originou, atualmente, lá se praticam várias modalidades desportivas, jogos e tradicionais bailes.

Clube Comercial - Foi um dos mais tradicionais da cidade e ficava no último andar do Edifício Vitória, na Rua Santo Antonio, no Bairro Centro. Ele competia em animação e qualidade das suas festas carnavalescas e outros bailes com o General Motors Esporte Clube.

Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs) - Antigamente a sede da Acascs ficava no último andar do Edifício Vitória, onde eram famosos seus bailes, principalmente o denominado Baile da Saudade, quando eram tocadas músicas dos anos 30, 40 e 50. Recordo especialmente deste baile e das inúmeras polcas (música originária da Boêmia, região do antigo Império Austro-Húngaro) que dancei com Bruna (esposa do querido vereador Concetto Constantino) que era expert neste tipo de música. Atualmente, sua sede está na Avenida Presidente Kennedy, no Bairro Olímpico.



Baile de Carnaval na União Cultural de São Caetano do Sul - Teuto

Círculo Italiano de São Caetano do Sul - Em 1954, foi formada a Comunidade Italiana em São Caetano do Sul, tendo sua sede na Avenida Goiás. Em 1967, surgiu o Círculo Assistencial Recreativo e Desportivo Italiano, com sede no Bairro Santa Maria. Em 1987, a associação passou a se chamar Círculo Italiano de São Caetano do Sul. Atualmente, o Círculo tem dois locais de reuniões: na Rua Oswaldo Cruz para aulas de dança de salão, sapateado e ballet e, na Rua Nelly Pellegrino, no Bairro Nova Gerty, para as demais atividades. Além de difundir a língua e a cultura italiana, a associação objetiva unir a comunidade e seus descendentes. Hoje o Círculo também participa em esportes e jogos como o *tae kwon do* e tênis de mesa. A tradicional Festa Italiana de São Caetano do Sul, realizada no mês de agosto, que chega a atrair até 50 mil visitantes, surgiu de uma iniciativa do Círculo Italiano de São Caetano do Sul, que, em conjunto com a Prefeitura Municipal, clubes de serviço e lojas maçônicas obteve um sucesso enorme e já completa 19 anos de existência.

Clube São José (Bochófilo) - Esta associação tem várias atrações esportivas e jogos para seus associados, porém o esporte prioritário é o jogo de bochas, daí o apelido de Bochófilo. O maior jogador do clube e da cidade foi o Gauchinho, como era chamado Vanderlei Gomes Bittencourt. Ele conquistou 24 títulos pela Seleção Paulista de Bocha e 23 paulis-

tas pelo Clube São José. Gauchinho não era só bom de bocha, no futebol. Era um excelente atacante e demonstrou isso em dezenas de jogos no campo do sítio do Francisco Marinotti. Lá tive a honra de jogar com ele muitas partidas, tanto de futebol quanto de bocha (um dia ele me deixou ganhar uma partida, brincou tanto que, no final, não deu para recuperar!).

Associação Cultural, Recreativa e Esportiva Luiz Gama atual ACRE Luiz Gama / Corinthians - Foi fundada em 3 de maio de 1961, na antiga sede do São Cristóvão Futebol Clube, no Bairro Fundação, por um grupo de esportistas, a maioria afro-descendente. Realizava atividades culturais, recreativas, festas, conferências, concursos de Miss Raça Negra (Rainha do Luiz Gama), Garota de Ébano, Bonequinha do Café, bailes de carnaval, competições esportivas e excursões.

Entre os vários clubes que marcaram o cotidiano da população no que diz respeito às opções de lazer, entretenimento e diversão, ou ainda aqueles que ainda permanecem em atividade, oferecendo diversas alternativas para os moradores da cidade, podemos citar: Clube Lazio (posteriormente, Clube Atlético Rio Branco), Centro Esportivo Recreativo Águias de Nova Gerti, Clube Piratininga, Clube Atlético Flor do Mar, Clube

Festa da Torá (Pentateuco) da comunidade judaica de São Caetano do Sul, em 1947, no Clube Comercial



Baile do segundo aniversário da Associação Cultural e Recreativa Luiz Gama, realizado no salão do Clube Comercial, onde foi eleita rainha, Maria Aparecida Rodrigues, coroada pelo prefeito Oswaldo Samuel Massei, juntamente com as respectivas princesas



Fachada do Clube São José, localizado na Rua Rio Grande do Sul, na esquina com Rua São Paulo



Arquivo / Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Arquivo / Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Arquivo / Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Peça teatral encenada no salão paroquial da Igreja Matriz Sagrada Família



Fotografia: Antonio Reginaldo Canhoni

Jogadores de tranca do Centro da Terceira Idade Moacir Rodrigues. A partir da esquerda para a direita: Paulo Utino, José Luiz Piotto, Eraldo Pereira Uchoa, Renato Severino da Silva, Laurita Grece, Maria Palko, Miriam Lopes Garcez, Marcelino Capelli e Norberto Righotti.

Cruzeiro, Clube Niterói, Clube Ipiranguinha, Clube Bonsucesso, Clube Paiol, Clube América do Norte, Clube Itamarati, Clube Olinda, Clube América do Sul, Clube Recreativo Esportivo Gonzaga Nipo-Brasileiro (atual CER Santa Paula), Associação Atlética São Bento, Clube Atlético Vila Alpina, Centro Poliesportivo Jordano Vincenzi, GRB Monte Azul, SE Metalúrgicos, Unidos FC do Bairro São José, Clube Esportivo Recreativo São José e CRE Sete de Setembro (atual CER Carlos Joel Nelly).

Atualmente, os Centros de Convivência para a Terceira Idade, mantidos pela municipalidade, entre eles os Centro Integrados de Saúde e Educação para a Terceira Idade João Nicolau Braidó e Moacyr Rodrigues, são responsáveis por uma intensa programação para seus integrantes que rememoram antigas atividades, como os bailes e os jogos de carta. **R**

NOTAS

¹ LUCHESE, Terciane Ângela. As sociedades de mútuo socorro e suas escolas étnicas italianas: a circulação de saberes e as conformações identitárias. Anais da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRARI, Narciso. Teuto Brasileiro – um orgulho da colônia Alemã. Raízes, São Caetano do Sul, n. 26, p. 111-113, dez. 2002;
 GARBELOTTO, Oscar. São Caetano Esporte Clube, 80 anos (alguns fatos que marcaram sua história). Raízes, São Caetano do Sul, n. 11, p. 16-21, jul. 1994.
 Um Sábado de Aleluia no São Caetano Esporte Clube. Raízes, São Caetano do Sul, n. 18, p. 52, dez. 1998;
 MARTINS, José de Souza. Subúrbio - Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano do fim do império ao fim da República Velha. Raízes, São Caetano do Sul, n. 8, p. 72, dez. 1992;
 RUFINI, Claudinei. Os Passatempos Prediletos. Raízes, São Caetano do Sul, n. 3, p. 39-42, jul. 1990.
 VELHOS Carnavais. Exposição São Caetano dos Velhos Carnavais (Registro). Raízes, São Caetano do Sul, n. 18, p. 73, dez. 1998.
 XAVIER, Sonia Maria Franco. Organizando o Esporte. Raízes, São Caetano do Sul, n. 28, p. 96-97, dez. 2003.

(*) **Mario Del Rey** é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, da Academia Brasileira Maçônica de Artes, Ciências e Letras e pesquisador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

ÉRAMOS FELIZES...

Acervo / Elizabeth Camargo Gonçalves



E SABÍAMOS!

Caio MARTINS (*)

Alunos da primeira turma do Colégio Estadual e Escola Normal Cel. Bonifácio de Carvalho, em foto tirada diante da Igreja Matriz Sagrada Família. Foram identificados, da fileira de baixo para a de cima: Hugo Micheletti, José Carlos de Castro Guerra, Oduvaldo Cacalano, Seitiro Kitahara, Augusto dos Santos, Antonio Czernyes, Marlene Aparecida Camargo Bigon, Antonieta Maria Rapuano, Cira Uchida, Vera de Fátima Castelo Branco, Fumie Goto, Eloísa Maria Baraldi, Catarina Dassié, Vania Terezinha Nunes de Carvalho, Carmem Lopes Caperutto, Rosaly de Castro Guerra, Maria Geralda de Nazareth Alves da Costa, Elizabeth Camargo Gonçalves, Maria do Rosário Alves da Costa, Xenofonte Paulo Rizzardi Mazzini, Márcio Alberto Moraes, Tarcísio Cardieri, Sergio Batista Signorini, Donato Callegaro, Antonio Carlos Roque, Caio Venâncio Martins, Kasuko Sakuda, Maria Angélica Fredenhagen Vasconcellos, Marisa Rosconi, Rosemínia Fernandes Nascimento, Arlete Marques, Iara Sanches, Leila Crepaldi, Vilma Kunter, Ivani Amato, Carlos Norberto Loureiro, José Luis Cardieri, Oscar Bisquolo, Sílvio Pansarella, Antonio Alvaro Nardi, Marcos Antonio Clemente, Rubens Fredenhagen Vasconcellos, Vanderlei Lanfranchi, Claudinei Flaminio, Wilson Volf, Wanir Budoia, Rachel Macedo M. Salgueiro, Neusa Ivete Geromel, Veliade Morselli, Maria Elda Pulcinelli, Magdalena Franczen, Ofélia Aparecida de Moraes, Vera Lúcia Gava, Janete Linge, Ivone Piratelo, Wanda Tchaikovski, Maria Alves da Cruz e Maria Aparecida Silvério de Almeida. Foto de 1961

Meio século atrás, fins de 1961, 177 jovens se agitavam nos preparativos para sua formatura no Colégio Estadual e Escola Normal Cel. Bonifácio de Carvalho. Seria a primeira turma de formandos desde a inauguração da

escola, em 1958. Resultado de uma visão de mundo ampla e consequência da política educacional do Estado, na época, considerada padrão nacional e motivo de orgulho para São Caetano do Sul.

Naqueles anos, embora o mundo conhecesse fenômenos como a Guerra Fria, fortes tensões no Oriente Médio e Sudeste da Ásia, a Revolução Cubana na América Latina e outras comoções, o governo de Juscelino Kubistchek de Oliveira abriu amplos espaços democráticos entre 1958 e 1961, e a cidade conhecia momento especial do florescer de empreendimentos industriais e comerciais, de obras, da educação pública, das artes, esportes, num intenso dinamismo social. Brasília era o ícone do momento.

E esses jovens chegavam a um momento decisivo: terminava o período de “imposição” escolar, abrindo-se as perspectivas de escolha de caminhos, visando à vida profissional. Vinham de um sistema dirigido, no qual entraram por seleção, via um “exame de admissão”. Era difícil ingressar no ginásio das escolas públicas. O critério era qualitativo e, as vagas, para quem demonstrasse capacidade.

Mas quem eram? Como viviam? Quais os sonhos, convicções, e como se integravam na sociedade? Quais as regras do jogo para quem vivia a metade da adolescência a caminho da vida adulta? O entorno era seguro e protetor, as principais questões se referiam a um modo de ser dinâmico, no qual havia normas e responsabilidades, fantasias e tabus, e o ambiente escolar era o centro de suas vidas. Raríssimos, os transgressores.

Não era fácil lidar com aquelas normas - fossem da moral familiar vigente, fossem as de conduta escolar - e com a energia transbordando e o inesgotável desejo de tudo saber e de tudo participar. Contavam com um trunfo às vezes incômodo, noutras extremamente aliciante: a qualidade do ensino e dos mestres, e a relação de carinho e respeito mantida sem maiores esforços, dada a consciência de papéis e de objetivos.



Ninguém se rebelava ao ser mensalmente avaliado, com notas nos boletins escolares: medo de errar por não ter estudado ou por insegurança sempre havia, mas também um orgulho em cumprir etapas, embora, algumas vezes, uma “colinha” aqui, outra ali não fossem consideradas graves pecados. Aprendia-se rápido, e bem. A relação pais/escola era consistente, valorizando professores, alunos e o estudo. Funcionava o sistema.

Matérias indigestas (e obrigatórias) como Latim, Canto Orfeônico e Trabalhos Manuais conviviam com Português, Francês, Inglês, História, Desenho, Ciências, Matemática, Geografia e Educação Física. Esta última, glória para os mais aptos, e uma tortura para os menos. Completando, havia exame escrito e oral, no fim do ano. Quem escorregasse em alguma matéria ficava para segunda época, realizada em fevereiro e, caso “levasse bomba” em dois anos seguidos, estava fora, era jubilado.

Nas relações da moçada com a entidade “Escola”, no Cel. Bonifácio de Carvalho, havia interação dialética entre o meio, o ensino e o aprendizado. Havia, naturalmente, uma eventual “apaixonite” por um professor ou professora, baita bronca quando um inspetor de alunos era mais severo e dava um “gan-



Acervo / Antonio Carlos Roque

Alunos da antiga 4ª série ginásial, do período diurno, do Colégio Estadual e Escola Normal Cel. Bonifácio de Carvalho. Foram identificados, da fileira de cima para a de baixo, os seguintes alunos: Carlos Augusto Strazzer, Américo Marques Ferreira, Augusto dos Santos, Donato Callegaro, Cezário Antonio Pierzunski, Marcos Antonio Clemente, Hugo Micheletti, Ari Timerman, Hélio Donald Galvão, Arcadik Stefanus, Nelson Aparecido Ribeiro, Pedro Marconi Filho, Alfredo Ré, Caio Venâncio Martins, Delzuita Bezerra da Silva, Marilvia Dalmathi, Wanir Budoia, Sergio Batista Signorini, José Carlos de Castro Guerra, Xenofonte Paulo Rizzardi Mazzini, Antonio Carlos Roque, Antonio Czernyze, Oduvaldo Cacalano, Márcio Alberto Moraes, Oscar Bisquolo, Antonio Álvaro Nardi, Norberto Leal Cardoso, sentada na primeira fileira, à esquerda, uma professora não identificada, Lóia Tartarin, Wanda Tchaikoviski, Celia Maria Miranda Cotrim, Sonia Vegas Alba, Arlete Cano Martin e Ofélia Aparecida de Moraes. Foto de 1961

cho” de um ou mais dias aos mais rebeldes e afoitos; geralmente, os meninos. A escola, de fato, era nossa.

Entre si, a eterna curiosidade entre gêneros, as atrações às vezes intensas, noutras meramente experimentais, com o pormenor de que o coleguismo e os tabus da época transferiam valores e princípios que vinham de casa, da família. Seu peso maior recaía nas meninas, que não podiam se soltar além de limites bastante restritos, sob o risco de ficarem “faladas”. Os meninos, via de regra, tratavam as colegas quase como irmãzinhas.

Namoricos, namoros, paqueras, enfim, ocorriam nos amplos jardins da escola, nos bailinhos semanais no Grêmio 28 de Julho, nas casas das famílias e, com mais solenidade, nos clubes da cidade, como o São Caetano, o Comercial, o Teuto ou locais como o Palácio de Mármore, no Moinho São Jorge, em Santo André. Aliás, onde se deu o Baile de Formatura dessa primeira turma de formandos. Cinemas como o Cine Vitória, Cine Max, Lido (ex-Urca), Primax e Sagrada Família eram também pontos de encontro da garotada.

Não havendo discriminações, convivendo ativamente durante a semana na escola e nos sábados, domingos e feriados naqueles locais, evidentemente



Acervo / Elizabeth Camargo Gonçalves

José Teixeira Gonçalves, diretor do Colégio Estadual e Escola Normal Cel. Bonifácio de Carvalho, em foto de 1960



Acervo / Elizabeth Camargo Gonçalves

Alunas da antiga 4ª série ginásial do Colégio Estadual e Escola Normal Cel. Bonifácio de Carvalho. Da esquerda para a direita, vemos: Elizabeth Camargo Gonçalves, Maria Lúcia Fernandes Ribeiro, Noemi Kogan, Neusa Ivete Geromel, Veliade Morselli, Rachel Macedo Martins Salgueiro, Maria Angélica Frede-nhagem Vasconcellos, Marlene Aparecida Camargo Bigon e Maria Elda Pulcinelli. Foto de 1961



Acervo / Antonio Carlos Roque

Encontro recente dos ex-alunos da Escola Estadual Cel. Bonifácio de Carvalho, todos da antiga 4ª série ginásial do período diurno. Foto de 2011

os laços eram fortes. Deles, e por eles, decorreu um período alegre e intenso, divertido e produtivo, sob a égide de um ensino de notável qualidade.

Artes, esportes, conhecimentos, descoberta do panorama das relações pessoais com suas possibilidades e limites, laços afetivos de admiração, carinho e respeito com a escola, seus professores e funcionários, amizades perenes e já um gostinho de saudade marcaram o término do final de curso.

Entregues os diplomas, desfrutado o baile, abriu-se, factualmente, a primeira escolha destinada a marcar os rumos da vida dos formandos: eleger entre os cursos Clássico, Normal ou Científico, de acordo não só com preferências e inclinações, porém - e talvez com mesmo peso - pelas decisões familiares. A seguir, viriam o ensino superior e a vida profissional.

Foram bem preparados, viveram intensamente sua época, participaram amplamente de um dos momentos mais preciosos da vida, a juventude, em condições admiráveis:

- Éramos felizes, e sabíamos! R

(*) **Caio Martins** é editor e produtor gráfico. Trabalha com edições técnicas, jornalismo e assessoria parlamentar. Fez o Ginásio e o Clássico no Cel. Bonifácio de Carvalho. Exilado político durante o regime militar, foi jornalista da Rádio Berlim Internacional e correspondente de imprensa. Assessor de gabinete da Prefeitura de São Caetano do Sul - onde nasceu e reside - de 1997 a 2004. Colunista político do portal Vote Brasil desde 2005. Mantém os blogs literários Poemas e Crônicas e Prosa e Verso de Boteco

ÉRAMOS TÃO JOVENS!

Leonilda VERTICCHIO (*)

Acervo / Leonilda Verticchio



Jogadores do primeiro quadro do Clube Atlético Monte Alegre em foto de 1965. Na foto vemos, agachados, da esquerda para a direita: (?), Luiz (Luizão), Vagner (Bico-fino), Jurandir (Jura) e Vagner (Mosquinha). Em pé, da esquerda para a direita, aparecem: Ciro, Airton (Fominha), Nelson (Pitota), Clodoaldo (Clodo Vecchi), Tomas (Zinho), Norival (China) e Lauro (Laurão)

A amizade verdadeira, entre pessoas amigas, é aquela que resiste à separação, ao tempo e à distância. Ela sempre é dolorida, mesmo quando apenas mudamos de casa, de uma rua, indo para longe de nossos vizinhos. A tristeza nos toca, pois a distância acaba mudando as pessoas. Muitas vezes, apenas a saudade fica no lugar das grandes amizades.

Em São Caetano, em tempos passados, havia poucas moradias, e os bairros eram bem distantes um dos outros, em meio a muito mato, campos e árvores. Quando chegaram à cidade, muitas das famílias de imigrantes italianos instalaram-se na Barra

Funda (atual Bairro Fundação). Já os espanhóis fixaram residência no Monte Alegre. Um nome bonito para um lugar alto, belo, com grandes famílias hispânicas, formadas por pessoas alegres e falantes, em uma harmoniosa comunidade.

Vários times de futebol surgiram da necessidade de integrar a comunidade e como uma distração para os rapazes e senhores. A situação financeira da população e a falta de energia elétrica, entre outros fatores, não criavam condições para muitas atividades de lazer. E assim, em 1917, surgiu o Monte Alegre Futebol Clube. Mas as atividades destas agremiações não se resumiram somente às práticas esportivas. Na década de 1940, os bailes com grandes orquestras atraíam diversas famílias ao clube. A comunidade espanhola local tinha talentosos representantes no corpo cênico do Monte Alegre, que apresentava peças teatrais aos frequentadores.

As atividades sociais, culturais e esportivas do clube continuaram por muitos anos, até que, em 1965, houve uma renovação nos primeiro e segundo quadros de jogadores do time de futebol, com a chegada de rapazes muito jovens, que passaram a defender aquela associação. Mais do que jogar juntos e de destacarem-se como bons jogadores, eles se tornaram amigos. Amigos de verdade.

Por serem muito jovens, os rapazes recebiam orientações, conselhos e cuidados, especialmente por parte de um senhor chamado Lauro. Ainda hoje, Lau-

Recente encontro dos ex-jogadores do Clube Atlético Monte Alegre e suas famílias, realizado no dia 22 de outubro de 2011



Acervo / Leonilda Verticchio



Acervo / Leonilda Verticchio

Integrantes do segundo quadro do clube, em 1965. Foram identificados: Agostinho, Airton (Fominha), Vagner (Panquinha), Alemãozinho, Nelson (Pitota), Euclides (Quidão), Claudio (Meninão), Irineu, Lauro, Celso (Cebolinha), Luiz Carlos (Luizão), Celso (Chumbinho), José (Zequinha) e Ademir (Cudigão)

rão (como é popularmente conhecido) é muito estimado pelos meninos (hoje homens). Quando havia alguma comemoração que envolvesse os jogadores, toda a família participava. Os jogos aconteciam aos domingos e o caminho era sempre o mesmo, da sede para o campo. Mas passar pela casa do atleta Tomaz era obrigação.

Os apelidos, divertidos e até estranhos, não ofendiam nenhum deles. Era um grupo que jogava pela alegria de estar reunido e pelo amor à camisa azul e branca. Porém o tempo não para e nem espera por ninguém. Ele passa... passa, e leva com ele os melhores tempos da vida de cada um. Mas, nem o tempo e nem a distância os separaram. Entre eles não houve despedida, pois, nestes 46 anos, os jovens jogadores continuaram a se encontrar, uma vez por ano. Todo mês de outubro eles se reúnem para uma grande festa com a presença das esposas, filhos, irmãs, sobrinhas. Mesmo aqueles que se mudaram da cidade e moram mais longe não deixam de comparecer. Só as amizades verdadeiras e sinceras resistem ao tempo que passa, à distância que afasta, à vida que separa e ao adeus que se transforma em saudades. **R**

(*) Leonilda Verticchio é memorialista



Avenida / Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti

Fachada atual da Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti, inaugurada em 2006 e situada na Rua Visconde de Inhaúma, 905, no Bairro Oswaldo Cruz. Foto de 2011

ESCOLA MUNICIPAL DE IDIOMAS PAULO SÉRGIO FIOROTTI: 50 anos de educação e cultura sem fronteiras

A necessidade da comunicação entre os povos remonta aos tempos mais distantes. O homem primitivo expressava seu universo mítico e o cotidiano prosaico por meio de pinturas nas cavernas, de Altamira a Lascaux. Os séculos se sucederam, conhecimentos se acumularam e se aprimoraram. Dos rabiscos ao balbucear de sons formaram-se fonemas, das palavras à escrita, a diversidade de idiomas é gigantesca.

Sejam quais forem os motivos - econômicos, comerciais, diplomáticos, militares, sociais ou culturais -, a necessidade de entrar em contato com falantes de outro idioma é muito antiga. Supõe-se que as primeiras aprendizagens de uma língua estrangeira aconteceram pelo contato direto com o estrangeiro. Paralelamente a estas aquisições em

meio natural, alguns povos se preocuparam em aprender e ensinar, de forma sistemática, algumas línguas estrangeiras.

Segundo o pesquisador e linguista Claude Germain, as primeiras provas da existência do ensino de uma segunda língua remontam à conquista gradativa dos sumérios pelos acadianos - do ano 3000 a. C., aproximadamente, até por volta do ano 2350 a. C. -, na região que hoje corresponde ao deserto da Síria. Trata-se realmente do primeiro ensino de uma língua estrangeira de que se tem registro. Hoje, o aprendizado de línguas estrangeiras é tão importante quanto foi num passado distante. É fundamental para a ampliação de possibilidades, para facilitar a conquista de uma boa colocação profissional, incrementar o capital cultural, sobretudo esta

necessidade se faz pela realidade atual, permeada por um desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação de massa e de novas tecnologias.

O gasto com educação vem crescendo no Brasil. Segundo um estudo realizado pelo Provar (Programa de Administração do Varejo) da FIA (Fundação Instituto de Administração), o gasto com educação da Classe C, que possui renda média de 1,5 mil reais/mês, subiu de 8% a 10% do orçamento no ano passado para 15% a 17% em 2011. Outro fato que mostra esse aquecimento para o mercado de educação é que as classes A e B cresceram 12,8% desde janeiro de 2009, segundo dados da FGV (Fundação Getúlio Vargas), e as escolas de idiomas vêm conseguindo se expandir no mercado com a grande demanda de aprendizado de línguas estrangeiras, principalmente o Inglês e o Espanhol.

Em São Caetano do Sul, a população tem acesso gratuito ao ensino de línguas, como Inglês, Francês, Espanhol, Italiano, Alemão e Português, com qualidade, além de ter a oportunidade de expandir seu repertório cultural. O serviço passou a existir com a criação do Curso Municipal de Línguas em 10 de setembro de 1961. Na época, Yolanda Ascencio, professora formada em letras anglo-germânicas, recebeu do prefeito Anacleto Campanella o convite para dar aulas de inglês e português e dirigir a escola. Era uma oportunidade profissional e também um desafio para uma pessoa portadora de necessidades especiais dar aulas para alunos de visão normal.

A princípio, a escola foi instalada em salas de grupos escolares. O número de alunos foi aumentando, o que fez surgir a necessidade da escola instalar-se em um prédio maior, capaz de acolher mais estudantes. A professora Yolanda deu aulas até 1975, quando passou somente a dirigir a escola.

Em 14 de agosto de 1979, o Curso Municipal de Línguas instalou-se na Rua Alegre, 487, no Bairro Barcelona, no andar tér-

Inauguração da nova sede da Escola Municipal de Línguas Paulo Sérgio Fiorotti, localizada na Rua Tomaso Tomé, 270, no Bairro Olímpico, em 3 de março de 1990. Identificados na inauguração: prefeito Luiz Olinto Tortorello, Heleninha Petronilho, Yolanda Ascencio, João Rodrigues, Maria Teresinha Dario Fiorotti e Mafalda Morcelli

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo / Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti



Flagrante de um momento de aula. A escola oferece curso para todas as gerações sul-sancaetanenses. Foto de 25 de junho de 2008

reo do Departamento de Educação, Cultura, Esportes e Turismo. Neste novo prédio, o número de alunos aumentou significativamente, bem como o número de professores.

Sentindo a necessidade de ampliar as instalações, pois os cursos oferecidos atraíam cada vez mais alunos, no dia 13 de julho de 1990, o curso foi transformado na Escola Municipal de Línguas Paulo Sérgio Fiorotti e passou a funcionar na Rua Tomaso Tomé, 270, no Bairro Olímpico. O nome da escola foi dado em homenagem ao filho de Maria Teresinha Dario Fiorotti e Lauro Fiorotti, falecido ainda adolescente. A professora Yolanda Ascencio exerceu o cargo de diretora durante 30 anos, aposentando-se em 1990.

Atualmente, com o nome de Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti, instalada desde 2006 em sede própria, na Rua Visconde de Inhaúma, 905, no Bairro Oswaldo Cruz, a instituição atende, aproximadamente, 3.300 alunos de todas as faixas etárias, incluindo alunos da terceira idade, que após a formação do curso de Inglês ou Espanhol nos Centros da Terceira Idade (CISE), podem prosseguir nos cursos regulares da Escola de Idiomas.

Apresentação de alunos dentro do projeto Coral. Foto da década de 2000



Acervo / Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti



Acervo / Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti

Visando à integração professor-aluno, a Escola Municipal de Idiomas festeja o Halloween - dia das Bruxas - todo o dia 31 de outubro. A festa tradicional, oriunda das celebrações populares antigas, ocorre em países de origem anglo-saxônica, com especial relevância no Reino Unido, Irlanda, Estados Unidos e Canadá, foi introduzida no Brasil por escolas que ensinam a língua inglesa. Foto da década de 2000

A escola, sob a direção da professora Mary Beatriz Ceccato, está empenhada em trazer novas propostas visando à qualidade e ao aprimoramento do ensino de idiomas, como o recente projeto *Discussion Corner*, desenvolvido com alunos dos últimos módulos do curso de Inglês, que, nas horas de lazer, têm a fluência da língua desenvolvida em conversas informais e debates sobre temas atuais.

Incentivos aos frequentadores da biblioteca, com premiação aos mais assíduos, participação dos alunos em atividades extracurriculares, ciclo de palestras, dramatizações e outras atividades artísticas, como canto e dança, festas de *Halloween* e projetos como *Correio Itinerante*, *De Olho na Língua*, *Leitura*, e outros, fazem da Escola Municipal de Idiomas uma instituição de qualidade, acompanhando as mais modernas instituições particulares de ensino de línguas.

A Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti completou, neste ano, 50 anos de atividades em São Caetano do Sul, contribuindo para o desenvolvimento educacional, social, profissional e cultural dos moradores do município. **R**

(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

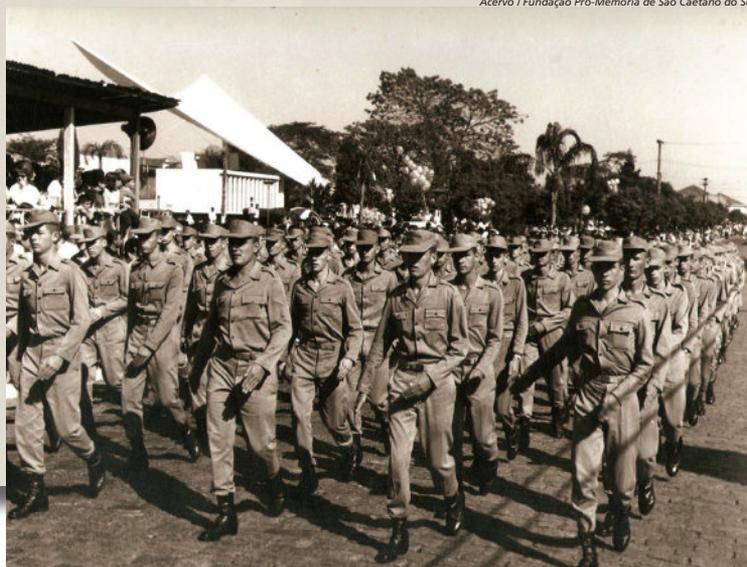
SESSENTA ANOS DO TIRO DE GUERRA DE SÃO CAETANO DO SUL

(*) *Arquimedes José Bezerra dos SANTOS*

(**) *Rogério Márcio SOARES*

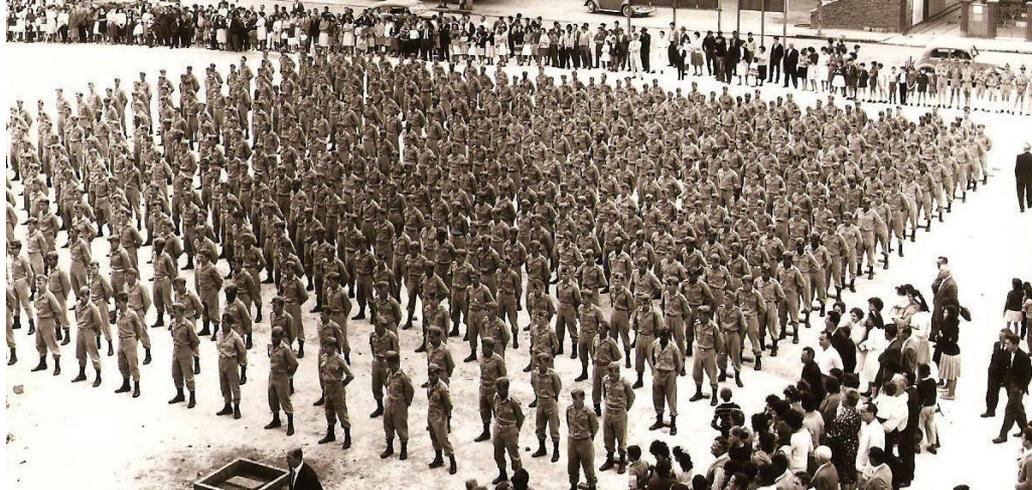
Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Desfile cívico realizado na Avenida Goiás, no momento em que os soldados do Tiro de Guerra passam diante da Concha Acústica e do palanque das autoridades. Foto da década de 1960



O

Tiro de Guerra (TG) 02-069 de São Caetano do Sul está celebrando 60 anos de existência. Ele foi criado pela portaria ministerial número 110 de 11 de maio de 1951, a qual foi publicada no Diário Oficial da União número 11 daquele mês, recebendo o número 02/277 (o 02 correspondia à segunda região militar e o 277 significava que outros 276 municípios já contavam com tiros de guerra). O primeiro diretor foi Ângelo Raphael Pellegrino, prefeito municipal na época, nomeado em 28 de agosto de 1951. O primeiro instrutor foi o segundo-tenente Antonio Rennó Ribeiro, nomeado em 8 de setembro do mesmo ano.



Acervo / Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Formação dos soldados do Tiro de Guerra, na Praça dos Estudantes, diante da Prefeitura Municipal na Avenida Goiás, durante o juramento à Bandeira. Início da década de 1960

Suas atividades tiveram início em 20 de novembro de 1951, com a matrícula de 67 convocados da classe de 1932. Até este período, os jovens da cidade faziam seu alistamento na Prefeitura, passavam pela seleção e serviam em unidades de São Paulo. A sede em São Caetano foi improvisada em um galpão localizado na Rua Roberto Simonsen. Posteriormente, mudou para um antigo cinema na Rua Maranhão, 96, onde permaneceu por muitos anos.

O aniversário do Tiro de Guerra é comemorado no dia 8 de maio, data confirmada em publicação no Boletim Interno da 2ª Região Militar, número 121, de 28 de maio de 1951. Em 8 de maio de 1990, foi inaugurada a sede atual localizada na Avenida Fernando Simonsen, 160, no Bairro São José.

Atualmente, o diretor é o prefeito José Aurichio Junior, o qual foi empossado no cargo após sua reeleição, a contar de 1º de janeiro de 2005. O chefe da instrução é o segundo-tenente Arquimedes José

Bezerra dos Santos, que assumiu a função em 15 de janeiro de 2009, e o instrutor é o primeiro-sargento de infantaria Rogério Márcio Soares.

Organização do Tiro de Guerra e sua subordinação - Os tiros de guerra, em termos de Forças Militares, são fruto de uma experiência bem sucedida de exclusividade brasileira, não havendo nada parecido em nenhuma outra parte do mundo. Estas instituições militares funcionam a partir de uma parceria entre o Exército Brasileiro e as prefeituras municipais das cidades onde estão sediadas, cabendo ao primeiro a distribuição de todo o fardamento, armamento e munição, equipamentos e pessoal especializado (instrutores) e, à segunda, a cessão de instalações, material de expediente e outros recursos destinados ao bom funcionamento administrativo do Tiro de Guerra.

Há tiros de guerra em vários Estados brasileiros e esses são diretamente subordinados a 12 regiões militares. Eles são uma Organização Militar (OM) como qualquer outro quartel do Exército Brasileiro. Essas limitações dizem respeito à instrução militar ministrada durante o ano, ao efetivo profissional disponível, à condição de dependência administrativa e às suas instalações. **R**



Acervo / Tiro de Guerra 02-069 de São Caetano do Sul

Foto da sede atual do Tiro de Guerra (TG) 02-069 de São Caetano do Sul

(*) **Arquimedes José Bezerra dos Santos** é segundo-tenente do Exército e chefe de instrução do Tiro de Guerra de São Caetano do Sul
 (**)**Rogério Márcio Soares** é primeiro-sargento de Infantaria do Exército e instrutor do Tiro de Guerra de São Caetano do Sul



Foto: Marcus Vincenzi da Costa Patrizio

Integrantes do Clube dos 30 em excursão à cidade de Virginia, em Minas Gerais, em abril de 2011

CLUBE DOS 30 EM JUBILEU DE PRATA

Marcus Vincenzi da Costa PATRÃO ()*

Em fevereiro de 1968, a edição número 61 da revista Panorama, editada pela General Motors do Brasil, divulgava a criação do Clube dos 40, ocorrida em 30 de janeiro daquele mesmo ano. Iniciativa de nove fundadores que haviam iniciado suas atividades antes de 1930 na então General Motors of Brazil SA, quando a empresa ainda se encontrava instalada nos galpões e em um “escritório” na avenida Presidente Wilson, no Ipiranga, em São Paulo.

Com o Clube dos 40, a companhia homenageava todos os funcionários que nela permanecessem por 40 anos ou mais. Cabe lembrar que, logo após a sua instalação no Brasil, em 1925, a empresa já se empenhara na tarefa de proporcionar não só esportes e lazer, como também fomentar o espírito de companheirismo

entre os seus funcionários, com a fundação da General Motors Sports Athléticos (GMSA) em 1926, que passou a denominar-se General Motors Esporte Clube (GMEC) em 1935 e, finalmente, Associação Desportiva Classista General Motors (ADCGM) a partir de outubro de 1978.

Mas em razão das mudanças nas leis de trabalho, bem como da expansão do mercado de trabalho durante as décadas de 1970 e 1980, dificilmente alguém permanecia por 40 anos em uma empresa, fazendo com que, em 1986, houvesse apenas 28 integrantes no Clube dos 40. Assim, a tradicional homenagem da GM passou a ser feita com a entrega do distintivo de ouro para os funcionários que completassem 30 anos de serviço contínuo. Em 1º de dezembro de 1986, o vice-presidente da General Motors, André Beer, criou o Clube dos 30, reconhecido oficialmente pelo presidente Clifford Vaughan.

A formação do Clube dos 30 deu-se, então, como associação agregada à ADCGM, constituída a princípio por 354 membros, sendo que 245 já haviam se desligado da empresa e 109 ainda eram funcionários ativos. O primeiro quadro administrativo teve Nikolaus Fritz, que havia ocupado a presidência do antigo General Motors Esporte Clube, como coordenador geral. Integravam ainda a diretoria: Nestor Dotta (secretário), Helio Buzon (tesoureiro), Álfio Sergio Scartozzone (diretor social) e Adalberto Bógsan (coordenador em São José dos Campos). Fritz e sua equipe planejaram a primeira pauta de eventos do clube, composta por excursões, piqueniques, visitas às fábricas da montadora, espetáculos de teatro com ingressos cedidos pela companhia, olimpíadas entre os trintenários, cursos de pin-

tura para as trintenárias (ação que resultou doação de panos de cozinha para o Hospital do Câncer), desfiles, curso de floricultura para ornamentar mesas de reuniões festivas, que eram realizadas sempre na última quinta-feira de cada mês.

Em 2011, o Clube dos 30 completa seu jubileu de prata com mais de quatro mil associados (número que, somado aos respectivos cônjuges, supera os oito mil). Em São Caetano do Sul, sua administração ainda conta com a atuação efetiva de Nikolaus e Odi Fritz, e de Álfio Sergio e Angelina Scartozzone, bem como dos casais Roque e Ilona Ciciliano, Claudenir (conhecido como Lambreta) e Marlene Barreto, Oswaldo e Ana Maria Vallini, João e Severiana Trivelatto e José Waldir e Sidirlei Voltarelli. O atual grupo promove não somente uma agenda social para os trintenários, mas também outras atividades, entre elas, ações humanitárias, tais como a ajuda aos flagelados de enchentes de Santa Catarina, Rio de Janeiro e Mauá, e as participações no projeto Um Dia Sem Carne, em benefício de entidades carentes, na Campanha do Agasalho, apoiando o Fundo Social de Solidariedade da cidade, e na doação de presentes natalinos para entidades de assistência à criança.

Sob a ação de voluntariado, o Clube dos 30 também conta com trintenários que agem como monitores e guias de grupos que visitam as unidades da GM em São Caetano do Sul e em São José dos Campos. Os associados ainda atuam como orientadores (advisors) no Projeto Empresário do Futuro, mais conhecido como Fábrica de Cabides, uma parceria do General Motors Institute com a Ong Junior Achievement, dirigido a estudantes do ensino médio. Em São José dos Campos, as ações do clube são coordenadas por Pedro e Maria José

André Beer (esquerda), fundador do Clube dos 30, ao lado de Nikolaus e Odi Fritz, em cerimônia de entrega do distintivo de ouro aos empregados com 30 anos de serviços na GM, em 1999

Acervo / Marcus Vincenzi da Costa Patrão



Acervo / Marcus Vincenzi da Costa Patrão

Entrega de cobertores e agasalhos ao Fundo Social de Solidariedade de São Caetano do Sul, dentro da Campanha do Agasalho. Na foto vemos, da esquerda para a direita: Oswaldo Marchese, Aparecida Ros Leone, Nikolaus Fritz, Jandira Marquezi Gil, José Waldir, Sidirlei Voltarelli, a primeira-dama Denise Auricchio, Márcio, Norma Perrella, Ângela Borda, Maria das Graças Martins, Jaqueline Pablos, Gerson Borda, (?) e Rubens Goulart



Acervo / Marcus Vincenzi da Costa Patrão

Flagrante de jantar que reuniu membros do Clube dos 30, no dia 16 de dezembro de 2010. Na foto aparecem: José Waldir Voltarelli, José Roberto Mucin, José Adirson Ferrarezi, Roque Ciciliano, Edward Toledo, Nikolaus Fritz, Sylvio Vieira de Souza, Claudenir Barreto, Oswaldo Vallini, Álfio Sérgio Scartozzone e João Trivelatto

Salvador de Oliveira, com o auxílio de Luiz Nagaroto e esposa, e de Genésio Lemes de Andrade Junior.

A General Motors é a pioneira, e talvez a única montadora no mundo, a manter um clube de funcionários e ex-funcionários da terceira idade dentro de um clube social. Não são somente suas festas, confraternizações, jogos, churrascos, excursões e demais eventos que consolidam plenamente a união e a irmandade entre os seus associados. É também decisiva a promoção da cidadania por meio de uma sadia convivência entre seus associados. Esta ideia é a chave-mestra do êxito alcançado pelo Clube dos 30, fazendo-nos lembrar do preceito de seu fundador, André Beer, quando era ainda vice-presidente da General Motors do Brasil: "O acervo mais importante que uma empresa pode ter é o ser humano e não as máquinas, que podem ser compradas". **R**

(*) Marcus Vincenzi da Costa Patrão é químico. Trabalhou na General Motors por 32 anos e é membro do Clube dos 30

MINHA INFÂNCIA NAS TRÊS CASETAS

Laura Valério RODRIGUES (*)

Sou filha do imigrante português João Baptista Valério e de Laura Loureiro Valério, brasileira, filha de portugueses. Meu nome é Laura Valério Rodrigues. Nasci em São Caetano do Sul, no dia 25 de abril de 1933. Quando chegou ao Brasil, meu pai foi trabalhar em uma fazenda na cidade de Cravinhos, interior do Estado de São Paulo. Lá, conheceu minha mãe, com quem se casou, em 1914.

Meus pais mudaram-se para São Paulo e ele foi trabalhar como motoneiro de bonde puxado a cavalos. Pouco tempo depois, vieram para São Caetano do Sul, onde montaram um pequeno armazém, na Avenida Conde Fran-

cisco Matarazzo, no Bairro Fundação. Aqui, nasceram meus dois irmãos, Manoel Afonso e Amélia da Conceição.

No início da década de 1930, minha família mudou-se do Bairro Fundação para três casas, que eram iguais e haviam sido construídas uma ao lado da outra, e que, por isso, eram conhecidas com as três casetas (termo que significa casa pequena). Elas ficavam em um terreno grande, paralelo à Estrada de Ferro, que confrontava com a General Motors. Nos fundos, ficava o Rio Tamanduateí, onde as mulheres lavavam roupas. Nestas casas, nasceram mais seis filhos: Elena, Luiz, Maria, Lourdes, Palmira e eu, Laura.



Galo de Barcelos, representação de uma lenda portuguesa

João Baptista Valério, proprietário das três casetas, em foto da década de 1930

Acervo / Laura Valério Rodrigues





*Em frente às casetas, o primo José Valério, Maria Amaral, Laura (criança menor), Lourdes e Maria D'Ascensão.
Foto da década de 1930*



Os irmãos Manoel (Maneco) e Luiz Valério fazendo entrega de leite pelas ruas de São Caetano, na década de 1940

Meu pai possuía 95 vacas holandesas, que pastavam nos arredores das três casetas. Os animais eram comprados por meu pai, em Minas Gerais, em viagens que duravam cerca de 30 dias. O leite produzido era vendido de casa em casa, diariamente, pelos meus irmãos Manoel e Luiz, que seguiam com um carrinho puxado a cavalos. Às sextas-feiras, as senhoras de maior poder aquisitivo compravam muitos litros para acrescentar à água de suas banheiras, pois diziam ser excelente para a pele.

Ao fundo das casas, havia uma grande cocheira onde ficavam as vacas que, quando soltas, atravessavam a ponte sobre o Rio Tamandateí para pastarem do outro lado, próximo ao morro da Vila Califórnia. Nesse local, eram praticados treinos de tiros dos soldados do Tiro de Guerra, do qual meu irmão, Manoel, fazia parte.

Lembro-me, extasiada, das festas juninas. Eram maravilhosas! O céu ficava salpicado por pontos coloridos de balões. Fazíamos uma enorme fogueira e o churrasco era garantido, pois os garrotes já estavam aos pedaços, bem temperados. No Dia de São João, parentes da antiga Vila Prosperidade, fregueses, amigos e autoridades, como o delegado, vinham para o arraial,

Os irmãos Luiz, Maria, Lourdes, Palmira e Laura Valério, no terreno das três casetas, na década de 1940



tornando assim as horas alegres e felizes, com os fogos de artifício cortando o carnaval.

O carnaval, que ficava ao lado do terreno, era sempre benzido pelo padre Alexandre Grigolli, da Igreja Matriz Sagrada Família, para evitar que nuvens de gafanhotos o destruíssem, garantindo o alimento para o gado. Em nosso quintal havia, também, uma horta, que fornecia legumes e verduras para nosso consumo. Lembro-me que muitas vezes levamos hortaliças para Benito Campoi, dono de uma loja onde minha mãe comprava e pagava mensalmente, localizada entre as ruas Tiradentes e General Osório. Quanto prazer nas idas à loja, pois era sempre presenteada por ele ou sua esposa, com um brinquedinho. Para chegar ao estabelecimento, através-

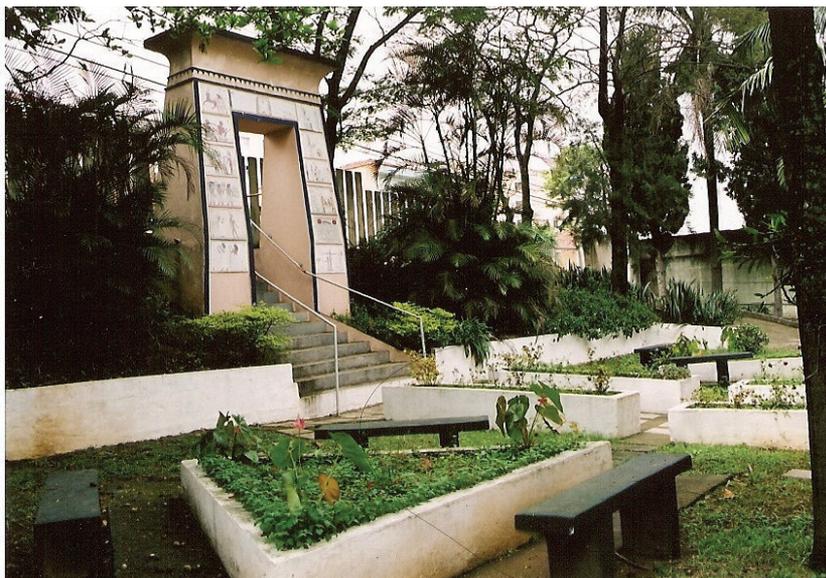


Laura Valério Rodrigues em foto recente, em outubro de 2011

sávamos a linha de trem São Paulo Railway e subíamos por uma trilha que dava para a Avenida Goiás.

Passados tantos anos morando nas três casetas, onde meus irmãos e eu nascemos, o sítio foi vendido e mudamos para o Bairro Prosperidade, na década de 1940. Atualmente, vivo no Bairro Barcelona. Quando passo na Avenida dos Estados, às margens do Rio Tamandateí, vem a lembrança de uma infância feliz e de meu querido paizinho, João Baptista Valério, que nos deixou em 1973, aos 78 anos. Hoje, o terreno onde se localizavam as três casetas é propriedade da General Motors. **R**

() Laura Valério Rodrigues é formada em Pedagogia e professora aposentada da EMEF 28 de Julho*



Portal de entrada
e jardim do templo
atual, localizado na
Rua Marlene

CINQUENTA ANOS DOS ROSACRUZES EM SÃO CAETANO DO SUL

João MASSOLINI ()*

*Marcos MASSOLINI (**)*

*Antonio Sérgio Pacífico BORDIN (***)*

A Antiga e Mística Ordem Rosae-Crucis (AMORC), também conhecida como Ordem Rosacruz, é uma instituição de natureza fundamentalmente mística¹, filosófica, iniciática², educacional, cultural e fraternal, não religiosa, apolítica, que atua internacionalmente e formada por indivíduos de boa vontade - tanto por homens e mulheres - desejosos do despertar de suas faculdades interiores. A fraternidade oferece sua filosofia e prática tradicionais, a fim de que o ser humano possa levar uma vida mais harmonizada, saudável e alegre.

A Origem da AMORC - O Egito e a Tradição Primordial - Tem-se questionado muito a origem do

rosacrucianismo. Embora a maioria dos pesquisadores concorde em situar seus primórdios históricos no início do século 17, pode-se, não obstante, evidenciar a gênese desse movimento num passado mais longínquo. Esta era, por exemplo, a teoria de Michael Maier, médico e alquimista germânico do século 16. Em sua obra *Silentium post Clamores* (1617), ele apresentou a origem do rosacrucianismo como egípcia, bramânica, oriunda dos mistérios de Elêusis e da Samotrácia, dos magos da Pérsia, dos pitagóricos e dos antigos árabes.

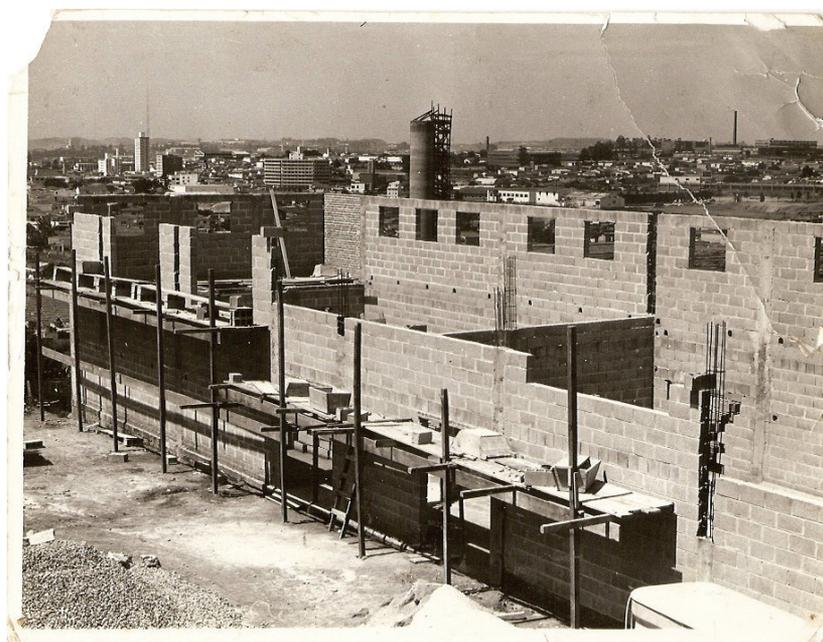
A Tradição Rosacruz situa suas raízes no Egito Antigo, remonta a aproximadamente 1500 a.C.. Naquela época, surgiram grupos seletos de pessoas para investigar os mistérios da vida, do homem e do universo. Tais grupos eram formados por pessoas livres de sectarismos, interessadas nas ciências, filosofias e artes, cujas pesquisas transcendiam o aspecto

puramente material e se remetiam à dimensão sutil das coisas e substâncias. Com estes grupos surgiram as Escolas de Mistérios ou Escolas de vida.

O Faraó Tutmés III (1500 a 1477 a.C.) organizou a primeira fraternidade baseada em princípios perpetuados até hoje pela Ordem Rosacruz. Mais tarde, o Faraó Amenhotep IV foi iniciado. Ele estabeleceu uma filosofia que reconhecia Aton, o "disco solar", como símbolo da divindade única, sendo considerado por historiadores o primeiro monoteísta da história.

Fraternitatis e o Casamento Alquímico de Christian Rosenkreutz, que foram publicados respectivamente em 1614, 1615 e 1616. Estes manifestos conclamavam as pessoas da época principalmente os líderes de pensamento, a assumirem uma dimensão mais filosófica, mística e universalista da vida, revelando que a ordem Rosacruz guardava uma ciência que permitia essa consecução.

O primeiro manifesto, o Fama Fraternitatis, foi impresso na cidade de Kassel, no Sacro Império



Arquivo / João Massolini

Construção do Templo Rosacruz na Rua Marlene, no Bairro Nova Gerty, na década de 1970

Os ensinamentos da ordem Rosacruz foram transmitidos ao longo da história da humanidade, através de várias sociedades. Foi na época de Carlos Magno³, quando a Rosacruz foi introduzida na França, de onde se espalhou para grande parte da Europa ocidental. No medievo, este conhecimento esteve com frequência oculto em simbolismos da alquimia⁴, da cabala⁵ e nos ritos de ordens de cavaleiros.

Manifestos do século 17, os Rosacruzes revelam sua existência ao Mundo - Quando a renascença irrompeu na Europa como um ímpeto de novo interesse pelas artes e pelas ciências, num clima de mais liberdade, os rosacruzes deram a se conhecer amplamente, publicando três manifestos desde então célebres na História: Fama Fraternitatis, Confessio

Romano, cujo conteúdo causou grande excitação e controvérsia à época, e até hoje continua a ser objeto de muita discussão. Tendo sido publicado em 1614, muitos historiadores deduziram disso que a Ordem Rosacruz nasceu naquele ano, sem levar em conta sua história tradicional ou pelo menos a data de 1378 (data de nascimento de Christian Rosenkreutz) e a época assim designada implicitamente (os séculos 14 e 15), isto sem contar a introdução da ordem na França no século 13.

De maneira resumida, o Fama conta a história de Christian Rosenkreutz, nobre germânico nascido em 1378, que viajou ao Oriente em busca da sabedoria oculta. Ele foi educado num mosteiro, onde aprendeu grego e latim. Ainda jovem, acompanhou um frade em peregrinação a Jerusalém, mas o

religioso morreu em Chipre antes de terminar a viagem. Só, Rosenkreutz seguiu. Foi para Damasco onde ouviu falar sobre uma certa sabedoria secreta que só encontraria na cidade de Damcar. Lá, estudou com os iniciados de uma sociedade mística secreta, aprendeu árabe e traduziu o Liber M, livro de procedência desconhecida. De Damcar, Rosenkreutz foi à cidade de Fez, no Marrocos, onde aprendeu a evocar os entes do fogo, da terra, do ar e da água.

Logo em seguida, retornou à Europa e, depois de outras andanças e experiências, as quais incluíram cinco anos de meditação solitária, fundou a fraternidade da Rosacruz, com três amigos. Os membros dessa sociedade construíram uma sede secreta, a Casa do Espírito Santo, inventaram um “idioma simbólico e mágico” e peregrinaram por todo o continente europeu curando doentes, semeando os princípios da ordem e agregando novos irmãos, escolhidos a dedo.

Em 1484, aos 106 anos, Rosenkreutz faleceu e, segundo o relato, foi sepultado em uma câmara mortuária mística. A fraternidade fundada por ele permaneceu, embora o seu jazigo tenha sido esquecido. Em 1604, 120 anos após sua morte, membros da terceira geração de rosacruzes encontraram-no acidentalmente. O corpo permanecia intocado e não havia se degradado; o sepulcro estava iluminado pelo “sol dos magos” – ao que parece, uma das lâmparas que nunca se apagam das lendas medievais. A câmara, decorada com símbolos místicos, continha manuscritos sobre a sabedoria secreta. A fraternidade da Rosacruz sentiu que era seu dever revelar tais fatos ao mundo e dizer que estava aberta para receber novos membros.

Os Rosacruzes na América do Norte - No final do século 17, seguindo o plano proposto por Francis Bacon (1561 – 1626) antigo imperator (presidente) da Ordem Rosacruz, um grupo de líderes rosacruzes foi organizado para estabelecer as artes e as ciências rosacruceanas na América do Norte. Em 1694, cruzaram o Atlântico num navio especialmente fretado, o Sarah Maria, sob a liderança de Johannes Kelpius, mestre de uma loja⁶ rosacruz da Europa. Desembar-

cando na Filadélfia, lá fundaram sua primeira colônia. Mais tarde, mudaram-se para a Pensilvânia, fixando-se em Ephrata. Essa comunidade rosacruz fez uma valiosa contribuição para a então emergente cultura americana.

Eminentes americanos como Benjamin Franklin, Thomas Jefferson e Thomas Paine, estiveram intimamente ligados a esses rosacruzes.



Acervo / João Massolini

Lançamento da pedra fundamental do Templo Rosacruz em São Caetano do Sul, em 10 de outubro de 1973. Da esquerda para direita: o prefeito Walter Braido, Walter N. S. Alves e o Grande Mestre Parucker

A Ordem Rosacruz na atualidade - No início do século 20, a ordem encontrava-se adormecida na América, mas ativa na França e em outras partes do mundo. Para despertá-la mais uma vez em solo americano, Dr. Harvey Spencer Lewis, jornalista, filósofo, cientista e místico, viajou para a França em 1909, onde, na cidade de Toulouse, foi devidamente iniciado à autêntica Ordem Rosacruz e investido da responsabilidade de restaurar a ordem nas três Américas. Com Lewis como imperator, a Ordem Rosacruz AMORC, foi restaurada em 1915.

Hoje a AMORC está presente na maioria dos países civilizados. Centenas de milhares de pessoas têm sido beneficiadas pelo conhecimento que está além da ciência e da religião e que, não obstante, unifica as verdades científicas e religiosas. Homens e mulheres participam da Ordem em condição de absoluta igualdade, sem consideração de religião ou raça.

A Ordem Rosacruz em São Caetano do Sul - A Ordem Rosacruz está no município de São Caetano



Acervo / João Massolini

Solicitação para declaração de utilidade pública do Pronaos ABC, em novembro de 1969. Da esquerda para direita, vemos: Marlene Santos, (?), Renata Vanini e o prefeito Oswaldo Samuel Massei

do Sul desde o início dos anos 60. Naquela época, 28 membros da ordem realizaram uma reunião que foi a precursora para viabilizar a fundação da primeira unidade da Ordem Rosacruz na região do ABC.

O iniciador do movimento, frater⁷ Jaert J. Sobanski, juntamente com 22 membros da região do ABC paulista, cinco membros da Loja São Paulo, inclusive o Grande Conselheiro na época, frater Antonio Lando Accorce, realizaram a reunião onde foram eleitos os primeiros oficiais para comandarem a nova unidade do ABC Paulista, no caso o Pronaos⁸ Rosacruz ABC. Para dirigir as atividades do então recém-criado Pronaos, foram eleitos os seguintes oficiais: o mestre Joaquim Pinto, o secretário Derval Gonçalves Canosa e o guardião José Giulianete Rivera. O mestre é a pessoa que comanda o Pronaos, o secretário o auxilia com questões administrativas e o guardião é ritualisticamente a pessoa responsável pela guarda do templo durante as convocações ritualísticas.

Esta primeira unidade da ordem Rosacruz no ABC Paulista, foi fundada em 19 de abril de 1961, e ficava situada na Rua Rio Grande do Sul, 358. Com o crescimento do Pronaos, em pouco tempo um local maior se fez necessário e em 22 de agosto de 1964, a unidade foi mudada para a Rua Manoel Coelho, 325, também em São Caetano do Sul.

O Pronaos ABC AMORC foi declarado de utilidade pública pela lei municipal nº. 1813, de 19 de dezembro de 1969. Como o número de membros foi aumentando rapidamente, no ano seguinte, foi elevado à condição de Capítulo⁹, passando a chamar-se Capítulo ABC AMORC.

A sede da Rua Manoel Coelho tinha duas salas: uma era a social e a outra o templo. O Capítulo ficou instalado lá até que o proprietário resolveu pedir a

entrega das salas e foi preciso procurar um novo local.

Em parceria com a Prefeitura de São Caetano do Sul, foi conseguido um terreno em comodato, situado na Rua Marlene, 452, no Bairro Nova Gerty, onde foi construída uma linda sede, muito ampla e funcional. À época, não havia dinheiro suficiente, mas, com muita disposição e coragem, os membros do então Capítulo ABC se mobilizaram e organizaram eventos, como festas e churrascos, para angariar fundos que financiassem a construção. Foi realizado também um projeto intitulado Plano Cap, um carnê



Acervo / João Massolini

Fachada do atual templo Rosacruz na Rua Marlene

em que os membros depositavam mensalmente uma certa quantia em dinheiro.

Em 1º de abril de 1978, o templo Rosacruz do Capítulo ABC AMORC pôde ser consagrado¹⁰ pela então grande mestre, soror¹¹ Maria A. Moura. Para os rosacruzes da região este foi um dia muito especial.

A quantidade de membros da região continuou a aumentar e em 27 de novembro de 1982, o capítulo foi elevado à condição de Loja e passou a chamar-se Loja ABC AMORC. Como a AMORC é uma ordem iniciática, são nas lojas que as iniciações são conferidas aos membros. A Loja ABC passou a denominar-se Loja Rosacruz São Caetano do Sul AMORC em 9 de agosto de 2008.

Como se vê, a Ordem Rosacruz tem uma longa história de luta e amor, construída tijolo por tijolo por incansáveis fratres (irmãos) e sorores (irmãs) a quem este artigo presta breve, mas sincera homenagem. Graças a todo esse desprendimento e trabalho, a luz dos ensinamentos da Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis (AMORC) está brilhando com uma intensidade cada vez maior, nesta linda cidade que a acolheu. **R**

NOTAS

¹No contexto da ordem Rosacruz, o misticismo diz respeito ao estudo das leis divinas e sua aplicação na vida cotidiana. Como prova a experiência, é o respeito a essas leis que permite ao ser humano ser feliz e ter uma vida consoante com suas esperanças.

²Uma Ordem Iniciática, é um organização que eleva seus membros à medida que vão se desenvolvendo ao longo de seus estudos de grau em grau através de rituais de iniciação especialmente preparados para que seja estabelecida determinada condição psíquica que ajude este membro na introdução aos novos ensinamentos que serão recebidos. A iniciação é também um "divisor de águas" entre duas situações distintas do conhecimento místico do iniciado.

³Sucessivamente rei dos francos (de 771 a 814), rei dos lombardos (a partir de 774), e ainda o primeiro imperador do Sacro Império Romano, coroado em 800, restaurando assim o antigo Império Romano do Ocidente.

⁴O vocábulo é de origem árabe al-kimiya, aparentando ao grego kēma, originário do verbo kheo (derramar) ou ainda a palavra kemi que no Egito, designava o húmus, terra negra fértilmente decorrente das cheias. Trata-se dos conhecimentos filosóficos e química praticada no período medieval que consistia na busca da pedra filosofal, capaz de transformar metais em ouro, e do elixir para uma vida longa. Tanto o Oriente quanto o Ocidente conheceram a alquimia. Os árabes foram os grandes divulgadores das obras e das práticas alquímicas no Ocidente. A partir do século 12, a alquimia se tornou moda no continente europeu, estimulada por uma série de textos, a maioria tida como proveniente da sabedoria de Hermes, divindade grega assimilada ao deus egípcio Thot (os egípcios tinham por hábito traduzir o nome de sua divindade por Hermes, pela semelhança dos atributos de ambas as deidades). A tal tradução aduziram o termo Hermes Trismegisto (Hermes três vezes grande), patrono dos alquimistas. O mais famoso desses textos, em que estão registrados os principais fundamentos da alquimia, é a Tábua de Esmeralda (Tabula Smaragdina), descoberta por Alberto Magno (1193-1280) e já mencionada no século 8^o pelo alquimista muçulmano Jābir ibn Hayyān num de seus tratados. O conteúdo da tábua compõe-se de treze preceitos básicos, gravados em caracteres fenícios, sendo apresentados como "revelação" de Hermes Trismegisto de quem, aliás, a alquimia herdou o nome de "arte hermética".

⁵O vocábulo vem do hebraico antigo e, literalmente traduzido, significa: "Doutrinas recebidas por antigas tradições". Os ensinamentos escritos da Cabala talvez não antecedam o século XI. Há fortes indícios, entretanto, de que os ensinamentos orais existam em época muito anterior. Tradicionalmente, contam que remontam à época da sabedoria secreta transmitida por Moisés. Por meio do sistema de números e de letras do alfabeto hebraico, a Cabala, revela os mistérios esotéricos. Sua filosofia, em outras palavras, diz respeito à ontologia, ou seja, à natureza do Ser; e à antropologia e relação do ser humano para com Deus e o mundo.

⁶Loja, nome tradicional para o local apropriado para reuniões de maçons e rosacruzes. Na terminologia Rosacruz, é uma edificação de maior porte sendo utilizada para as unidades que atin-

gem pelo menos 70 membros afiliados. O termo loja não tem conotação comercial, tem origem na palavra latina logia, tem variações, do germânico, leubja e lodge, do Frances, designando um local de trabalho, no caso dos rosacruzes um trabalho místico.

⁷Significa irmão (plural Fratres) sendo o tratamento utilizado entre os rosacruzes para se dirigirem a outro membro da organização do sexo masculino.

⁸Na terminologia rosacruziana, Pronaos é uma pequena edificação que contém uma área social e um templo Rosacruz, para fazer reuniões onde são transmitidos ensinamentos aos membros presentes. Os Pronaoi (Pronaoi é o plural de Pronaos) se destinam à reunião de um pequeno número de membros da organização. Antigamente, no Egito faraônico, o Pronaos era um local de preparação para ingressar no templo e receber, mais tarde, seguindo um ritual, a iniciação aos mistérios. Havia sempre uma prova de merecimento, pela quais todos aqueles que fossem sinceros em seu desejo de colaborar com a "grande obra", deveriam se submeter espontaneamente. Nos templos rosacruzes da atualidade, estas "provas" e esta "preparação" fazem parte dos trabalhos realizados nas convocações de Pronaos nos Fóris de Atriun, nos Discursos de Admissão de Pronaos e nos experimentos e eles associados.

⁹Segundo a terminologia da Rosacruz, Capítulo é uma edificação mais ampla que se destina a atender a um número maior de membros que o Pronaos e que abriga uma área social com um templo mais espaçoso que se destina a atividades ritualísticas mais elaboradas. É também a assembleia dos membros da entidade com graus acima aos de loja.

¹⁰A consagração de templo é um ritual através do qual, após a construção de um novo templo, o grande mestre da organização torna o mesmo sagrado para todos seus membros. Mesmo que não seja consagrado pelo grande mestre, todo o templo rosacruz é consagrado pela energia vibratória que emana dos pensamentos, palavras e atos de seus membros durante suas participações nas convocações ritualísticas.

¹¹Soror significa irmã (plural Sorores), é o tratamento utilizado entre os rosacruzes para se dirigirem a outro membro da organização do sexo feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
 KING, Francis. O Livro Ilustrado dos Mistérios. São Paulo: Publifolha, 2001.
 MACINTOSH, Christopher. A Rosa e a Cruz História, mitologia e rituais das ordens esotéricas. Trad. Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 2001.
 MARQUES, Hélio de Moraes e (Coord.); BERNI, Luiz Eduardo Valiengo (Org.). Glossário de Termos e Conceitos da Tradição Rosacruz da AMORC. Curitiba: Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 2011.

(Coord.). O Domínio da Vida. Curitiba: Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 2009.

PARUCKER, Charles Vega (Coord). A trilogia dos Rosacruzes - Fama Fraternitatis, Confessio Fraternitatis, O Casamento Alquímico de Christian Ronsekreutz. Curitiba: Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, abril 1998.

REBISSE, Christian; PARUCKER, Charles (Coord.). Rosa Cruz História e Mistérios. Curitiba: Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 1^o Edição em Língua Portuguesa, abril 2004.

Sites Consultados:

<http://www.amorc.org.br/>, 31 de outubro de 2011, 12:30
<http://www.amorc.org/>, 31 de outubro de 2011, 12:35

(*) João Massolini é aposentado, nasceu há 72 anos em São Caetano do Sul e sempre morou na cidade. É membro da ordem Rosacruz desde 1976

() Marcos Massolini é jornalista e escritor, edita o informativo independente Cultura, em São Caetano do Sul, onde vive há 44 anos**

(*) Antonio Sérgio Pacífico Bordin é empresário em São Bernardo do Campo e Grande Conselheiro da Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis (AMORC), Região SP8 (ABC e Baixada Santista)**

Arquivo I Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Paulistinha
pan
Produtos Alimentícios Nacionais S/A.

Nesta cidade: RUA TAPUIAS, 155 — FONE: 192
 São Paulo: RUA 25 DE MARÇO, 348 — FONE: 33-1393 - 32-2684

**E A BALA DELICIOSA QUE SO
 A "PAN" FABRICA**

Produtos Alimentícios Nacionais (PAN) – Jornal de São Caetano, 24 de dezembro de 1953

LUXO SUPERPAN CHOCOLATE
 20 CIGARROS

Chocopan
 CHOCOLATE AO LEITE
 TIPO SUÍSSO

Gomas
Balas
Confeitos
Carumelos
Drops
Torrões

Chocolates
Bombons
Cobertura
Marzipan
Pão de Mel
Wafers

REPRESENTANTES EM TODO O BRASIL.

JANE RAZZANTE, Miss Primavera de 1948

Cristina ORTEGA (*)



Foto / Antonio Reginaldo Canhoni

Jane Maria Gonçalves Pereira Razzante ostentando a faixa de miss Primavera de 1948. Foto de 2011

André. A família estabeleceu-se na Rua Santa Catarina, 213, onde era residência e também clínica dentária de seu pai. Com os pais, vieram as filhas Jéter Cecília, Jane Maria (então com 7 anos), Junia Isabel e Joyce Aracy.

As cartas chegavam em um malote na Estação de Trem e eram distribuídas para os moradores. A agência foi montada na Rua Rio Grande do Sul, no Bairro Centro, e, posteriormente, foi transferida para a Rua João Pessoa. Envolvido na política, Paulo Gonçalves Pereira participou dos movimentos pró-autonomia de São Caetano, e ainda foi assistente social do Estado e educador social do Serviço Social da Indústria (SESI), onde ministrava palestras para os alunos.

Jane Maria fez seus estudos no Externato Santo Antonio, que ficava próximo de sua casa, na Avenida Conde Francisco Matarazzo e o ginásio, em 1945, no Ginásio Santo André. O antigo curso normal fez na Escola Normal Padre Anchieta, no Brás, em São Paulo. Ela e as amigas Jucirema Pinto, Inêz Luiza Fiorotti, Mercedes Sanches e Ze-

O dinamismo de outrora é presente atualmente na figura de Jane Maria Gonçalves Pereira Razzante. Bonita e falante, quando começa a nos contar sobre sua vida demonstra uma memória que nos surpreende pelos detalhes dos fatos passados. Nasceu em São Paulo, no bairro do Belenzinho, em 30 de junho de 1933, filha de Jane Maria e Paulo Gonçalves Pereira.

Além de dentista, seu pai era agente dos Correios. Aprovado por concurso em 1940, foi designado para organizar uma nova agência dos Correios em São Caetano, naquela época subdistrito de Santo



AcervoJane Razzante

naide D'Agostini iam juntas para a escola, de trem.

Por volta de 1940, a rua onde moravam era de terra e não havia água nas casas. O melhor do comércio da cidade ficava nas imediações de sua casa, como o Bar do Emílio, a papelaria Ao Carioca, a peixaria de José Ardito, o chaveiro Zanella, a clínica de análises do Dr. Metran e a mercearia de Ângelo Quarato. O carvão para o fogão era comprado em um depósito pertencente a uma família espanhola da rua, que entregava o produto ensacado em sua carroça. Uma vez por mês, sua mãe, que costurava muito bem, ia para a Rua 25 de Março, em São Paulo, comprar botões, elásticos, colchetes e fazendas para confeccionar roupas para a família. Mas seu vestido de casamento foi confeccionado por Dona Antonia, costureira que morava na Rua Senador Roberto Simonsen. As compras de mantimentos eram feitas na feira da Rua Niterói e outras compras na venda de Auricchio e Santa Lorenzini, na Rua João Pessoa.

Era uma família de mulheres festivas, assíduas frequentadoras do Clube Recreativo Jaraguá (cujo presidente era seu pai), que ficava na Rua Santa Catarina, na esquina com a Rua João Pessoa. Em 1948, aos 15 anos de idade, Jane foi eleita Miss Primavera, no primeiro concurso realizado na cidade, ocorrido na agremiação. A lembrança desse dia está guardada na faixa que ostentou como miss e que guarda até hoje. Ela e as irmãs frequentavam, também, os bailes do Clube Comercial nas matinês de domingo. Neste mesmo dia da semana, acompanhavam a celebração da missa na Igreja Matriz Sagrada Família.

Sob o olhar dos pais, Jane, suas irmãs e amigas frequentavam a sessão das moças no Cine Max e no Cine Urca, na Rua Manoel Coelho. Outro programa que faziam era o chamado *footing*. Os rapazes se agrupavam nas redondezas das ruas Manoel Coelho, Heloísa Pamplona e da Avenida Conde Francisco Matarazzo, a partir das 7 horas da noite, e ficavam observando as moças, que passeavam pela área de braços dados. Na esquina das ruas Santa Catarina e Baraldi, havia uma oficina mecânica onde os motoci-

Casamento de Jane e Arnaldo Razzante, em 18 de dezembro de 1955



Jane Maria Gonçalves Pereira no Clube Recreativo Jaraguá, dançando com seu pai, Paulo Gonçalves Pereira, em 1952



Jane Razzante na frente da residência da família, na Rua Santa Catarina. Foto de 1952

clistas se encontravam, com suas máquinas possantes e importadas. Como morava quase ao lado, Jane gostava de ficar olhando os motociclistas. Até que em um dia, o olhar da miss cruzou com o de um deles. Era Arnaldo Razzante, campeão paulista de motociclismo em 1948. Mas foi durante um piquenique em São Bernardo do Campo, organizado pelo Clube Jaraguá e pelo Moto clube, do qual Razzante fazia parte, que os dois se encontraram. Ali começou um namoro, que duraria seis anos.

Em 1952, Jane formou-se professora e no ano seguinte começou a lecionar no antigo Grupo Escolar Roberto Simonsen, pertencente à Cerâmica São Caetano. A escola estava instalada no casarão onde havia morado o engenheiro Armando de Arruda Pereira. Ela lecionou nesta escola durante cinco anos.

Em 18 de dezembro de 1955, Jane casou-se

Jane e Arnaldo Razzante com sua potente motocicleta. Foto de 1955



AcervoJane Razzante

com Arnaldo Razzante que, além de aficionado por esportes e motociclismo, era industrial, proprietário da Metalúrgica Favorita S/A, situada na Rua Joaquim Nabuco. O casamento aconteceu na Igreja Matriz Sagrada Família, em cerimônia realizada pelo padre Ézio Gislimberti. Depois de casada, Jane morou nas ruas São Francisco, Santa Rosa e Nossa Senhora de Fátima. Ficaram casados cerca de 55 anos. Seu marido faleceu em 2009. O casal teve quatro filhos (Ely, Edy, Arnal-



Jane na chácara do prefeito de São Bernardo do Campo, Lauro Gomes, durante comemoração do Dia do Professor, em 1954

do e Eny), oito netos e dois bisnetos. Atualmente, a Miss Primavera 1948 mora na Rua Gonzaga, no Bairro Oswaldo Cruz. **R**

(*) **Cristina Ortega** é pedagoga, advogada e pesquisadora histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

GERTRUDES RIBEIRO MARTINS, 90 anos, mais conhecida como Dona Tudinha

Yolanda ASCENCIO (*)

Gertrudes Ribeiro Martins, filha de Laurenio Pinto Ribeiro e Benedita de Souza Pinto Ribeiro, nasceu em Ouro Fino (Minas Gerais), no dia 21 de julho de 1921. Seus pais (ele, alfaiate e músico; ela, dona de casa) tiveram cinco filhos: Gertrudes (nossa entrevistada), Sebastião, Nadir, Djalma e Albertina.

Dona Gertrudes conta que seu pai abandonou a família quando os filhos ainda eram pequenos. Mas sua mãe, entretanto, acabou encontrando um bom companheiro, Mário Magalhães, que foi um verdadeiro pai para as crianças. Com sete anos, a garota Gertrudes foi morar com uma tia, em Santo Anastácio (interior de São Paulo), onde fez o curso primário. Aos 13 anos, Gertrudes foi para Iperó, também interior do Estado, morar com a família. Seu padrasto era ferroviário, por isso era transferido a cada dois anos. A família sempre o acompanhava. De Iperó mudaram-se para Sorocaba e, depois, para Osasco.

Nesta cidade, a jovem Gertrudes começou a trabalhar em uma tecelagem. Neste período conheceu Irineu Martins Roda. Filho de Antonio Martins Roda e Maria Isabel Roda, e nascido em 10 de fevereiro de 1913 (na cidade de Sertãozinho), trabalhava em uma farmácia na cidade. Após um ano de namoro, Gertrudes e Irineu casaram-se. O enlace aconteceu no dia 24 de dezembro de 1940.

Após o casamento, o casal morou por algum tempo em Osasco, mas depois mudou-se para o Bom Retiro (região central de São Paulo), onde Irineu conseguiu um bom emprego em uma farmácia. Em 1948, Gertrudes e Irineu já tinham três filhos: Valter,



Gertrudes Ribeiro Martins em foto atual

Vilma e David. Nesta época, vieram para São Caetano do Sul, onde Irineu montou sua primeira farmácia, e fixaram residência na Rua Manoel Coelho. O estabelecimento comercial da família ficava localizado na Praça Cardeal Arcoverde. Apenas dois anos depois, em 1950, Irineu montou uma nova farmácia, na Rua Flórida, sendo este o primeiro comércio do gênero no Bairro Barcelona.

Em 1953, Irineu transferiu sua farmácia para a Rua Maceió. No local o terreno era suficientemente grande para construir também a casa da família. Em 1960, ele vendeu a farmácia e foi trabalhar como



O casal Gertrudes e Irineu em seu casamento, no dia 24 de dezembro de 1940



Gertrudes Ribeiro Martins e seu marido Irineu Martins Roda, em foto tirada no estúdio do Foto Ideal

vendedor de produtos farmacêuticos. Mas o novo empregou não o ocupou por muito tempo. Irineu comprou mais uma farmácia, na Rua Joana Angélica. Quando finalmente deixou o trabalho como farmacêutico, trabalhou como enfermeiro até se aposentar.

Em 1962, a família comprou uma casa na Alameda São Caetano, 1487, onde Gertrudes reside até hoje, com a filha Vilma. Seu marido faleceu em 1988, vítima de acidente. Uma senhora muito queri-

da no bairro, Gertrudes é conhecida como Dona Tudinha. Durante toda sua vida, seu cotidiano dividiu-se entre os cuidados com a casa, os filhos e o trabalho nas farmácias com o marido.

Hoje, ela confessa que não gosta muito de sair de casa. Aprecia a leitura, gosta de receber visitas, conversar com os cinco netos e orar. Desde os 19 anos de idade faz parte da Congregação Cristã do Brasil. Ao fim da entrevista, Dona Tudinha fez questão que tomássemos o café da tarde com ela e nos disse, muito comovida, que São Caetano do Sul é sua segunda terra natal. Sentiu-se muito feliz ao ser homenageada no Projeto Cidadão da História, desenvolvido pela Fundação Pró-Memória, que homenageia os moradores mais antigos da cidade, dentro do programa Bairro a Bairro. **R**



Acervo / Gertrudes Ribeiro Martins

Criança com bicicleta em frente da segunda farmácia da família, que ficava localizada na Rua Flórida, no Bairro Barcelona

(*) Yolanda Ascencio é professora, pedagoga, advogada, escritora e colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

FRANCISCO DE ASSIZ MORAIS: de Canto do Buriti para São Caetano

Mônica Ascencio Simões PONZONI (*)

Francisco de Assiz Morais, filho de Lourenço de Morais Rego e Zulmira César de Sousa, nasceu no Estado do Piauí, no dia 4 de outubro de 1927. Seus pais tiveram nove filhos: Francisco (nosso entrevistado), Theresinha, José, Maria, Jonas, Ilda, Lúcia, Davi e Carlos. Havia também uma filha adotiva chamada Ildete, que se tornou freira por vocação. A família Morais vivia na roça. Para o sustento, plantava e colhia milho, arroz e feijão.

O menino Francisco fez seus primeiros estudos na cidade de Canto do Buriti, em seu estado natal, onde completou o curso primário com a professora Magnólia. Fez dois anos de ginásio, mas este período não foi reconhecido por problemas de registro em seu nome. Era tão tímido que as pessoas o conheciam como “o menino que tinha medo de gente”.

Em Canto do Buriti o jovem Francisco conheceu Celecina de Amorim, com quem namorou durante três anos, mesmo contra a vontade das famílias. Em uma igreja da cidade, que tinha o padre Jerônimo como pároco, era tradição, uma vez por ano, o “casamento do queima”. No dia 23 de junho de 1951, os namorados casaram-se sem o consentimento das famílias. Ficaram separados quatro meses antes de morarem na mesma casa.

Como as condições de vida não eram fáceis em Canto do Buriti, o casal mudou para o município de Floriano, no mesmo Estado, onde Francisco começou a trabalhar na área de contabilidade. Em 18 de

Acervo / Francisco de Assiz Morais



Francisco de Assiz Morais e a esposa Celecina de Amorim durante celebração do aniversário de 60 anos de casamento, em 2011

maio de 1952, a família mudou para São Caetano do Sul, já com o filho Erico (hoje engenheiro, aposentado pela Scania), instalando-se na Rua Conde Francisco Matarazzo, 554. Em 13 de agosto de 1955 nasceu no Hospital São Caetano a filha do casal, que recebeu o nome de Erice. Hoje casada, com dois filhos, Emanuel e Sarah, é formada em Medicina e trabalha na Prefeitura de São Caetano.

Nesta mesma época, Francisco começou a trabalhar em um escritório de contabilidade, onde ficou por algum tempo, até ser promovido a chefe. Depois disso, a família precisou voltar para o Nordeste. Ele trabalhou por um ano em uma concessionária da General Motors, no Piauí. Em seguida, ocupou o cargo de gerente geral rural no Banco do Estado do Piauí durante sete anos. Depois, foi para outra concessionária da mesma marca de veículos, em Fortaleza, no Ceará, onde permaneceu sete anos e nove meses. Em 15 de julho de 1976, Francisco veio, definitivamente, para São Caetano, com a família. Há 34 anos é proprietário do Escritório Paraíso Contábil Ltda, localizado na Av. Paraíso, 880, no Bairro Olímpico. Ainda trabalha, tendo, porém, um “sócio simbólico”, segundo ele.

Finalmente, Francisco de Assiz Morais nos disse que, apesar dos tantos desafios enfrentados, considera-se uma pessoa bem sucedida, feliz e muito grata a Deus. Sente-se orgulhoso de fazer parte dos anais da história de São Caetano do Sul. **R**

(*) Mônica Ascencio Simões Ponzoni é colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Padre Olavo: trabalho religioso marcante em São Caetano do Sul

Reminiscências de Padre Olavo

D. Glenir SANTARNECCHI ()*

Há alguns anos atrás quando manipulava uma das minhas agendas, verifiquei que o padre Olavo Paes de Barros Filho havia falecido em 1984, deixando consternada uma gama de pessoas de São Caetano do Sul, acostumada a conviver com esse jovem sacerdote, que deixou sua marca indelével naquele tempo. Padre Olavo veio do Rio de Janeiro onde era Capelão da Marinha, tendo sido designado vigário da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Barcelona, onde permaneceu durante muitos anos.

Comecei a rememorar os anos durante os quais convivi de perto com essa figura carismática, maravilhosa, alegre, sincera, brincalhona e informal, características que o diferenciava dos outros padres da época. Lembrei-me que comecei a ouvir falar desse sacerdote, por meio do meu sobrinho, Marcos Luiz Santarneckchi, que morava na Rua Maceió, próximo àquela igreja, onde serviu de coroinha por muitos anos. Marcos dizia da sua satisfação em ajudá-lo nas

missas que oficiava, pois sentia-se à vontade, sem aquele formalismo próprio da época, o que tornava a cerimônia prazerosa de assistir. Dizia ainda que nas homilias o padre reportava-se às Escrituras Sagradas, mas adaptando-as aos tempos modernos, tornando os sermões agradáveis e até mesmo didáticos.

Um ar solene e elevado tomava conta de suas celebrações, assim como aconteceu na comemoração das bodas de prata de meus sogros. Quando me casei, em 1972, fiz questão de realizar a cerimônia na Paróquia São Caetano (Matriz Velha), no Bairro Fundação, onde havia sido coroinha e passado minha infância e adolescência. Mas com a devida licença do padre Antonio Ibañes Diaz, vigário daquela paróquia, lá estava padre Olavo para oficiá-la, o que fez questão de fazer.

Uma vida de realizações - As obras deixadas por padre Olavo foram inúmeras mas, lembro-me bem de suas colaborações para a Comissão Municipal de Festejos, nos aniversários da cidade, para que a tradicional missa campal fosse cada vez mais bem organizada.

Durante muitos anos, foi secretário do Bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira, período no qual

Arquivo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Marco localizado nos jardins da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, que simboliza o primeiro centenário de São Caetano do Sul, inaugurado no dia 4 de julho de 1976

Aervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Padre Olavo celebra missa em comemoração aos 31 anos da Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano, em outubro de 1980

prestou relevantes serviços à Diocese de Santo André (composta pelos sete municípios do Grande ABC). A conclusão do atual templo dedicado a Nossa Senhora Aparecida, realizada no início da década de 1970, foi um dos marcos de seu trabalho e da fé que transmitia aos fiéis do bairro. A construção destaca-se por sua arquitetura moderna, ampla, funcional e que abriga com conforto os paroquianos.

E como não falar da Creche Zilda Natel. Instalada ao lado da igreja, tornou-se uma obra assistencial de importância tamanha que até hoje recebe o carinho e os cuidados do padre Geraldo Voltolini, seu sucessor desde 1982 e atual pároco. O que dizer então da ornamentação das ruas do Bairro Barcelona por ocasião da festa de Corpus Christi, ação incentivada por padre Olavo. Divulgada com destaque pela imprensa e pela televisão, mobilizava e unia toda a população local.

Finalmente, recorde de um fato relevante. A inauguração de uma torre nos jardins da igreja. Um marco que representa o número um e simboliza o primeiro centenário de São Caetano do Sul. Sua inauguração aconteceu no dia 4 de julho de 1976, durante a gestão do prefeito Hermógenes Walter Braido. Nessa ocasião, da qual participei como mestre de cerimônias, aconteceu uma belíssima missa cantada, oficiada pelo abade do Mosteiro de São Bento, Dom Joaquim Zamit, acolitado pelo padre Olavo, num dos atos litúrgicos mais singelos que presenciei.

Em 2 de março de 1979, padre Olavo transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde, novamente, foi

Aervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



O pároco celebrando missa em uma fábrica da cidade (não identificada): sermões agradáveis e didáticos

capelão de uma unidade da Marinha. Hoje, passados anos do seu falecimento, não poderíamos deixar de registrar algumas lembranças que marcaram a passagem de padre Olavo e, ao mesmo tempo, reverenciar a memória de um dos sacerdotes que mais dignificaram o seu ministério, deixando um trabalho religioso marcante, que ajudou muitas famílias de São Caetano do Sul em seu crescimento espiritual. **R**

() Domingo Glenir Santarnecchi é jornalista, advogado, escritor e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo*

OLINDO QUAGLIA: uma história para lembrar a autonomia de São Caetano do Sul

Walter QUAGLIA (*)

Outubro é um mês de efeméride em São Caetano do Sul. E seria um grande lapso não rememorar a data em que se conquistou a autonomia político-administrativa da cidade e reverenciar seus protagonistas. Podemos afirmar que a história político-administrativa do município acompanhou, parcialmente, seu desenvolvimento econômico. Em um primeiro momento, em 1901, o território, que até então pertencia ao município de São Paulo, foi anexado ao recém-criado município de São Bernardo do Campo¹.

Em 1905, São Caetano era elevado a distrito fiscal - divisão territorial em que se exerce uma autoridade administrativa e fiscal. A fixação das primeiras indústrias coincidiu com a ascensão a distrito de paz, em 1916. Em 1924, o arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, dava ao núcleo a sua primeira paróquia e seu primeiro vigário. A vila transformava-se em cidade. A Indústria Pamplona foi a primeira fábrica instalada, vindo a seguir a fábrica de Formicida Paulista, de Serafim Constantino. A primeira instituição de caráter social e filantrópico foi a Sociedade de Mútuo Socorro Principe di Napoli, em 1892; a segunda, a Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano.

A primeira manifestação da população sancaetanense do desejo de autonomia, aconteceu em 1928, com a liderança do engenheiro Armando de Arruda Pereira, quando São Caetano ainda era apenas distrito. O movimento, contudo, não alcançou êxito. Na década de 1940, o sonho da emancipação voltou a empolgar a população. Em 1947, o movimento, sob forte liderança do Jornal de São Caetano,

colheu 5.197 assinaturas em um documento que solicitava à Assembleia Legislativa do Estado a realização de um plebiscito. A consulta popular foi realizada em 24 de outubro de 1948, sendo apurados 8.463 votos a favor e 1.029 contra. A autonomia, finalmente, saiu vitoriosa. Em 24 de dezembro daquele mesmo ano, o governador de São Paulo promulgou a Lei nº 233, dispoendo sobre a nova divisão administrativa e judiciária do Estado, que criou novos municípios. Assim, foi ratificada a decisão do povo sancaetanense e a criação do município foi homologada, com sua instalação em 1º de janeiro de 1949.

A primeira eleição para os cargos públicos aconteceu em março seguinte. O primeiro prefeito eleito foi Ângelo Raphael Pellegrino. Também houve a escolha dos representantes à Câmara dos Vereadores, composta por 21 membros. A posse dos dois poderes aconteceu no dia 3 de abril de 1949. Essa história repleta de perseverança e glória não seria possível sem o empenho de cidadãos, como Olindo Quaglia, que articularam a liderança do movimento autonomista.

Nascido em 29 de dezembro de 1906, na fazenda Bom Retiro, em Pedreira, interior do Estado de São Paulo, era filho de Augusto Albino Quaglia e de Vitória Zara Bordonal Quaglia, ambos italianos da região do Vêneto - ele de Santo Urbano, Padova, e ela de Collato, Treviso.

Antes de completar um ano de idade e logo após a família ter mudado para o bairro da Lapa em São Paulo, perdeu sua mãe. No local, teve a oportunidade de frequentar por apenas seis meses a escola italiana do Maestrin, passando depois por circunstâncias difíceis, que também o afastaram de seu pai.



*Olindo Quaglia,
no interior da Casa
Quaglia, localizada na
Rua Conde Francisco
Matarazzo.*

Foi, então, criado por sua avó Giuseppa, também imigrante italiana de Santo Urbano e devota da Madona de Lendinara.

No Dia de Santo Antônio, 13 de junho de 1913, Quaglia mudou-se para São Caetano com a avó (que era quase cega). Na nova morada, vivia de forma bem simples, sobrevivendo com poucos recursos. Ainda muito criança, aos sete anos, começou a trabalhar duro na fábrica de vidro das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Ocupava-se em abrir e fechar a fôrma onde o vidro fundido era despejado e soprado, junto à boca de um forno de altíssima temperatura. Nos fins de semana, envolto em panos encharcados de água, tinha que entrar no forno ainda muito quente para remover os cacos.

Em 1918, seu pai, Albino, também veio morar em São Caetano, e com ele, Quaglia aprendeu o ofício de sapateiro, embora ainda continuasse a trabalhar na Matarazzo, de onde só saiu em 1924. A banca de sapateiro foi estabelecida na Rua São Caetano (hoje, Avenida Conde Francisco Matarazzo). Naquela época, a maior parte da população da cidade não tinha sapatos, razão pela qual um sapateiro, como ele, capaz de fazer um sapato com maestria, era reconhecido e respeitado.

Olindo Quaglia já era adulto quando aprendeu a ler e a escrever. Tomava aulas particulares com um certo professor que era pago com uns trocos, o suficiente para lhe garantir o seu hobby favorito (a bebida alcoólica!). Contudo, era um bom mestre (quando sóbrio!).

Em 1922, participou da fundação do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal. Olindo era também cobrador e dono do bar do clube. Aproveitando seu relacionamento como cobrador do Ideal, criou o “Clube do Sapato”, uma espécie de consórcio, onde era possível comprar um sapato pagando as mensalidades do clube ou ganhá-lo antecipadamente mediante sorteio. Como já não dava mais conta de fazer tantos sapatos, por causa da grande demanda, passou também a comprar peças de fábricas. Surgia a Casa Quaglia, cujos proprietários eram o próprio Olindo e seu irmão Duílio Quaglia. O estabelecimento situava-se praticamente no mesmo local onde era a antiga

banca de sapateiro. Nos anos de 1930 e de 1940, a casa de calçados se transformou em um marco para a história do comércio de São Caetano, além de ter sido um importante ponto de articulação para o movimento autonomista da cidade. Curiosamente, foi também na vitrine da Casa Quaglia que se viu o primeiro aparelho de televisão de São Caetano do Sul, objeto de uma rifa pró-formandos da Escola Técnica de Comércio.

Olindo casou-se, em 25 de outubro de 1930, com Helena Leita Quaglia, nascida nos Estados Unidos, filha de lituanos. Após o casamento, mudou-se para a Vila de São Bernardo, logo retornando para São Caetano.

Enquanto dono do bar do Grêmio Ideal, promoveu muitos bailes, festas e espetáculos teatrais, tendo trabalhado inclusive como ator. Participou também de muitas atividades no clube Lazio e no São Caetano Esporte Clube, do qual é um dos fundadores. A propósito de ser um ator amador, participou da inauguração do Teatro Leopoldo Fróes, na Vila de São Bernardo, atuando na peça A Filha do Marinheiro, de J. Vieira Pontes, ao lado do famoso ator Tabareli.

Nos anos de 1940, como o Bairro Vila Bela (encostado a São Caetano, logo após a ponte do Tamanduateí) não tinha escola para a alfabetização das crianças, ele, pessoalmente, foi de casa em casa levantar um abaixo-assinado para abrir um grupo escolar estadual e cedeu gratuitamente uma sala para tal fim. Foi assim que surgiu o primeiro grupo escolar na área. Posteriormente, com seu irmão, construiu um prédio que funcionou como grupo escolar público, no mesmo bairro, por mais de 50 anos.

A atuação de Olindo e de Duílio no movimento autonomista foi marcante. Apesar das muitas indústrias, comércio e moradias que recolhiam impostos, São Caetano era uma região administrativamente dependente de Santo André e pouco beneficiada em face do que contribuía financeiramente. Olindo Quaglia participou da primeira tentativa de movimentação autonomista para o distrito de São Caetano, em 1928. Naquela ocasião, quase conseguiram desmembrar São Caetano do enorme município de São Bernardo do Campo.



Aerov / Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Fachada da loja comercial Casa Quaglia, propriedade de Olindo e Duilio José Quaglia. Localizada na Avenida Conde Francisco Matarazzo, no Bairro Centro, além da venda de acessórios masculinos, como sapatos e chapéus, foi importante ponto de encontro e articulação do movimento autonomista de São Caetano do Sul na década de 1940

Reunião dos líderes autonomistas em outubro de 1948, em lugar não identificado. Da esquerda para a direita: Theófilo de Souza Carvalho, Olindo Quaglia, Carlos Paez, Ângelo Raphael Pellegrino, (?), (?), (?), (?)



Aerov / Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Líderes autonomistas reunidos em 1998. Vemos na foto: José Vertichio, Mário Porfírio Rodrigues, Silvío Fernandes, Laura Moretti, Ettore Dal'Mas, Nelson Infanti, Olga Montanari de Mello, Osvaldo Bisquolo, Luiz Rodrigues Neves, Mário Dal'Mas, Fábio Vieira de Souza, Militino Azzi, Jayme da Costa Patrão, Desirée Malateaux Neto, Lauro Garcia, Jordano Vincenzi, Olindo Quaglia, Mauro Corvello



O movimento pró-autonomia que viria se tornar vitorioso surgiu muito tempo depois, só na década de 1940. Ele consistiu na obtenção e na realização de um plebiscito quando a população votou a favor da separação de Santo André, onde, na época, era a Prefeitura, Câmara e Cartórios para toda região, inclusive aquela onde hoje é São Caetano.

Para o movimento viabilizar o plebiscito, Quaglia foi muitas vezes ao Palácio do Governo do Estado e à Assembleia. Em São Caetano, organizava e participava de comícios, da elaboração da propaganda, e patrocinou a impressão e a distribuição de cartazes e cédulas. Em certo dia, o governador, Adhemar de Barros, em visita a São Caetano, foi recepcionado em sua casa, situada na Rua Rio Grande do Sul, 75.

Para muitas atividades dos articuladores autonomistas a sede era a Casa Quaglia. Por isso, os dois irmãos eram criticados pelos políticos de Santo André que não queriam a emancipação de São Caetano e, pejorativamente, faziam a contrapropaganda chamando-os de “tubarões”. No estabelecimento comercial dos Quaglias foram colhidas milhares de assinaturas no documento em prol da realização do plebiscito. Em outubro de 1948, os autonomistas saíram vitoriosos na votação. O governador, Adhemar de Barros, sancionou a emancipação do novo município de São Caetano do Sul e, logo depois, foram realizadas eleições para a escolha do prefeito e dos vereadores.

Olindo Quaglia foi presidente do Conselho dos Autonomistas e foi também nomeado juiz de paz pelo governador Adhemar de Barros (1947–1951 e 1963–1966). Embora gozasse de grande popularidade, não quis se candidatar a nenhum cargo nas elei-

ções realizadas, mas batalhou em prol da candidatura daquele que foi o primeiro prefeito da cidade, Pellegrino, que o nomeou membro da Comissão de Preços da Prefeitura, congênere da de São Paulo, que tabelava os preços no município e coibia abusos. Foi presidente honorífico da banda de música do novo município e um dos fundadores da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul quando contribuiu para a redação do primeiro estatuto da entidade, inspirado no regulamento da associação de Santos. Foi sócio fundador e diretor tesoureiro do Rotary Clube de São Caetano. Em 20 de novembro de 1971, Olindo Quaglia recebeu o título de cidadão sul-sancaetanense por sua atuação como líder autonomista.

Olindo Quaglia faleceu em 27 de janeiro de 2002. Sua esposa Helena completou, neste ano, 100 anos de idade e mora no Bairro Barcelona. Eles tiveram três filhos: Nair Josephina Quaglia Pereira, professora, que foi diretora da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Coronel Bonifácio de Carvalho, Judith Quaglia de Toledo, também professora com muitos anos de exercício na cidade e Walter Quaglia, engenheiro e dramaturgo, que iniciou suas atividades teatrais em São Caetano do Sul. **R**

****Informações prestadas por Olindo Quaglia, em 1998.**

NOTAS

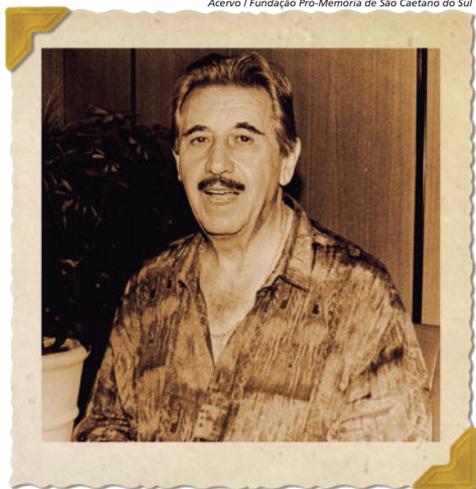
¹ São Bernardo se declarou independente de Santo André em 1944, com Roberto Cochrane Simonsen, uma vez que em 1938 a sede do município fora para Santo André, tendo São Caetano sido rebaixado de distrito para subdistrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCENCIO, Yolanda. *Meio Século de Legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 1999.
 LODUCA, Wilson. *São Caetano – De várzeas alagadiças a “Príncipe dos Municípios”*. São Caetano do Sul, SP: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul; São Paulo: Hucitec, 1999.
 CINI, Celso de Almeida. Fatos históricos, batalhas políticas e jornalísticas que envolveram a autonomia. *Raízes*, São Caetano do Sul, Ano X, n. 20, p. 17-26, dez. 1999.
 RODRIGUES, Mário Porfírio. *Um Jornal, Uma Vida* - a saga do Jornal de São Caetano e outras mais. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul; Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2005.

(*) Walter Quaglia é engenheiro, formado pela Universidade Mackenzie, dramaturgo, diretor, cenógrafo e ator. É autor do livro *Um Novo Céu e uma Nova Terra*

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



O EX-VEREADOR, POETA E ESCRITOR JOÃO ANHÊ, EM FOTO DA DÉCADA DE 1990

O menino nascido na cidade de Pirajuí em 7 de fevereiro de 1916, e criado em Birigui, interior de São Paulo, de origem humilde, a qual preservou até o fim de sua vida, João Anhê, trabalhou duro no campo até os 15 anos de idade. Mudando-se posteriormente para a cidade, se tornou cabeleireiro e barbeiro, dono de um imponente salão de beleza onde ganhou uma grande clientela.

A vida estava apenas começando, e aos 21 anos serviu ao Exército Brasileiro, onde permaneceu como terceiro sargento da reserva por dois anos e oito meses. Nesta época Anhê, como era conhecido, retornou a sua cidade amada, Birigui, conhecida como Pérola do Noroeste, e casou-se com Maria Giampietro Anhê, com quem teve os filhos Rosemary, Altevir e Luiz Sérgio.

Anhê nem imaginava que grandes desafios ainda viriam pela frente. Chegou a São Caetano do Sul no final do ano de 1947. Trabalhou na Secretaria de Agricultura por cinco anos, época em que prestou concurso público

Exemplo de vida, de homem, pai e amigo

Paula PEREIRA (*)

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



João Anhê (ao microfone) apresentando a solenidade de entrega do Troféu Cacique, nas dependências do Cine Max, na década de 1950

Acervo / família de João Anhê



João Anhê em uma de suas viagens à Argentina, durante visita à Catedral Metropolitana Santo Cristo del Gran Amor

para o Tribunal de Justiça do Estado, tendo sido aprovado e nomeado ao cargo de oficial de justiça, onde já estava aposentado há quase 20 anos.

Tomou gosto pela política, quando então resolveu candidatar-se a vereador pelo PTN e foi eleito em 1956. Exerceu cargo de Presidente da Câmara Municipal nos idos de 1960. Uma de suas grandes realizações, da qual sempre lembrava com entusiasmo e alegria, foi durante a gestão do então prefeito Anacleto Campanella, quando Anhê foi presidente da Comissão Municipal de Esportes, sendo o respon-



Reunião na Câmara Municipal de São Caetano do Sul na década de 1960. João Anhê é o segundo, da esquerda para a direita, na fileira da frente. Vemos ainda na foto Agostinho Leal, Osmar Ribeiro da Fonseca, Gabriel Zambrana, Manoel Evangelista, José Sacucci, Fábio Ventura, Gentil Monte, Armando Furlan e Sebastião Lauriano dos Santos

sável direto pela organização dos Jogos Abertos do Interior, realizados em São Caetano do Sul em 1964, que contou com a presença de 110 cidades participantes do evento.

Responsável pela vinda da Rádio Cacique à cidade, João Anhê também fazia questão de destacar que, na gestão do prefeito Oswaldo Samuel Massei, comandou o programa Cacique nos Esportes, grande sucesso que permaneceu no ar na emissora por mais de dez anos. Patrocinado pela General Motors e Casas Bahia, foi o primeiro programa a transmitir informações esportivas aos ouvintes. Nesta mesma época, realizou uma grande festa no Cine Max, para a criação do Troféu Cacique, junto a alguns amigos, como João Nunes, Mário Ferreira e Dalóra. Era um grande orgulho para Anhê lembrar que este evento reuniu nomes como Cauby Peixoto, Ângela Maria, Agnaldo Rayol, Moacir Franco e Ronaldo Golias, entre outros que prestigiaram o evento.

Apaixonado por futebol e leitura, tomou gosto por escrever poesias, transformando-se em um grande jornalista e poeta. Em seus 17 anos como vereador na cidade (exercendo a função nas legislaturas de 1957, 1961, 1965 e 1973), Anhê apresentou mais de mil proposições. Quem não se lembra de suas aparições e de suas “discussões saudáveis”, por mais de 15 anos, ao lado do filho Altevir Anhê, como comentarista do Programa ABC Brasil, que ia ao ar pelo então Canal 45. Quanta lembrança!

Sentado no sofá em sua sala de estar, Anhê sempre falou com muito amor e carinho da saudosa esposa Maria e de seus três filhos, principalmente de Luiz Sérgio, que faleceu, ao salvar uma amiga que se

afogava no mar. Um homem alegre, sorridente, de coração puro, que conquistou muitos amigos, mas nunca perdeu a humildade. Um exemplo de vida, pessoa generosa, íntegra e forte, rascunhou seus versos até seus últimos dias. Sua riqueza humana, cultural e, acima de tudo, espiritual o prendia aos encantos da poesia.

Escreveu três livros, os quais lançou com galhardia: *Homenagens e Versos Poéticos que Acalentam a Alma* (2002), *Histórias que a Vida Escreveu* (2005) e *Doce Miscelânea* (2006). Era Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo. Seguiu uma linha editorial ligada ao romantismo, sentimentalismo e lirismo, fazendo contos de sua vida pessoal e emocional, demonstrando muita saudade de todas as passagens de sua vida. Não se cansava de escrever, sempre ao seu modo, mas com muita dignidade, alegria e entusiasmo. Sempre apaixonado pela vida, levou consigo a beleza de sonhar e o amor em seu coração.

Seus versos leves, soltos e com sinceros sentimentos ficarão para sempre em nossas memórias, principalmente por ter sido tão querido entre todos que tiveram a honra e oportunidade de ser seus amigos. João Anhê faleceu no dia 9 de junho de 2011. **R**

(*) *Paula Pereira é jornalista, formada pela Universidade Metodista de São Paulo*

JUVENTINO BORGES: sinônimo de honradez e moral

Mário Porfírio RODRIGUES (*)

A história de uma cidade é feita de acontecimentos relevantes e de registros de fatos vividos por pessoas da comunidade. Quando uma dessas pessoas falta, por mudança para outra localidade, ou por falecimento, todos notam pois abre-se um vácuo que geralmente nunca chega a ser preenchido. Foi o que aconteceu na manhã do dia 10 de junho de 2011, quando faleceu o Coronel Juventino Borges.

Nascido em São Paulo, no Bairro do Cambuci, exatamente na Rua José Bento, 22, no dia 16 de setembro de 1921, era o quarto filho e caçula de Francisco e Laura das Dores Borges, humildes imigrantes portugueses de Trás-os-Montes. Foi criado por sua irmã mais velha Amélia e seu esposo Juventino Lopes Figueira, tenente da Força Pública do Estado de São Paulo, surgindo daí o seu amor à farda.

O militar - Em São Paulo formou-se no Colégio do Carmo e foi admitido na Academia da Força Pública do Barro Branco, em Santana, graduando-se com louvor em 1942. Em plena Segunda Guerra Mundial prestou serviço como segundo tenente na guarda da Represa Billings, contra eventuais tentativas de sabotagem.

Prestou serviços na Assembleia Legislativa, no Palácio dos Bandeirantes, em Taubaté e, em 1963, como tenente-coronel, foi comandante da Polícia Rodoviária Estadual. Em São Caetano do Sul, cidade que

adotou como sua e de onde nunca mais saiu, chegou em 1956, para comandar a recém-criada segunda companhia do décimo batalhão da Força Pública, sediada no novo município.

Graças aos relevantes serviços prestados com dedicação, bravura e combatividade foi agraciado com muitas medalhas de honra ao mérito, notadamente as do Mérito Militar, Primeira Classe e a de Honra do MMDC da Revolução Constitucionalista de 1932, mas orgulhava-se mesmo em ter recebido o título de Cidadão Sul-sancaetanense. Foi merecedor também de várias promoções e, atingindo o topo da carreira, agregou-se como coronel ao Estado Maior da Polícia Militar do Estado.

O início em São Caetano do Sul - Como sua vinda para São Caetano do Sul foi oito anos após a vitória do movimento autonomista no município, podemos deduzir o quanto contribuiu, nos 55 anos que aqui residiu, para que a cidade fosse sempre pacata e isenta de banditismo ou de desordens que

precisassem da intervenção de força policial. Tudo era resolvido de forma pacífica, sem confrontos, graças à sua habilidade, bom senso e experiência, adquirida desde a sua formação na Academia Militar.

Vamos citar um fato ocorrido em 1961, quando estudantes do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul iniciaram um movimento de protesto contra um ato dos vereadores que pretendiam aumentar seus

Arquivo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Juventino Borges participou ativamente das atividades do município



Arquivo / Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Em cerimônia alusiva ao Dia da Bandeira realizada em São Caetano, em 1958, o Coronel Juventino Borges apresentou-se com a Banda Marcial da Força Pública (atual Polícia Militar) em frente a um antigo quartel, localizado na Rua Rio Grande do Sul

Homenagem

próprios subsídios. Como a adesão da população estava aumentando, os responsáveis pelo movimento, conhecendo a forma de agir do Coronel Juventino Borges, julgaram conveniente colocá-lo a par do que estava para acontecer. Após o encontro saíram decididos a realizar a Passeata do Silêncio. Sem alarde, mas protestando em silêncio pelas ruas, o acontecimento foi um sucesso e os vereadores desistiram de aumentar seus salários. Nas diversas greves de trabalhadores ocorridas na cidade, seu comportamento era o mesmo. De forma equilibrada, conversava com as duas partes e evitava qualquer tipo de enfrentamento.

No mês de julho, quando se comemora o aniversário de São Caetano do Sul, o Coronel Juventino Borges estava sempre presente, colaborando com as festividades. Graças à sua participação em vários anos, tivemos, nessas comemorações, a participação da Corporação Musical da Força Pública que brindou os sul-sancaetanenses com hinos e outras músicas, inclusive a conhecida *Marselhesa*.

Na década de 1960, ocasião em que foi comandante da Polícia Rodoviária, juntamente com o tenor sul-sancaetanense Paschoal Raymundo, membro do Coral do Teatro Municipal, fez parte do departamento lírico da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc) e organizou vários festivais lírico-musicais. Trazia para a cidade a Corporação Musical da Força Pública do Estado de São Paulo que deliciava os moradores. A dupla também promoveu

uma apresentação da Orquestra do Teatro Municipal, regida pelo maestro Armando Bellardi. Esses espetáculos musicais se realizavam aos domingos pela manhã, no Cine Vitória, com entrada franca. Juventino Borges cuidava de tudo, inclusive das despesas com condução e lanches para os músicos.

Em 28 de julho de 1960, quando este redator presidiu a comissão dos festejos do aniversário da cidade, houve uma corrida de pedestres na Avenida Goiás e o prefeito Oswaldo Samuel Massei, para homenagear o primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, indicou-o para dar o tiro de partida da corrida. Como acontece com muitas pessoas, inclusive com este redator, o indicado explicou que nunca havia tido contato com uma arma de fogo e não teria condições de atender ao pedido. No palanque instalado em frente da sede da Prefeitura estava também o Coronel Juventino Borges, que resolveu o impasse pedindo que Pellegrino apenas levantasse o revólver, que ele se encarregaria de dar o tiro sem que os presentes percebessem de onde partiu o disparo.

Relatamos esses fatos apenas para dar uma ideia de como participou intensamente das atividades do município, tendo sido, inclusive, fundador da Guarda Infanto-juvenil em 1958 (hoje Patrulheiros Mirins de São Caetano do Sul). Essa entidade formou várias gerações de meninos e meninas que iniciaram suas vidas profissionais nos vários segmentos, a partir dos ensinamentos da chamada "guardinha".

O chefe de família - Em decorrência das pro-



Palanque de autoridades na Grande Prova de Pedestre. Da esquerda para a direita, vemos: Juventino Borges, Oswaldo Samuel Massei, Fábio Ventura e Anacleto Campanella

moções que recebia, com o passar dos anos, exerceu funções militares em outras cidades da Grande São Paulo, mas permaneceu residindo com sua família em São Caetano do Sul, sempre interessado na solução de problemas da coletividade local. Com 29 anos de bons serviços prestados, solicitou sua passagem para a reserva, em 1969.

Em 1967 formou-se advogado na Faculdade de Direito de Bauru. Em 26 de setembro de 1948 casou-se com Maria Aparecida Figueira, natural de Cunha, no Vale do Paraíba. O casal teve três filhos: Juventino, Juarez e Jusetete. Em conversa com este redator, afirmou o seu filho Juventino Figueira Borges: “Ele era um exemplo de pessoa, correto, amigo, bom caráter e tinha um carinho muito especial com os netos”.

Governador do Lions - Em outubro de 1965 ingressou no Lions Clube de São Caetano do Sul, pelas mãos do médico Ivanhoé Espósito. Neste clube de serviço abraçou a causa dos mais necessitados, tornando-se, pouco a pouco, conhecido em todo o movimento leonístico brasileiro.

Em toda a sua existência teve quatro paixões às quais se dedicou intensamente e com muito afeto: a família, a farda, a cidade de São Caetano do Sul e o Lions. Em todas elas destacou-se e foi muito feliz. Como sempre foi seu modo de ser, apegou-se de maneira apaixonante ao movimento leonístico, participando intensamente das campanhas de arrecadação de fundos e outras atividades no município.

Foi presidente do Lions Clube de São Caetano do Sul cinco vezes e governador do distrito em 1979/1980, além de ter ocupado seguidamente cargos na diretoria. Fez parte de todas as comissões, convenções ou não, destacando-se naquelas relacionadas à



IV Caminhada do Lions Clube de São Caetano do Sul com finalidade de arrecadação de fundos para o Asilo Nossa Senhora das Mercedes e para a Rede Feminina de Combate ao Câncer. Da direita para a esquerda vemos: o prefeito José Auricchio Junior, o Coronel Juventino e sua esposa Márcia, a primeira-dama Denise Auricchio, e Nereide Castaldelli, do Lions Clube

regulamentação e legislação leonística. “O acalorado da discussão e da retórica sempre o atraíram”, explicou seu filho.

No período da sua governadoria, perdeu sua esposa. Apesar do choque, completou integralmente o seu encargo, e no final, foi agraciado pelo presidente internacional com reconhecimento pela gestão. Casou novamente em janeiro de 1989, com Márcia Perroni Ribeiro Borges, com quem viveu até falecer.

Juventino deixou três filhos, seis netos e dois bisnetos. O filho Juventino (engenheiro eletrônico) é casado com Elizabeth, com quem tem dois filhos: Elizabeth Christina (médica, casada com Eduardo, mãe dos bisnetos Enzo e Lorena) e Juventino Francisco (engenheiro e advogado). Juarez (engenheiro eletricista) é casado com Luci Laura e pai de Juarez (administrador de empresas). A filha Jusetete (pedagoga) é casada com o médico Antonio Carlos P. Chagas, com quem tem os filhos João Paulo (advogado), Luiz Fernando (economista) e Laura (estudante).

O primogênito Juventino Figueira Borges assim se expressou a respeito do seu pai: “Seu legado foi sempre baseado em honradez, honestidade, ética e moral, dedicação aos mais necessitados e incontáveis auxílios à população de São Caetano do Sul. Sempre pensou primeiro no seu próximo e na família”. O Coronel Juventino Borges escreveu um capítulo importante da história de São Caetano do Sul e a revista *Raízes* registra em suas páginas este pequeno resumo da vida do seu autor.

R

(*) **Mário Porfírio Rodrigues** foi líder autonomista, é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo e do Conselho Editorial da Fundação Pró Memória de São Caetano do Sul



De pai para filho:
Moacir José Ferreira
está no ramo do pai
há 48 anos

Três gerações e uma só profissão

Humberto Domingos PASTORE (*)

Hoje em dia este tipo de estabelecimento comercial é chamado por nomes pomposos como salão de estética capilar, e outras denominações identicamente nobres, mas nos idos de 1960, todos procuravam mesmo era a barbearia. Talvez porque era comum entrar nestes locais para fazer a barba, e uma vez por mês para cortar o cabelo, ou como se dizia “dar um trato na juba”.

Todo este preâmbulo é para preparar o terreno para contar a história desta profissão que perpassou por três gerações da família Ferreira. A foto antiga que ilustra esta matéria é do interior da Barbearia Progresso, que ficava na Rua Maranguá, 293, no Bairro Olímpico, em São Caetano do Sul.

As fotos ganham importância ainda maior porque no local trabalham pai e filho, os barbeiros José Domingos Ferreira (já falecido) e Moacir José Ferreira. O filho hoje atua em seu estabelecimento denominado Aquárius Cabeleireiros, salão com sede na Rua Engenheiro Rebouças, 1.209, no Bairro Santa Paula. O inte-



Moacir no início
de sua carreira
como barbeiro.
Sentado está o
cliente Renato
Cazella

José. O jovem Beto Fortes exerce a mesma profissão em um famoso salão de cabeleireiros, localizado em um grande shopping de São Paulo.

São três gerações que escolheram a mesma profissão. O avô, que atuou por mais de 50 anos, trabalhando até falecer, o pai que está no ramo há 48 anos, e o filho que vive das artes das tesouras há 21 anos. **R**

(*) Humberto Domingos Pastore é jornalista e atua como assessor de imprensa para várias instituições do ABC



*Maria Bonomi, Kardec, (2000),
litogravura sobre papel*

Jan 4 2000

VISITA ILUSTRE: Maria Bonomi em São Caetano do Sul

A Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul completará dez anos em 18 de abril de 2012. Apesar do curto tempo de sua existência, já passou por momentos memoráveis. Preserva, em sua reserva técnica, um acervo formado pelas obras que receberam o prêmio aquisição nos salões de arte de São Caetano do Sul. Divulga este acervo por meio de mostras e propicia o contato direto da população com a Arte, nos trabalhos em ateliê, nas oficinas e palestras. Ainda promove encontros com artistas, curadores, pesquisadores e professores. Incentiva, assim, a reflexão acerca da Arte, empenhando-se na formação de público e na integração da comunidade local com o universo das artes e da cultura. Nesses dez anos os horizontes artísticos da cidade se ampliaram com a inclusão da instituição que, subordinada à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, vem cumprindo sua bela, ampla e importante missão.

Dos grandes momentos passados na curta história da Pinacoteca, vamos destacar um deles: a visita de uma das artistas contemporâneas mais proeminentes no Brasil, Maria Anna Olga Luiza Bonomi. Original, impetuosa e multimídia, três palavras-chaves para definir a artista oriunda de uma terra fértil para a história da arte ocidental, a bela Itália. De múltiplas habilidades - gravadora, escultora, pintora, muralista, curadora, figurinista, cenógrafa e professora -, em *Terra Brasilis* é mais conhecida apenas como Maria Bonomi. Nascida em Meina, região do Piemonte, em 8 de julho de 1935, veio para o Brasil em 1946, fixando-se em São Paulo, tendo se

naturalizado brasileira em 1953. Estudou gravura no Brasil e nos Estados Unidos. Aprendeu a técnica com grandes mestres. Estudou pintura e desenho com Yolanda Mohalyi (1909-1978), em 1951, e com Karl Plattner (1919-1989), em 1953. No ano seguinte, estudou gravura com Lívio Abramo (1903-1992). Em 1956, recebeu bolsa de estudos da Ingram-Merrill Foundation e entrou no Pratt Institute Graphics Center, em Nova Iorque, com o pintor Seong Moy (1921). Paralelamente, cursou gravura com Hans Müller e teoria da arte com o renomado historiador Meyer Schapiro (1904-1996), na Columbia University, também em Nova Iorque. Regressa ao Brasil, frequentou a oficina de gravura em metal com Johnny Friedlaender (1912-1992), no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), em 1959. No ano seguinte, em São Paulo, fundou o Estúdio Gravura, com Lívio Abramo, de quem foi assistente até 1964. A partir dos anos de 1970, passou a dedicar-se também à escultura. Produziu painéis de grandes dimensões para espaços públicos. Defendeu a tese de doutorado intitulada *Arte Pública: Sistema Expressivo/Anterioridade*, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em 1999.

Realizou várias mostras individuais, entre elas, a do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), em 1956, como debutante. Participou de coletivas, dentre as quais se destacam: Panorama da Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo (1969, 1971, 1974, 1977 e 1987), Bienal Internacional de São Paulo (1955, 1959, 1961, 1963,

1965, 1967 e 1977), Bienal internacional de Havana (1986), Bienal de Veneza (1964 e 1972), Bienal de Jeune (Paris, 1967), Bienal Internacional de Gravura de Cracóvia (1973), Bienal Internacional de Gravura de Tóquio (1973), Bienal Internacional de Gravura (Liubliana, 1983) e Modernidade (Paris e Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1987-88).

Mas não vamos nos alongar muito resgatando a carreira de Maria, porque para isso precisaríamos de uma edição inteira da revista *Raízes*. O leitor interessado em aprofundar seus conhecimentos pode encontrar facilmente mais informações sobre sua belíssima trajetória em publicações especializadas, em centros de referência de instituições culturais, a exemplo do Museu de Arte de São Paulo (MASP), do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Itaú Cultural. Há também muito material em sites confiáveis na internet (a própria artista mantém o site www.mariabonomi.com.br).

Conhecer o trabalho dessa ítalo-brasileira nas várias modalidades de fatura artística é uma tarefa árdua. Rótulos não cabem a ela. A arte brasileira foi profundamente enriquecida por sua versatilidade plástica, tendo construído uma carreira prolífica, atuando segundo suas convicções, sem temores. Arte política e o universo feminino são alguns dos elementos de inspiração utilizados pela artista.

A crítica de arte Ana Maria de Moraes Belluzzo, com muita precisão, escreve: “A obra, dessa artista laboriosa, que é Maria Bonomi, ativa há mais de 50 anos, não cabe em um roteiro linear e não corresponde a uma narrativa simples”. Primeiramente, porque a lógica da produção artística não pode ser confundida com o fluxo funcional do visitante no espaço expositivo. Tampouco se restringe a ordem cronológica e biográfica da produção de um artista.

Obras de arte resultam do adensamento das experiências. E seu tempo de elaboração compreende transformações. Superposições, retomadas sob novos aspectos, ampliação de perspectivas, refinamentos de referências estéticas e sensoriais. Recuos, avanços, permanências e rupturas. Só o museu, transformado em laboratório, pode dar a ver a

liberdade com que Maria Bonomi joga e maneja sua obra, vida afora e vida adentro.

Vamos ouvir um pouco o que nos diz a artista:

Um dia eu entrei numa exposição do Lívio Abramo (...). Foi um acontecimento revelatório, mágico (...). Entrei numa exposição dele e fiquei extremamente impressionada com aquilo. Foi uma revelação desta luz, desta intimidade, destes pequenos planos (...). Eram pequenas superfícies que tinham uma importância enorme (...). É como se você estivesse entrando em paisagens infinitas (...). Aquilo era simultaneamente enorme e pequenino, era algo de transformação, de magia (...). Eu enlouqueci e fui procurá-lo, pedi para trabalhar com ele. Ele disse que não estava dando aula, que não dava aula e, enfim, comecei a insistir (...). Afinal, ele disse para que eu, uma vez por semana, aparecesse na casa dele e passei a frequentá-la muito (...). Aos poucos fui começando estas formas, a fazer grandes pranchas com vegetais, com flores (...). Isso em torno de 1956, quando então ele me convidou para uma exposição (...). Neste ponto as coisas começaram a correr, eu começando já a me virar um pouco sozinha, indo parar com uma bolsa em Nova York, no Pratt Institute, onde fui trabalhar com um chinês, Seong Moy, e na Columbia University, em um curso de gravura do professor Hans Müller (...). Esse chinês foi que me levou à cor, a mexer com as possibilidades de impressão, dos papéis, dando-lhes um outro valor (...). A minha imagem começou a ficar maior e eu consegui trabalhar com isso enquanto linguagem pura (...). Mas ainda era um ensinamento, a instrumentação do Lívio (...). Quando eu voltei para o Brasil em 1960, o Lívio estava montando o Estúdio Gravura e já me chamou para trabalhar como sua assistente. Isso seis anos depois de eu ter ido procurá-lo (...). Em 1964 ele foi embora (...). Se você considerar que o sulco pode ir para qualquer suporte (...), o papel também não é o fim. A estampa diz apenas uma parte da emoção da gravura, que é a matriz (...). A mesma matriz pode ser estampada, pode ser passada para o poliéster, pode ser passada para o concreto (...). Ela pode ser passada para qualquer suporte que reproduza a emoção (...). Porque não é somente o branco, é o sulco (...). A escultura havia saído do pedestal, a pintura havia saído do cavalete (...). Mas a gravura tinha de estar na mesa! (...) Foi uma briga grande minha. (...) E tem o problema que é você conseguir manter o rigor, o espírito de

gravura, no talho, no corte, na emoção (...), porque senão você começa apenas a fazer gigantismo (...). Essa foi a grande preocupação minha: conseguir criar para a parede. (...) Da parede eu fui para os painéis de concreto em função do sentido social da distribuição. Porque se eu consigo ter uma parede de concreto na Avenida Paulista, ou em outro lugar qualquer, num espaço coletivo (...), eu consigo sensibilizar muito mais gente para o sulco do que se eu estivesse simplesmente fazendo uma gravurinha (...).¹

A Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul atualmente possui em seu acervo duas obras da artista: *Polifemo* e *Kardec*, ambas gravuras de 2000,



Arquivo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Maria Bonomi observa obras do acervo, na reserva técnica da Pinacoteca Municipal. A artista em visita à Fundação Pró-Memória na ocasião de sua palestra em 9 de abril de 2005

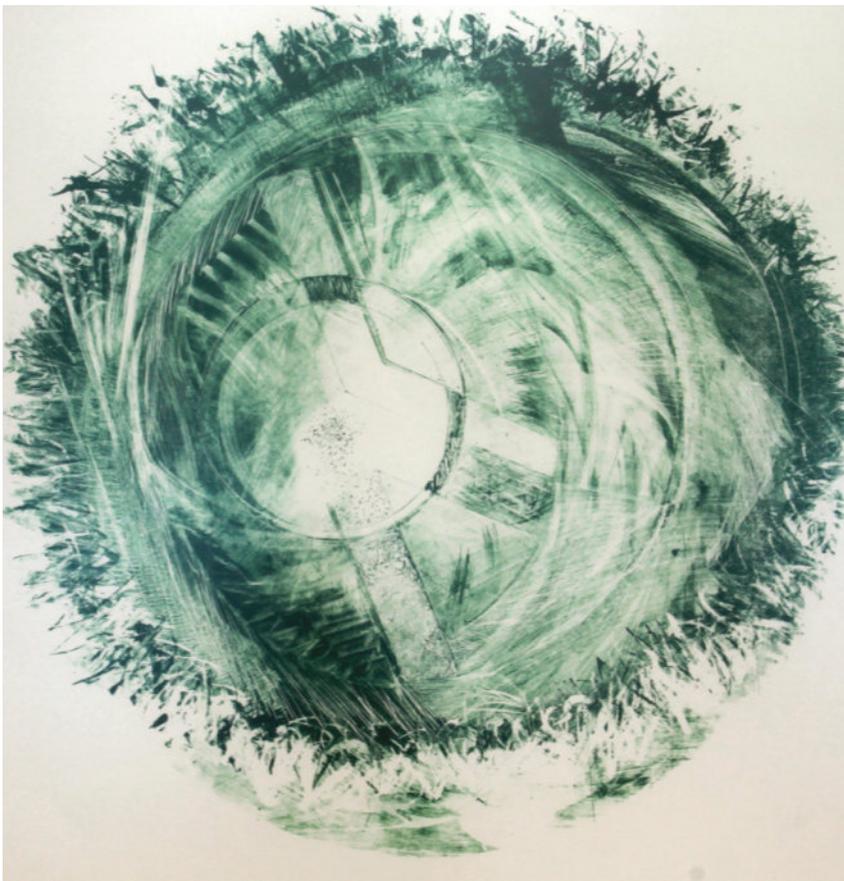
adquiridas junto ao mestre impressor Roberto Gyarfi, que desde a década de 1970 trabalha com Maria. São fortes e perturbadoras, têm algo de inquietante, embora pareçam sóbrias.

O título *Polifemo* sugere o mito grego. Polifemo era um ciclope, filho de Poseidon (deus supremo dos mares) e da ninfa Teosa, que vivia uma existência solitária em uma caverna próxima à Sicília (junto ao Etna), cuidando de ovelhas. Conforme a narrativa de Homero, poeta épico da antiguidade clássica, no Livro IX, de Odisseia, a vida de Polifemo

é interrompida quando o Odisseu (Ulisses) e seus homens desembarcam na terra dos ciclopes a procura de comida durante a viagem de Troia de volta para casa. Odisseu e os seus companheiros entraram no antro de Polifemo não sabendo que se tratava do local onde o ciclope dormia e guardava as suas ovelhas. Quando Polifemo regressa, fecha a caverna com uma rocha enorme, aprisionando os marinheiros. Ofegantes, frente à figura do gigante de um olho só no meio da testa, eles revelam sua presença. O ciclope agarra dois homens e os devora. Depois de bloquear a entrada da caverna, Polifemo continua devorando dois homens de cada vez. Odisseu então arranja um plano para todos escaparem e oferece vinho ao filho de Poseidon, que pergunta quem lhe oferece a bebida, ao que Odisseu responde: “foi Ninguém”. Quando Polifemo adormece, devido à bebida, Odisseu e seus homens afiam uma vara e a espetam no olho do ciclope, cegando-o.

A gravura de Maria Bonomi é sugestiva, reelabora livremente o mito grego de forma sintética, constituindo uma plasticidade abstratizante. Um grande círculo de um emaranhado gráfico, de pretos, acinzentados e de lacunas brancas, forma-se em um espiral chapado, que alude ao olho cego do ciclope. Em *Kardec*, o espectador mergulha o olhar nas profundezas de um azul e perde-se em um cipoal branco. As formas abstratas evocam algo incorpóreo, eleva.

A artista interroga a gravura quanto à sua dimensão. Sua composição é geométrica, rítmica, viva. A forma é concebida com a emoção primordial e a estampa se faz não mais que da ação primitiva da gravadora. Como definiu certa vez o esteta Leon Kossovitch, sobre a fatura do trabalho da artista: “O ornato, manifestação da composição como ritmo, expõe a emoção artística em Maria Bonomi. Em sua pesquisa, concebem-se composições monumentais, memoráveis do sulco, que se pereniza. Pois não é a figura que importa, são as direções rítmicas que os sulcos constroem. Retendo de Lívio Abramo a máxima de que o traço deixado por cada instrumento é uma linguagem, Maria Bonomi desenvolve os jogos rítmicos do traço-sulco, que é a luz que constrói”.



Arquivo / Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul

Maria Bonomi, *Polifemo* (2000), litogravura sobre papel

Maria é amante da gravura, por ser uma técnica que permite uma vastidão de possibilidades da construção da forma: “Nada na gravura é supérfluo, nada na gravura é banal. Arte com destino para o ‘cérebro da alma’”.² E prossegue: “A unidade da linguagem gráfica, a peculiar insubstituível expressiva deste universo artístico, garante, desde os primórdios, a sua permanência e desenvolvimento. A ampliação dos suportes e dos instrumentos provocou sua ininterrupta renovação quer como produção seriada quer como novas iconografias. Basicamente prevalece que a gravura autêntica não se configura apenas por meio da existência de uma matriz onde uma imagem, mas pela presença de um ideário”.

Mais do que as duas obras, a presença de Maria no espaço expositivo, a visita ao ateliê e à reserva técnica, e a palestra que realizou no Teatro Santos Dumont, deram a todos que trabalhavam na Pinacoteca a certeza de que a instituição trilha pelo caminho certo. Procurando expandir a abrangência da verdadeira Arte, de alto nível, que faz pensar, que leva ao devaneio, mas ao mesmo tempo desperta o

ser humano por ela tocado. Visitas de artistas desse porte são uma forma de trazer incentivo, conhecimento e esclarecimentos a outros artistas da cidade e da região, para que, sempre abertos à inovação e à qualidade na elaboração de seus trabalhos, sigam seus próprios rumos. **R**

NOTAS

¹ Depoimento de Maria Bonomi prestado a Renato P. Dória, 1995/1996.

² MARIA BONOMI, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONOMI, Maria (texto). *Bienal Argentina de Gráfica Latinoamericana*. Buenos Aires: Museo Nacional del Grabado, 26 sept/ 26 nov. 2000. [Extraído de texto originalmente publicado em espanhol].

DÓRIA, Renato P. A xilogravura em Maria Bonomi e Renina Katz. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Campinas: Unicamp, n.2, p. 306-307, 309, 1995. In: http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_depoimentos&cd_verbete=3582&cd_item=16&cd_idioma=28555, 10 de novembro de 2011, 12:13.

LAUDANNA, Mayra (Org.). *Maria Bonomi: da gravura à arte pública*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

KOSSOVITCH, Leon: ————. “Gravura no Século XX”. In: *Gravura: Arte Brasileira do Século XX*. São Paulo: Cosac & Naify; Itaú Cultural, 2000.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. *Museu de Arte Moderna de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 2001.

SITES CONSULTADOS:

<http://www.mariabonomi.com.br/homef.asp?l=p>, 9 de novembro de 2011, 12:24

http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=3582&cd_idioma=28555&cd_item=3, 9 de novembro de 2011, 19:23

<http://www.dictionaryofarthistorians.org/schapirom.htm>, 10 de novembro de 2011, 12:45

<http://mais.uol.com.br/view/1xu2xa5tnz3h/metropolis-entrevista-com-a-gravurista-maria-bonomi-0402376DCC11326?types=A>, 10 de novembro de 2011, 15:02

http://books.google.com/books?id=WVieKQBoNNQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false, 10 de novembro de 2011, 15:45

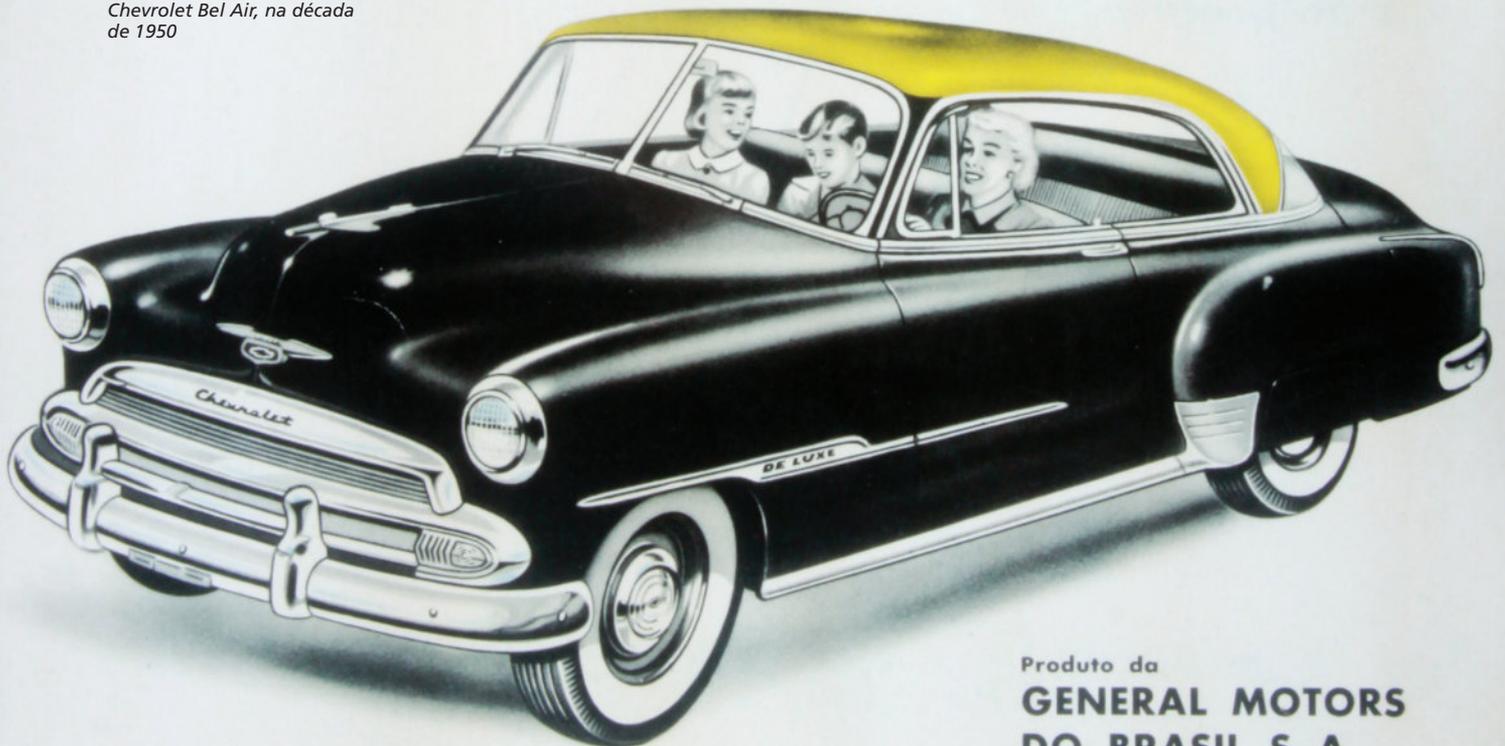
(Pesquisa e texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)



Aberto para a luz e para o ar como a estender-se por todo espaço ao redor, o novo Chevrolet Bel Air não separa seus passageiros da paisagem... Mais amplo, mais confortável e mais belo, o novo Chevrolet Bel Air completa os ambientes luxuosos onde se exige apuro de linhas, graça e bom gosto. Chevrolet Bel Air — com transmissão Power Glide.

3 dimensões do
CHEVROLET *Bel Air*

Anúncio da General Motors para o lançamento do Chevrolet Bel Air, na década de 1950



Produto da
**GENERAL MOTORS
DO BRASIL S. A.**

Concessionários autorizados em todo o país

Acervol Fundação Pro-Memória de São Cretano do Sul



Aurora Fâmula
em foto de
1934

Os anos 30 nos remetem a modelos, em geral, sérios e elegantes, inspirados no corte enviesado de Madeleine Vionnet (1876-1975), estilista considerada a precursora do plissado. O corpo feminino voltou a ser valorizado, os seios também voltaram a ter forma. A mulher então recorreu ao sutiã e a um tipo de cinta ou espartilho flexível. As formas eram marcadas, porém naturais.

Baseados nos ombros largos os destaques eram as capinhas que acompanhavam tanto os vestidos para a tarde como os apropriados para a noite. Os tecidos mais usados eram cetim, musseline de seda, lamê, veludo e tafetá. Os enfeites se faziam presentes em bordados, broches e flores de seda. As bolsas eram pequenas e as joias eram grandes, com pedras coloridas e pérolas.

Os escarpins e as sandálias tinham saltos finos. No final da década, Salvatore Ferragamo introduziu os saltos anabela, combinados a plataformas e alturas variadas. Na década, de 1930, os cabelos eram curtos, mas não tão curtos como os *à la garçonne* da década de 20. Já em 1930, as mulheres buscavam ser independentes e mostrar que eram fortes, então os cabelos começaram a crescer aos poucos e o principal detalhe desse visual eram as ondulações Marcel com o uso da famosa brilhantina. Os penteados eram sempre bem juntos à cabeça com um pequeno cacho na nuca. No fim dessa década e por influência do cinema, muitas mulheres aderiram ao loiro platinado que marcou a transição para a década de 1940.



Grupo de moças no Tijuca Club na década de 1970

Em 1970, com a conquista do tricampeonato mundial de futebol, no México, os órgãos de propaganda montaram a imagem do "país que vai pra frente", e utilizavam músicas como *Eu te amo meu Brasil* e *Pais Tropical*. Nos anos da ditadura, o milagre econômico beneficiou da indústria de automóveis à da moda. O Brasil, no final da década de 1970, havia se tornado um dos maiores mercados consumidores do mundo. Na foto observamos características da moda nesta década.

Os cabelos longos, sem compromisso, geralmente divididos ao meio, conhecidos pelo nome de pigmaleão, foram divulgados mundialmente pela atriz Farrah Fawcett no seriado *As Panteras*. No país, ganhou força ao ser usado pela atriz Tônia Carrero. A mulher, mais participativa no mercado de trabalho, já optava por trajes mais masculinos e despojados como o blazer xadrez da foto, originalmente concebido em um estilo de vida ideal, sem guerras e competições de ego. O *hippie* acabou virando modismo. O estilo teve uma exposição global em 1969, durante o festival de *Woodstock*, em Nova Iorque, e acabou influenciando milhares de pessoas a adotar o visual. A marca Cacharel lança também nos anos 70 a blusa cacharel, com a gola rolê.

As calças são um capítulo a parte. Justas até os joelhos e largas até a barra são as famosas bocas de sino, que começaram a ganhar força no final dos anos 60. Os anos 70 foram marcados, acima de tudo, por uma explosão de rebeldia e juventude em todos os aspectos.

Suzeti Rocha é professora de moda, pós-graduada em História da Arte e especialista em História da Moda

A MONUMENTALIZAÇÃO DE UM DISCURSO FUNDADOR: A Formação de uma Comunidade Imaginada do Grande ABC

Mauricio Tintori PIQUEIRA (*)

Este texto visa abordar as polêmicas sobre a verdadeira origem da região do Grande ABC. Tradicionalmente, tal fato é ligado à fundação da vila de Santo André da Borda do Campo, em 8 de abril de 1553, por iniciativa do degredado português João Ramalho, e anexada à vila de São Paulo de Piratininga por volta do ano de 1560.

Porém, há poucas ligações entre esse primeiro povoado com os atuais municípios da região. Na realidade, são resultado da fragmentação do antigo município de São Bernardo, cujas origens são encontradas nas primeiras décadas do século 19 e cujo desenvolvimento está intrinsecamente ligado ao funcionamento da Estrada de Ferro São Paulo Railway, inaugurada em 1863.

Portanto, esta discussão está focada na construção de um monumento histórico sobre o “discurso fundador” da região, inventor de tradições que ajudaram a formatar uma comunidade imaginada baseada em uma identidade comum, própria da região. Portanto, cabe ao historiador encarar tal construção criticamente, transformando esse monumento em um documento com o qual pode decifrar a construção de uma determinada

narrativa histórica de um determinado fato histórico.

Apesar das sete cidades da região do ABC Paulista não terem ligação com o referido núcleo colonial, historiadores da região, no decorrer do século 20, construíram um discurso fundador baseado em uma visão mítica da trajetória da vila fundada por João Ramalho, construindo a partir daí uma tradição cuja função era criar uma identidade regional. Tal abordagem, de formulação positivista da história, é influenciada pela historiografia paulista do início do século 20, responsável pela construção de uma imagem heróica e mítica dos bandeirantes, considerados por essa linha de análise histórica como “fundadores” de São Paulo e precursores do protagonismo paulista na história brasileira.

Segundo a historiadora Eni Orlandi, o discurso fundador é aquele capaz de criar uma nova tradição, com novos sentidos, desautorizando os antigos.¹ Tal discurso é responsável por criar uma identidade na sociedade, cujas bases são as tradições



A pintura a óleo, datada do século 19 e de autoria do artista do J. Watsh Rodrigues, João Ramalho e Filho, representa o bandeirante com um dos seus muitos herdeiros, neto do chefe da nação Guaianaz, Tibiriçá. A imagem evoca o mito fundador da miscigenação entre o elemento europeu e nativo da Terra Brasilis, assim como a gênese de um povo

culturais, da qual a história faz parte, estimulando a noção de pertencimento de um indivíduo a uma determinada comunidade. Dessa forma, constitui-se um imaginário de nação², sendo que essa, segundo Stuart Hall, “não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia de nação tal como representada em sua cultura nacional”.³

Para Hall, tal sistema de representações constitui um discurso, sendo esse “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos⁴. Dessa forma:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos (...) com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.⁵

Tal conjunto de histórias, segundo Hall, constitui a “narrativa da nação” que conecta a vida cotidiana da população com o destino nacional, que preexiste e sobrevive à sua existência.⁶ Uma narrativa que alimenta a “memória coletiva”, definida pelo historiador do século 19, Maurice Halbwachs, da seguinte maneira:

Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que faço parte foi teatro de certo número de acontecimentos a respeito dos quais digo que me lembro, mas que só conheci através de jornais ou pelo testemunho dos que neles estiveram envolvidos diretamente. Esses fatos ocupam um lugar na memória da nação – mas eu mesmo não os assisti. Quando os evoco, sou obrigado a me remeter inteiramente à memória dos outros, e esta não entra aqui para completar ou reforçar a minha, mas é a única fonte do que posso repetir sobre a questão (...) Trago comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso aumentar por meio de conversas ou de leituras – mas esta é uma memória tomada de empréstimo, que não é a minha. No pensamento nacional, esses acontecimentos deixaram um traço profundo (...) porque sua tradição subsiste muito viva nessa ou

naquela região do grupo (...). Para mim, são noções, símbolos; estão representados sob uma forma mais ou menos popular – posso imaginá-los, é quase impossível lembrar-me deles. Por uma parte da minha personalidade, estou envolvido no grupo, de modo que nada do que aí acontece enquanto faço parte dele, nada mesmo do que o preocupou e transformou antes que eu entrasse nele, me é completamente estranho.⁷

Portanto, o discurso histórico faz parte desse conjunto de tradições que constitui o que Benedict Anderson chamou de “comunidade imaginada”, uma sociedade composta por milhões de pessoas cuja grande maioria se desconhece, mas que compartilham dos mesmos valores culturais. Tal ideia é sintetizada pelo seguinte exemplo dado pelo teórico britânico: “Um americano nunca vai conhecer, e nem sequer sabe o nome, da imensa maioria de seus 240 milhões de compatriotas. Ele não tem ideia do que estão fazendo a cada momento. Mas tem plena confiança na atividade constante, anônima e simultânea deles”.⁸

Tais perspectivas descritas acima, mais voltadas para uma análise da constituição de uma identidade nacional, podem ser abordadas no estudo sobre a história regional e, no nosso caso, na construção da origem histórica do Grande ABC. A abordagem mítica sobre os feitos de João Ramalho e da curta trajetória da vila de Santo André da Borda do Campo foram responsáveis pela formatação de uma comunidade imaginária através de uma “narrativa de nação”, que no caso pode ser chamada de “narrativa de região”, ainda muito forte no imaginário e na memória coletiva regional. Mas, convém analisar em quais contextos tal narrativa fundadora da região foi formatada, levando-se em conta, principalmente, a realidade sócio-histórica e os interesses envolvidos para a sua constituição.

Para analisarmos tal perspectiva, é importante a metodologia proposta por Maria de Lourdes Monaco Janotti. Segundo a historiadora, é importante levar-se em conta os “compromissos do autor com a conjuntura político-econômico-social de sua época, por serem estes inerentes à própria criação intelectual”, sendo que o discurso historiográfico é “o re-

sultado do pensamento de um grupo social sobre a realidade vivida. Assim, a obra torna-se porta-voz não só do seu autor como do grupo em que ele está integrado”.⁹ E através do ponto de vista desse grupo social, na maior parte das vezes os detentores do poder político e econômico, “a História absorvida influirá na maneira como os indivíduos estabelecerão suas relações com o Estado e a sociedade”, cruzando-se aí “os interesses ideológicos, resultando dessas implicações a maior ou menor difusão de determinadas obras”, fazendo com que o discurso histórico se torne “um campo fértil de produção e reprodução ideológicas, e vinculando-se, portanto, a compromissos com as classes dominantes”.¹⁰

A constituição do discurso fundador do Grande ABC, cuja base é uma reconstrução mítica das trajetórias de João Ramalho e da vila de Santo André da Borda do Campo, é diretamente influenciada pela historiografia paulista das primeiras décadas do século 20, que teve o historiador Afonso d’Escragnoille Taunay como principal expoente. Uma historiografia alinhada com o positivismo, enfatizando os “grandes feitos dos grandes personagens da História”, que excluía e até marginalizava a participação de homens e mulheres comuns, agentes passivo da ação desses protagonistas. Segundo Janotti, uma historiografia que tendia a “escamotear o sentido real da história paulista, personificando o Estado de São Paulo e transformando-o em sujeito do discurso histórico”, ocultando assim a “dominação exercida pelas burguesias agrária e industrial”.¹¹ Uma historiografia que procurava justificar a hegemonia política e econômica do Estado de São Paulo frente ao restante do Brasil através da suposta “predestinação”, destacando o feito do “herói” bandeirante paulista, tido como sujeito protagonista na constituição das dimen-

sões continentais do território nacional.

E é dentro dessa linha historiográfica que segue o trabalho pioneiro sobre a história do Grande ABC, na época em que ainda não era dividido em sete cidades, constituindo no antigo município de São Bernardo. A obra de João Netto Caldeira, *Álbum de São Bernardo*, publicada em 1937, constitui um dos 44 volumes, cujo tema é “a história dos mais prósperos municípios paulistas”, sendo o referido município:

(...) o núcleo populoso que – no presente – é o expoente máximo da indústria nacional, tendo sido – no passado – o famoso Santo André da Borda do Campo, marco inicial para a fundação de Piratininga, em primeiro lugar e, depois, dessas centenas de cidades maravilhosas que hoje enchem da justa ufania a alma bandeirante.¹²

No trecho acima, podemos perceber o destaque dado pelo historiador ao fato do município de São Bernardo, já no final da década de 1930, ser um dos principais centros industriais do Estado de São Paulo. Na realidade, graças aos trilhos da São Paulo Railway (atual Santos-Jundiaí), que ligavam a cidade de São Paulo ao porto de Santos, várias indústrias optavam por se instalar na atual região do Grande ABC, estimulando o crescimento econômico cujo auge ocorria nos anos 1960 e 1970. Porém, segundo Caldeira, a importância de São Bernardo, não apenas para São Paulo, mas para todo o Brasil, teria suas origens ainda nos tem-

Acervo | Prefeitura Municipal de Santo André - Fotografia: David Rego Jr



Monumento a João Ramalho, estátua em bronze sobre pedestal em granito e de autoria do escultor italiano Emanuele Manassé, está instalado na Praça do IV Centenário de Santo André, junto ao Paço Municipal. A ideia da homenagem data de 1942, quando a imprensa sugeriu a sua construção. Em maio de 1952, foi realizado um concurso para a construção do monumento, que acabou sendo anulado. A colônia portuguesa então encomendou a obra e a doou ao município, durante as comemorações do IV Centenário de fundação da Vila de Santo André da Borda do Campo, que a colocou na Praça IV Centenário. Em 1966, com o início das obras do Paço Municipal, ela foi retirada, voltando à praça, em 1969, perto da Câmara Municipal. Em 2000, atendendo às solicitações dos munícipes, foi transferida para perto da passarela de acesso ao Paço e ao Teatro Municipal

pos da colonização, quando ainda era a vila de Santo André da Borda do Campo, cuja existência teria sido essencial para a “origem” tanto da cidade como para o Estado de São Paulo, sujeitos portadores da “alma bandeirante”. Tal importância é ressaltada a seguir pelo autor, ao abordar, de maneira mitificadora, a figura do fundador da vila, João Ramalho:

Antes de entrarmos na história de Santo André da Borda do Campo (...) inserimos um capítulo acerca de João Ramalho (...) a fim de estudarmos ligeiramente a curiosa individualidade desse português que soube ser grande entre os selvagens, não merecendo depois senão a mais negra ingratidão de seus compatriotas, esquecidos de que, se não fosse a sua intervenção leal e oportuna, Martim Affonso e seus companheiros teriam perecido varados pelas flechas de índios, antes mesmo de pisarem o solo dadivoso e farto da terra brasileira.¹³

O bandeirante João Ramalho aqui é retratado como uma figura heróica, que afrontou os indígenas para “construir o Brasil”, mesmo enfrentando as desconfianças de sua própria gente, os portugueses, na realização de sua “missão”. Interessante no caso é relembrar o contexto vivido no período em que João Netto Caldeira construiu tal imagem do degredado lusitano. Em 1937, o país vivia sob o governo de Getúlio Vargas, que ainda nesse ano daria o golpe que instaurou a ditadura do Estado Novo. A oligarquia cafeeira paulista, que deteve o poder político durante praticamente todo o período da chamada República Velha (1889-1930), foi desalojada do jogo político justamente pelo golpe de Estado (conhecido como Revolução de 1930) que tinha como principal liderança o estancieiro e bacharel em Direito de São Borja. Em 1932, essa mesma oligarquia viu seus planos de retomar o poder fracassados com a derrota na Revolução Constitucionalista de 1932, mas ainda tinha a esperança de conseguir reconquistar o protagonismo político nas eleições presidenciais previstas para 1938, que por fim não ocorreram. Dessa forma, o degredado português, assim como São Paulo, seria a figura heróica incompreendida, tratada com ingratidão pelos seus iguais, mas esperançosa de ter novamente o reconhecimento de sua importância pelo restante da Nação. E a oligarquia paulista esperava conseguir o

mesmo feito que, na narrativa histórica de Netto Caldeira, João Ramalho conquistou no período colonial, apesar das antipatias dos jesuítas e dos administradores portugueses da capitania de São Vicente:

Tendo como inimigo os jesuítas, então no auge do poder e que não toleravam calados o prestígio formidável desse homem, ainda assim os seus méritos foram tantos que os donatários viram-se coagidos – talvez a contragosto – a dar-lhe o prêmio merecido, pelo que foi cavalheiro, guarda-mór do campo, alcaide-mor e, até, senhor feudal de Santo André, passando automaticamente à categoria de nobre do Reino.¹⁴

Por fim, Netto Caldeira resalta o espírito independente de João Ramalho, que mesmo com as adversidades e a oposição de seus superiores hierárquicos, fundou e manteve a vila de Santo André da Borda do Campo:

(...) João Ramalho enalteceu a Martim Affonso as belezas do interior do país, concitando-o a fundar outro povoado no ponto em que ele, Ramalho, residia e que era chamado Borda do Campo. Entretanto, Martim Afonso (...) não só mostrou-se contrário à ereção de nova vila, como foi além, deliberando proibir que os brancos se internassem nos campos, e ordenando aos que aí estavam voltarem imediatamente para o litoral. Nenhuma importância deu o genro de Tibiriçá a essa determinação e o caso ficou sem solução, porquanto faltavam a Martim Affonso os recursos materiais para fazer valer tal deliberação. João Ramalho permaneceu no mesmo lugar, sem desistir dos seus intentos de criar vila na Borda do Campo e apenas aguardando oportunidade mais azada, embora o povoado continuasse aumentando. Finalmente, indo à localidade o capitão-mór Antônio de Oliveira e o provedor da Fazenda Braz Cubas, erigiram, em 8 de abril de 1553 – a vila de Santo André da Borda do Campo, ato ratificado pelo donatário da Capitania (...).¹⁵

O espírito independente de Ramalho, ressaltado por Netto Caldeira, é um elemento presente na “alma bandeirante”, presente em um Estado cuja oligarquia desejava manter a autonomia na administração de seus assuntos internos, algo presente na Constituição de 1891 e que havia deixado de existir durante o governo Vargas. Autonomia, predestina-

ção e protagonismo são elementos enfatizados constantemente no discurso fundador de João Netto Caldeira, qualidades tidas como inatas ao personificado Estado de São Paulo.

Tal perspectiva traçada por João Netto Caldeira no final da década de 1930 influenciaria o trabalho do médico e historiador Octaviano Gaiarsa, cujas obras foram publicadas quando o município de São Bernardo já havia sido desmembrado e dado origem à atual configuração territorial-política do Grande ABC. Gaiarsa foi responsável por escrever as primeiras obras que abordavam a história do município de Santo André, sendo a sua metodologia fortemente influenciada pela escola positivista paulista, tanto que há várias citações e até dedicatórias a Afonso d'Escragnolle Taunay. Aqui, analisaremos dois de seus principais trabalhos, todos eles bancados pela Prefeitura Municipal de Santo André. No primeiro, *A cidade que dormiu três séculos – Santo André da Borda do Campo: seus primórdios e sua evolução histórica*, publicado em 1968, durante a administração do prefeito Fioravante Zampol, Gaiarsa utiliza a simbologia do animal mitológico Phoenix (a ave que renasce das cinzas) para descrever a trajetória da cidade. Na época, a cidade passava por um ciclo de desenvolvimento econômico, embasado na instalação da indústria multinacional automobilística na região do Grande ABC, que permitiu tanto a Santo André como para São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul conquistar uma posição de destaque na economia brasileira. Dessa forma, Gaiarsa construiu um discurso similar ao de Netto Caldeira, baseado na predestinação, mas com a diferença de que Santo André e o Grande ABC tiveram destaque na História do Brasil:

As cinzas da Phoenix brasileira constituem um símbolo e uma tradição, tão obscura e poética quanto à lenda contada pela Antiguidade. Ressuscitada de algum local ignoto, ela se configurou, tomou nova vida e adeja suas asas mais vibrantes do que nunca. A nova Santo André da Borda do Campo aí está, estenuante de vitalidade e progresso, sem que o sol dos trópicos requeime ou calcine, para iniciar novo ciclo e nova vida. Santo André de hoje (...) é, acima de tudo, uma realidade. Isso nos basta! Em cada uma das partes sobrevive o ideal que

João Ramalho infundiu nos filhos e na raça que povoou o Brasil. Santo André atual sobreviverá para sempre.¹⁶

O mito da Phoenix sendo utilizado como uma simbologia para a predestinação da “grandeza” de Santo André esteve presente em seu outro trabalho, *Santo André: Ontem, Hoje, Amanhã*, publicado também pela Prefeitura Municipal de Santo André, em 1991, durante a primeira administração do prefeito Celso Daniel. Paradoxalmente, apesar de ideologicamente o político petista ser identificado com os ideais esquerdistas, optou-se pelo veterano historiador positivista para escrever um livro sobre a história do município. Não é nosso objetivo aqui levantar os motivos para tal escolha, mas parece ter sido oportuna a escolha de Gaiarsa para tal tarefa, pois dentro do contexto histórico do município naquele período era necessário para a cidade buscar um novo “renascimento”: a recessão econômica pela qual passava o país, somada com a nova organização mundial do trabalho provocou o que muitos estudiosos chamaram de “desindustrialização do Grande ABC”, com várias indústrias deixando a região. Dessa forma, Santo André, como outros municípios da região, buscava novas opções para sobreviver economicamente e retomar o desenvolvimento, tentando evitar a decadência e a conseqüente perda da posição de protagonista econômica conquistada nas décadas anteriores. Portanto, Santo André deveria novamente encarnar a Phoenix: renascer das cinzas mais uma vez para continuar ocupando o lugar de destaque no cenário nacional, do qual estaria predestinada. E tal predestinação, esse eterno retorno, é uma característica marcante na narrativa de Gaiarsa, como podemos perceber no seguinte trecho:

Após sua destruição pelos tamoios, Santo André adormeceu e assim permaneceu numa longa e profunda hibernação; numa pausa merecida após exaustiva tarefa de criar a família bandeirante e mameluca que dobraria a linha das Tordesilhas, descobrindo as minas de ouro e esmeraldas, percorrendo por todas as veredas virgens do planalto. Cumprindo a tarefa, tinha direito a uma trégua após uma caminhada trabalhosa, agitada, buscando os galardões colhidos pelos seus heróis no princípio da existência da pátria brasileira (...) Cerravam-se

as cortinas de um cenário que teve dias gloriosos para a nacionalidade, num período encravado na história da pátria, sem que houvesse possibilidade de reavivá-la. O silêncio reinou nas quebradas da Borda do Campo (...) As lavouras foram abandonadas e as espigas caíram ao solo sem que houvesse mãos para colhê-las. O pelourinho, que marcava sua maioridade foi arrancado e carregado para honrar sua rival e nobilíssima competidora, São Paulo de Piratininga (...) Na vigília distante de uma aurora que deveria despontar promissora, laboriosa, rica e nobilitante: Santo André do século XIX, redimindo-se da derrota que não poderia ser eterna. Qual Phoenix ressurgida das cinzas, desperta lentamente, estendendo as asas e iniciando um vôo com os olhos voltados para o infinito.¹⁷

Para concluir, a narrativa histórica presente nos trabalhos de João Netto Caldeira e Octaviano Gaiarsa constituiu-se um discurso fundador, mítico, pertencente a um conjunto de tradições que, manipuladas por determinados grupos sociais, visam constituir uma identidade para uma comunidade imaginada. Com isso, ocorreu o que chamo de “monumentalização” da História, algo corriqueiro da escola positivista, que descontextualiza o documento de sua época e o analisa com as perspectivas do historiador e do grupo social a qual pertence, atendendo, voluntária ou involuntariamente, os interesses dos detentores do poder. Abordada dessa forma, a História, ao contrário do que pensavam esses historiadores, afasta-se do conhecimento científico e torna-se apenas um instrumento de legitimação de determinada ordem social. Para afastar-se dessa perspectiva, o historiador deve analisar os documentos e as fontes históricas como um monumento de sua época, sendo esse definido por Jacques Le Goff como “a herança do passado”, que tem como características “ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas”.¹⁸ Portanto, sem desvalorizar o trabalho dos historiadores do passado, é necessário um novo enfoque para a análise do passado, partindo da concepção de “documento/monumento”. Nas palavras do historiador francês:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou

segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.¹⁹ **R**

NOTAS

¹ ORLANDI, Eni (org). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. São Paulo: Pontes, 1993, p.13.

² O conceito mais corrente de Nação é aquele em íntima afinidade com a ideia de Estado. Nação também é compreendida como uma comunidade humana, estabelecida neste determinado território, como unidade étnica, histórica, linguística, religiosa e/ou econômica. O Estado, neste sentido, seria o setor administrativo de uma nação. Mas não podemos reduzir o sentido de nação a uma comunidade linguística, ou como um sentimento de pertencimento a uma unidade territorial, pois nem um nem outrop desses aspectos são indispensáveis. A ideia de nação é quase sempre uma construção elaborada por um grupo dominante que se atribui o papel de unir território e Estado a partir de uma cultura específica, o que nos leva a pensar sobre a artificialidade do conceito de nação, que nada tem de natural, mas é tão somente uma construção histórica e, em geral, uma imposição de determinadas elites regionais a diversos territórios e grupos submetidos.

³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, pp.48-49.

⁴ Idem, pp.50-51.

⁵ Idem, ibidem.

⁶ Idem, p.52.

⁷ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006, pp.72-73.

⁸ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.32.

⁹ JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. “Historiografia, uma questão regional? São Paulo no Período Republicano, um exemplo”. In: *República em migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990, p.82.

¹⁰ Idem, p.83.

¹¹ Idem, p.86.

¹² CALDEIRA, João Netto. *Álbum de São Bernardo*. São Paulo: Organizações Cruzeiro do Sul, Bentivegna & Netto, 1937.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ GAIARSA, Octaviano. *A cidade que dormiu três séculos – Santo André da Borda do Campo: seus primórdios e sua evolução histórica: 1553-1960*. Santo André: Prefeitura Municipal, 1968, p.30.

¹⁷ GAIARSA, Octaviano. *Santo André: Ontem, Hoje e Amanhã*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 1991, p.25.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 3.ed. Campinas: Editora Unicamp, 1994, p.526.

¹⁹ Idem, pp. 535-536.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. CALDEIRA, João Netto. *Álbum de São Bernardo*. São Paulo: Organizações Cruzeiro do Sul, Bentivegna & Netto, 1937.

GAIARSA, Octaviano. *A cidade que dormiu três séculos – Santo André da Borda do Campo: seus primórdios e sua evolução histórica: 1553-1960*. Santo André: Prefeitura Municipal, 1968.

_____. *Santo André: Ontem, Hoje e Amanhã*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 1991.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. Historiografia, uma questão regional? - São Paulo no Período Republicano, um exemplo. In: SILVA, Marcos. *República em migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 3.ed. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

ORLANDI, Eni (org). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. São Paulo: Pontes, 1993.

(*) Mauricio Tintori Piqueira é graduado em História pela Universidade do Grande ABC (UniABA) e mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

João Tarcísio MARIANI (*)

RENASCEM RAÍZES

Neste espaço dedicado a crônicas, alguns dos temas escolhidos têm contemplado o registro de pessoas e entidades, às quais São Caetano do Sul tem a obrigação de agradecer e reverenciar, e é resgatando a história delas que, ao mesmo tempo, as homenageamos e fazemos renascer as memórias de suas raízes. Hoje, em especial, três são os eventos a registrar, com origens nos anos de 1971, 1986 e 1991. Vamos falar um pouco de cada um deles, na ordem do mais antigo para o mais novo.

Balança há 40 anos

Recentemente aconteceu a festa de uma empresa sul-sancaetanense que completou 40 anos de existência. E justamente porque a vida começa aos 40, resolvemos homenageá-la, desejando que ela possa se renovar em vontade e ânimo. A palavra renovar acompanha essa empresa desde o seu nascedouro, uma vez que ela começou batizada e embalada, com o nome advindo de renovadora de balanças. Em 1971, três amigos visionários resolveram renovar suas vidas, e por serem equilibrados, decidiram renovar balanças: nascia, em 19 de agosto, a REBAL.

Eles eram três sócios, exatamente para que dois cuidassem, cada um de um dos pratos da balança REBAL, e o terceiro, em caso de discordância, ficaria sendo o fiel da balança. Os três amigos lutaram muito, pois o problema, nos primeiros anos não foi de balança, mas sim de balanço. Por isso mesmo, entendam que o título desta crônica não tem duplo sentido e sim fala da balança que a empresa cuida há 40 anos, o que faz muito bem. Mas, nem só de balança vive a REBAL e foi consultando atentamente o catálogo de produtos que nós conseguimos entender melhor os meandros da história dela.

Os sócios perceberam, com a adoção de novos produtos, que nada vinha de BANDEJA, que não adiantava ficar nervoso e chutar o BALDE, nem jogar tudo no VENTILADOR. Também nada poderia ser resolvido na BACIA das almas e, finalmente, quando a empresa mais parecia uma PANELA DE PRESSÃO, foi preciso um espírito AMACIADOR, colocar a cabeça num CONGELADOR, e esperar passar aquela BATEDEIRA no coração.

Quando, anos atrás, Wagner Natale, atualmente conselheiro da Fundação Pró-Memória, chegou à REBAL logo percebeu as dificuldades para gerir a empresa e entendeu os seus paradoxos como, por exemplo: quanto mais se desequilibravam as balanças, mais se equilibrava a empresa! Foi aí que o amigo Wagner assumiu o papel de ABRIDOR dos novos caminhos da REBAL e de ACENEDOR da nova chama empreendedora. Ficou claro que ele precisava de muita energia e de muita força CENTRÍ-FUGA, a fim de evitar as ocasiões em que o cenário se tornava ABAFADOR, AMASSADOR, ESPREMEDOR e um verdadeiro CESTO PARA FRITURA com o qual o mercado o ameaçava.

Porém, é exatamente nesses momentos difíceis que a gente não deve jogar a toalha nem o TOALHEIRO, também não adianta lançar mão de TRAVESSAS, ESTRADOS ou TRIPÉS. Nessas horas sempre aparecem CINCO SUPORTES:

- 1º) a família, como um BORRIFADOR de bons fluídos;
- 2º) os amigos, como se fossem um ESCORREDOR ou uma PENEIRA, que ajudam a enxugar e filtrar os nossos problemas;
- 3º) os funcionários, com os quais contamos como DESCASCADORES dos abacaxis, PROCESSADORES das soluções e RALADORES no trabalho do dia a dia;
- 4º) os fornecedores, como verdadeiros baluartes daquela RESISTÊNCIA de que tanto precisamos e daquela aura SELADORA da amizade com que eles sempre nos distinguem;
- 5º) finalmente, os clientes, sem os quais nada seria possível, pois são eles que dão sabor ao nosso trabalho, sabor que lembra SALEIRO, AZEITEIRA, AÇUCAREIRO, GALHETEIRO, enfim, todos os gostos, quer sejam originários de FORNO ou de FOGÃO.

A vida da REBAL foi subir ESCADAS e superar obstáculos, encontrar FÓRMAS novas para bem atender aos clientes, sempre com aquele calor

humano constante, tipo RECHAUD. Finalmente, desejamos ao Wagner, a todos os funcionários, fornecedores e clientes da REBAL um futuro brilhante e ergamos as TAÇAS do brinde ao trabalho, à eficiência e à perseverança. REBAL, FAZENDO AMIGOS DESDE 1971.

Reminiscência, remanescência, renascença!

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Flagrante do Baile do Havaí, realizado em novembro de 1996

Como tivemos a felicidade de poder usufruir da presença de papai lúcido até o fim, com um *gran finale* nos seus 110 anos muito bem vividos, sempre nos foi difícil assimilar a ideia de terceira idade ou de pessoas idosas, já que isso significava para nós algo nunca menor do que 100 anos.

Assim, nós víamos com reservas as pessoas da nossa idade, que dizem estar perto dos 60, mas não declaram se são 60 e poucos ou muitos, e que se dedicam aos clubes da terceira idade ou são chegados aos conhecidos bailes da saudade. Isso explica, mas não justifica, porque durante os últimos anos recusamos sistematicamente todos os convites para, pelo menos uma vez, participar de um desses encontros, almoços, jantares, bailes, ou, seja lá o que fosse. A resposta sempre esteve na ponta da língua: Nós ainda não temos idade para pensar nisso! Até que meu pai faleceu no ano passado e nós perdemos a referência, o anteparo, o chão, a garantia ou o prazo de validade, como queiram interpretar.

Foi como se ninguém soubesse a própria idade e, de repente, toda a família envelhecesse. Uns envelheceram legitimamente com mais de 80 anos, outros com 70, com 60 e, até os netos sentiram o golpe, com apenas 50 anos! O nosso escudo foi embora sem nos ensinar o segredo da longevidade.

Recentemente, recebemos um convite para ir conhecer um clube da terceira idade. Tentamos convencer a esposa a não ir. Porém, a realidade de que não existia mais o “único” idoso da família e sim todos nós éramos pessoas idosas, levou-nos a aceitar o convite e lá fomos nós, graças ao empenho decisivo do casal de amigos de fé, responsável pelo convite e pela nossa aventura inaugural no mundo da terceira idade. Estávamos “pisando em ovos” porque ainda não havíamos tirado a nossa “casca” e com aquela sensação de estranhos no “ninho”.

Entramos no salão com o casal de amigos como se eles fossem os padrinhos de nosso baile de debutantes como pessoas idosas. Fomos recebidos com toda “pompa e circunstância”, dignas da beleza dessa marcha, com o pessoal do clube nos acolhendo de braços e corações abertos, como o fazem, aliás, com todos os amigos dos amigos que para lá se dirigem.

Primeiramente, fomos colocados à vontade, em seguida, apresentados para inúmeros amigos que, embora conhecendo de São Caetano do Sul, não era tão habitual encontrá-los, e agora lá estavam eles a nos contar e mostrar algo que faltava descobrir sobre eles, sobre a terceira idade, sobre o grupo nascido em 1986 e, portanto, em seu jubileu de prata.

As raízes que definiram a nascença desse grupo proveem de uma história curiosa e surpreendente. Em fins de 1985, Ivan Chekin, morador da cidade, estava trabalhando em São José dos Campos (interior de São Paulo), onde participava, com a esposa Neide, do clube de terceira idade Nova Era. Em São Caetano, Chekin era conselheiro da Associação Cultural e Artística de São Caetano (Acascs), da qual também era conselheiro o seu amigo Heitor Bisquolo. Nessa época não havia oficialmente nenhum clube registrado em São Caetano como sendo de terceira idade.

Ivan e Neide, juntamente com Heitor e sua esposa Elza, foram convidados a participar de um Encontro Estadual de Grupos de Terceira Idade, em novembro de 1985, realizado na cidade de São José do Rio Preto, também no interior do Estado. Ao

serem anunciadas as cidades participantes e seus grupos representantes presentes nesse encontro estadual, espantados Ivan e Heitor ouviram o nome de São Caetano do Sul. Intrigados, dirigiram-se à direção do evento para saber quem representava a sua cidade. A surpresa foi ainda maior ao tomarem conhecimento de que o Grupo Força Viva, de Santo André, representava São Caetano.

A partir daí, Ivan e Heitor assumiram que faltava na comunidade sul-sancaetanense quem tomasse a iniciativa de formar um grupo de terceira idade que pudesse representar a cidade quando dos eventos como os encontros estaduais. As raízes do clube idealizado por eles começavam a se delinear. Por serem ambos participantes da Acasc, dirigiram-se ao então presidente da entidade Lázaro Saul Imparato e explicaram a ele que para materializar seu objetivo havia a necessidade de um local onde as pessoas do futuro grupo pudessem se reunir.

A adesão de Lázaro foi imediata. Tanto que ele cedeu um dos salões daquela sociedade para que o clube pudesse iniciar suas atividades.

Assim, em 26 de agosto de 1986, foi realizada a primeira reunião do grupo que contou com a participação de 28 pessoas: Heitor e Elza Bisquolo, Ivan e Neide Chekin, Concetto e Bruna Constantino, Oswaldo e Edméa Bisquolo, Moacyr e Elvira Passador, Amilcar e Luz Alvarez Romaldini, Armórico e Elvira Veronesi, Angelo e Norma Lodi, Victorino e Mercedes Garbelotti, Lázaro e Neide Imparato, Sérgio e Albonéa Bisquolo, Geraldo e Jayr Cassoni, José e Alice Costa, Norma Marcucci e Olga Balbino. O segundo encontro ocorreu logo a seguir, em 1º de setembro, e mais 22 pessoas se juntaram ao grupo: Orestes e Iole Cavassani, Darcy e Emélia de Paula, Juan e Marlene Gallardo, David e Ignez Bechara, Antonio e Nazira Gianoca, Ernesto e Wirma Sacomani, Alcides e Rita Soares, João e Pura Molinari, Dorival e Nilce Myjolare, Waldemar e Ana Perez Bortoletto, Alice Molinari e Dileta Perino.

Os participantes das duas reuniões pioneiras, considerados os 50 fundadores da nova entidade, deram origem às raízes e à nascença do Renascença, nome aprovado para o grupo que, em seguida, escolheu seu conselho e sua diretoria. O Conselho Deliberativo era formado por Ivan Chekin (presidente), Leonidas Paolone (vice-presi-

dente) e Oswaldo Bisquolo e Benedito Dulcídio Nogueira (secretários). A diretoria executiva tinha como integrantes: Heitor Bisquolo (presidente), Victorino Garbelotti e David Bechara (vice-presidentes), Armórico Veronesi, Genésio Carlos Alvarenga e Joaquim Carlos (secretários), Antonio Aversan, Wellington Rubens Pisinato e Loreto Gimenes (tesoureiros), Alberto Abib (diretor social), Moacyr Passador (diretor de patrimônio), Saad Khouri (diretor de esportes) e Eleonora da Ros (departamento feminino).

No ano de 1987 foram implementadas todas as providências para que o grupo tivesse inscrições, registros, enfim, documentação como entidade cuja sede provisória estava na Avenida Presidente Kennedy, 2000, conforme já citado, nas dependências da Acasc. Foi criado, na linguagem da época, um emblema, o que hoje seria logotipo do Renascença e que representa o túnel do tempo, significando a “renascença” diária do Sol, onde o clarão de seus raios ilumina o caminho que a humanidade deve seguir para alcançar a felicidade.

Em 1988, ao chegar ao seu segundo ano de vida contando com cerca de 400 associados, o grupo já era uma realidade consolidada na sociedade de São Caetano. Os bailes realizados nas noites de todas as segundas-feiras, justamente, um dia considerado inútil pela maioria, eram uma novidade e, aliados aos jantares mensais comunitários, mudaram a vida dos associados, tornando este dia o mais importante da semana e esses encontros uma verdadeira renovação nos propósitos de vida.

O sucesso retumbante do grupo e o aumento significativo no número de associados, talvez tenham justificado a designação, dentro da Diretoria Executiva, de uma Comissão de Sindicância. Para um novo associado ser admitido no Renascença uma rigorosa pesquisa era efetuada por essa comissão e, não raro, uma ou outra pessoa de vida ou de índole um tanto “encrascada” não foi aceita no seleto quadro dos frequentadores do grupo, o que somente contribuiu para melhorar ainda mais a sua já excelente imagem. De brincadeira, chamaríamos essa comissão de CPI (Comissão de Pessoas Idosas), com a única diferença que nessa CPI as decisões nunca acabaram em “corte de pizzas”, mas sim em corte de candidatos a sócios.

Em 1992, apesar do grupo já estar habituado e satisfeito com a sua estada na Acasc, se abriu a possibilidade para a realização do grande sonho do Renascença. Ao concluir as obras de um centro para

a terceira idade no Bairro São José, a Prefeitura Municipal ofereceu ao grupo a oportunidade de usufruir daquele local como sua nova sede. No dia 2 de julho deste ano, o grupo Renascença instalou-se no atual Centro Integrado de Saúde e Educação da Terceira Idade (CISE) João Nicolau Braido, na Rua Humberto de Campos, 600. Essa época registrou um período de extremo entusiasmo na vida do grupo, com o salão aconchegante, boa iluminação, mesas e cadeiras novas, enfim, um ânimo novo.

Essa fase fantástica foi palco para bailes carnavalescos animadíssimos, festas juninas com suas quadrilhas memoráveis, comemorações especiais como o Dia das Mães e dos Pais, e os célebres bailes do Havaí e de Ano Novo. Orquestras e conjuntos famosos passaram pelo Renascença: Tabajara de Severino Araujo, Silvio Mazzuca, Byriba Boys, Três do Rio, entre outros. Até hoje, continua preservado o mesmo espírito de estreita amizade e comunhão, que norteou os 25 anos de vida do Renascença, graças a todos os dinâmicos e entusiasmados conselhos e diretorias, que honraram o compromisso e os ideais de 1986, alinhando na história do grupo uma agradável reminiscência, uma fiel remanescência e uma constante renascença.

Por meio dos atuais membros do conselho e da diretoria, a seguir citados, queremos homenagear a todos os que passaram dedicando o seu tempo e o seu empenho para que o Renascença chegasse “muito bem conservado” até os nossos dias. O conselho conta com João Amadeu Furlan (presidente), Waldomiro Leone (vice-presidente) e Carlos Pedro Pan e Paschoal Giardullo (secretários). Integram a diretoria: Luiz Tavares (presidente), Valdir Ernani Coppa e Claiton Luiz Barontini (vice-presidentes), Antonio Branco (tesoureiro), Diva Manzini (secretária) e José Poveda (diretor social).

Por fim, queremos enfatizar que o ponto alto do Renascença está na feliz convivência de seus participantes que, por meio do grupo, redescobriram a alegria de viver e mostraram a todas as pessoas idosas a maneira correta de assimilar, programar e compartilhar a terceira etapa da vida, enquanto ela ainda está disponível, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, como no matrimônio, já que a celebração e a homenagem são pelas bodas de prata. Parabéns pelo exemplo, felicidades para as iniciativas e muita, mas muita saúde para todos vocês que fazem do Renascença, em pleno jubileu de prata, um grupo de ouro!

Raízes da Pró-Memória

“Nunca duvide que um pequeno grupo de cidadãos conscientes e interessados possa mudar o mundo. Afinal, foi isso que sempre aconteceu”. Nada mais adequado para se entender o intuito desta crônica do que este pensamento de Margaret Mead, antropóloga norte-americana (1901-1978). Um pequeno grupo de cidadãos conscientes e interessados formado por Mário Botteon, Oscar Garbelotto, Sonia Maria Franco Xavier e Vojislav Aleksandar Jovanovic, mudou o mundo da política cultural de São Caetano do Sul.

Estamos nos referindo àqueles que fizeram a semente criar raízes ou, como primeiro veio a revista e depois surgiu a instituição, as raízes que geraram a semente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Em 18 de abril de 1989 foi apresentado o primeiro documento denominado *Fundação Pró-Memória: razões e objetivos de sua criação* e dele destacamos o seguinte trecho:

As justificativas mais evidentes para a criação de uma Fundação Municipal Pró-Memória residem no fato de que uma entidade dessa natureza, sendo de Direito Público, pode e deve ter recursos próprios, isto é, uma dotação orçamentária anual e, ao mesmo tempo, tem possibilidade de buscar recursos junto aos governos do Estado e da União. A Fundação tem condições objetivas de instrumentar-se para exercer um papel de relevância na pesquisa de cunho histórica, abrangendo diversas áreas multi e interdisciplinares de estudos (arquitetura, colonização, história social, história sindical, etc.).

Esse documento abrangente e didático foi elaborado e apresentado por uma comissão formada pelos quatro protagonistas citados na abertura desta crônica, porém, isto não significa que outros ilustres cidadãos não tenham colaborado decisivamente nos primórdios da Pró-Memória. Para não esquecer, nem esquecer, nenhum deles, ao invés de tentar relacionar todos, escolhemos um para representá-los, da maneira que ele sabe como poucos, que é escrevendo. Vamos diretamente ao âmago da semente, através de um prefácio, elaborado por um dos mais importantes personagens participantes do início da Pró-Memória, que é o nosso caríssimo, e com todo o respeito, “ex-moleque de fábrica”, sul-sancaetanense insigne, professor emérito e sociólogo internacionalmente reconhecido, José de Souza Martins:

Sob a forma de uma Fundação, a proteção à me-

mória histórica de São Caetano do Sul ficava assegurada. Punha fim a uma longa e problemática história não só de descaso, mas de vulnerabilidade em face da crônica oscilação de interesses políticos em decorrência da mudança de prefeitos e grupos partidários no poder municipal. A criação da Fundação deu a São Caetano do Sul, finalmente, as bases institucionais de uma política cultural, assegurou espaço aos agentes de cultura, como assegurou continuidade aos programas culturais, permitiu a existência de projetos de longo prazo e protegeu o que tinha que ser protegido. Abriu um espaço de criatividade e de oportunidades às novas gerações. Criou canais de difusão do conhecimento relativo ao município, tanto através da revista *Raízes* quanto através da publicação de livros. Hoje, pode-se dizer que, graças à Fundação, já existe uma sãocaetaneana, uma coleção de livros dedicados à história de São Caetano do Sul.

Agora que foi revelada a sociologia da fotografia da Pró-Memória, retratada de forma objetiva através de um “flash” brilhante do professor Martins, fica muito fácil focalizar fatos e personagens que geraram as imagens dos 20 anos de existência da Fundação (1991-2011). Estamos aqui fazendo memória de todos os pioneiros que, apaixonados pela história e memória da nossa cidade, lutaram, superaram todos os entraves e implantaram o projeto que criou as condições de preservação do patrimônio histórico e alicerçou as bases de uma política cultural para São Caetano, como muito bem destacou Martins.

A luta custou tempo, sonhos e frustrações, até que, finalmente, graças à persistência dos seus idealizadores, em 12 de junho de 1991, foi criada a autarquia municipal Fundação Pró-Memória, seguindo o modelo que o grupo de precursores já mencionado havia proposto. Hoje, em consequência dos benefícios da institucionalização da política cultural, vemos que a instituição conta com o Centro de Documentação Histórica, o Museu Histórico Municipal, Pinacoteca Municipal e, além disso, sua estrutura ainda abriga espaços fora da Fundação, como um salão de exposições no Espaço Verde Chico Mendes, e exposições itinerantes em escolas e empresas industriais e comerciais.

Por sua vez, a revista *Raízes*, idealizada e dada à luz por Aleksandar Jovanovic, não só foi o marco embrionário da Fundação como também é modelo de publicação difundida pelo país e que vem constantemente se renovando para continuar com seu papel de semente e menina dos olhos da Pró-Memória e de São Caetano. Mais recentemente foram implantados projetos na Fundação visando

atrair a participação da população com a finalidade de informar, despertar e formar nos cidadãos a consciência para a preservação e valorização do patrimônio da cidade.

Apenas para registrar um bom exemplo desse tipo de projeto, podemos citar um cujo objetivo é a Educação Patrimonial de crianças e jovens, realizado a partir de ações conjuntas na rede municipal de ensino. O intuito do projeto *Vamos contar nossa História* é difundir o conceito de patrimônio, utilizando-o como instrumento pedagógico, e é, justamente, enfatizando a importância de preservar este patrimônio, que desperta o sentimento de identidade e valoriza o espírito de cidadania. Como curiosidade, poderíamos lembrar que esse tipo de projeto ajuda a resgatar os ensinamentos que nós, pessoas idosas, recordamos do tempo em que passamos pelos bancos escolares, e que era a matéria Educação Moral e Cívica.

Registramos e homenageamos as pessoas que ajudaram a traçar a trajetória dos 20 anos da Fundação e citando todos os seus presidentes, queremos enaltecer o trabalho de todos e de cada um dos membros de suas respectivas equipes.

Oscar Garbelotto
Vojislav Aleksandar Jovanovic
Sonia Maria Franco Xavier
Adauto Campanella
Domingo Glenir Santarnecchi
Clovis Antonio Esteves
Maria Teresinha Dario Fiorotti

Ao homenagearmos os idealizadores, a história, as pessoas que colaboraram e colaboram e toda a atual equipe da Fundação Pró-Memória, nós queremos deixar registrado o reconhecimento da cidade de São Caetano do Sul, pelo pioneirismo dessa semente, pelo modelo que expande suas raízes, pela planta que dá frutos culturais e pela colheita futura, proporcionada pelos novos projetos e, principalmente, pelos novos talentos que nossa cidade, com certeza, fará brotar no cerne da Pró-Memória.

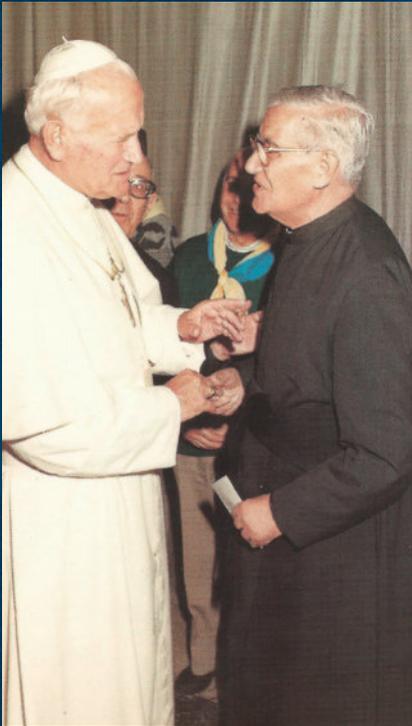
Feliz é a terra que cultua a sua memória e bem aventurados são os que ajudam a fazê-lo.

(*) *João Tarcísio Mariani* é consultor de empresas e membro do Conselho Editorial e do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Oscar GARBELOTTO (*)

SEMANA SANTA NA MATRIZ VELHA

Acervo / Oscar Garbelotto



Padre Gino Righetti, estigmatino, fundador, na década de 1940, do setor São Sebastião na Igreja São Caetano, em visita ao Papa João Paulo II, em 1989

Entre 1948 e 1955 pertenci a uma associação cristã de grande importância e significado para mim: a Congregação Mariana. Reunindo jovens e senhores em torno da Virgem Maria, contava com um número bastante elevado de participantes, entre eles renomados cidadãos de São Caetano do Sul. Além de elevados princípios religiosos, nosso dia a dia era pleno de amizades sadias, ética, respeito e muita alegria.

Antecedendo a Semana Santa, nós, que pertencíamos ao setor São Sebastião da Congregação Mariana, sediado na Igreja São Caetano (Matriz Velha), no Bairro da Fundação, éramos chamados pelo sacerdote para a organização da programação da semana. Os atos religiosos eram minuciosamente estudados e definidos. Nós, marianos, além de

cuidar dos atos gerais destinados a todos, tínhamos uma responsabilidade de grande significado: a vigília no altar do Senhor, que ocorria da quinta para a sexta-feira.

Assim, após as 20 horas da quinta-feira, até quando se revezavam outras associações da paróquia, tais como as Filhas de Maria e de senhores e senhoras mais idosos, cumpria a nós a honra de guardar o altar do Senhor, até as seis horas da manhã do dia seguinte. Neste ato, todos os marianos compareciam. Divididos em pequenos grupos, de hora em hora, ficávamos defronte o altar em respeitosa atitude, com orações próprias previstas no Manual do Congregado. Era momento de fé e respeito.

Durante todo o período de vigília permanecíamos reunidos na igreja. Quem não estava em orações ficava no salão paroquial, ocupando-se em conversas e jogos. O café, feito de hora em hora, ajudava a alongar as agradáveis conversas mantidas pelos marianos mais experientes, como Manoel Claudio Novaes, Oscar Perrella, João Batista Geraldo, Dolindo Zuin, Raimundo Tonetto, e Andrea Perrella Netto conhecido como Firpo (nosso técnico de pingue-pongue, que fez do setor São Sebastião uma das equipes mais vitoriosas da cidade).

Após as seis horas da sexta-feira, sob o comando do inesquecível presidente Manoel Claudio Novaes, tão culto quanto profundamente religioso, reuníamos o grupo todo e fazíamos as orações finais. Era o momento das despedidas matinais para aguardar as solenidades que continuariam ainda no final da Semana Santa.

(*) Oscar Garbelotto é advogado, professor universitário e pesquisador da história local

Soldados da FEB (Força Expedicionária Brasileira) quando regressaram da Itália, após final da 2ª. Guerra Mundial. Na foto, os soldados entram em São Caetano do Sul vindos da Estação São Caetano, pela Rua Conde Francisco Matarazzo. Foto de 1945



Miguel Locoselli, autor do Monumento aos Imigrantes Italianos, aparece na foto, ao lado da maquete. A obra foi confeccionada em bronze e apoiada em um pedestal de mármore. Foi, em princípio, instalada na Praça Luiz Ventura, em 28 de julho de 1988. Atualmente, encontra-se no início da Avenida Goiás, esquina com a Avenida Guido Aliberti. Foto da década de 1980

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Nicola Perrella, escritor, romancista e historiador, nasceu em São Caetano do Sul em 10 de julho de 1903. Formou-se guarda-livros (antiga denominação do técnico em contabilidade). Foi secretário e presidente de entidades de classe, sociais e filantrópicas de São Caetano. Percorreu os sertões do país inúmeras vezes em viagens de estudos para alguns de seus livros. Entre as Torbas de São Caetano, de 1958, livro histórico e folclórico, presta uma homenagem à terra natal. Faleceu em 22 de outubro de 1979

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Comendador Francesco Amendola quando sargento da aeronáutica italiana, na foto, trajando a farda da colônia na África Oriental. Foto da década de 1930

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



As irmãs Janette e Claudete Kaiser, em foto tirada em estúdio fotográfico, na década de 1950

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



As amigas Tânia Regina Coppini, Marilda De Conti e Jusete Laura F.Borges, em foto da década de 1960

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Ângelo Raphael Pellegrino recebendo o título de Patriarca da Autonomia, na Câmara Municipal de São Caetano do Sul. Pellegrino foi eleito o primeiro prefeito de São Caetano, assumindo seu mandato em 3 de abril de 1949 e terminando-o em 3 de abril de 1953. Foto de 3 de abril de 1974

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Oswaldo Martins Salgado, presidente da Câmara no biênio 1985 e 1986, ao lado de Luiz Carlos Prestes, líder do Partido Comunista Brasileiro (PCB) por mais de 50 anos. Prestes foi um militar e político brasileiro. Liderou a revolta tenentista no Rio Grande do Sul. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 7 de março de 1990. Foto da década de 1980 quando Prestes recebeu título de Cidadão Sul-sancaetanense

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Visita de Ulisses Guimarães a São Caetano do Sul, no plenário da Câmara dos Vereadores. Na foto, ao lado do prefeito Raimundo da Cunha Leite, na década de 1970

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Jardim 1º de Maio, localizado na Avenida Goiás (atual Praça Prefeito Luiz Olinto Tortorello). Vê-se a marquise rodeada por uma piscina, com peixes. Ao fundo, observa-se a parte de trás da Igreja Matriz Sagrada Família, na década de 1950

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Uma cena registrada pelo fotógrafo José Honório de Castro, do Terminal Rodoviário Nicolau Delic, em São Caetano do Sul, na década de 1950

Acervo / Diogo Mulero



Estúdio da Rádio Cacique de São Caetano do Sul, localizada na Rua Santa Catarina, 97, no segundo andar. Vemos, da esquerda para a direita, durante a locução de um programa da rádio, João Bresciani, Diva e Diogo Mulero. Foto de 1959

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Foto de uma antiga ambulância da década de 1960, pertencente ao Pronto Socorro Municipal. Inaugurado, provisoriamente, em 10 de outubro de 1946, na Rua Rio Grande do Sul, 132, ao lado da Delegacia da Polícia local, o Serviço de Pronto Socorro de São Caetano contava com quatro enfermeiros e uma ambulância. Foi nomeado médico chefe o Dr. Nelson Penteado. A ideia partiu do prefeito municipal de Santo André, José de Carvalho Sobrinho, que notou a falta que os sancaetanenses sentiam desse serviço público. Nessa época, São Caetano era apenas subdistrito de Santo André

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Córrego do Moinho na década de 1950, hoje canalizado, dando lugar à Avenida Presidente Kennedy, no Bairro Olímpico

Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Em 1961, o acadêmico de Direito, João da Costa Faria, presidente do Centro Acadêmico de São Caetano do Sul, dá continuidade à sua iniciativa de homenagear formandos universitários e calouros locais. Na foto, tirada no auditório do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, na presença de seu diretor professor Vicente Bastos, Faria entrega homenagem ao universitário formando Ayrton Filetti, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Sentados, à esquerda, Vicente Bastos, recém-ingresso na Faculdade de Filosofia da USP e Paschoal Giardullo, formando em Geologia, na USP



Acervo / Issao Kohara



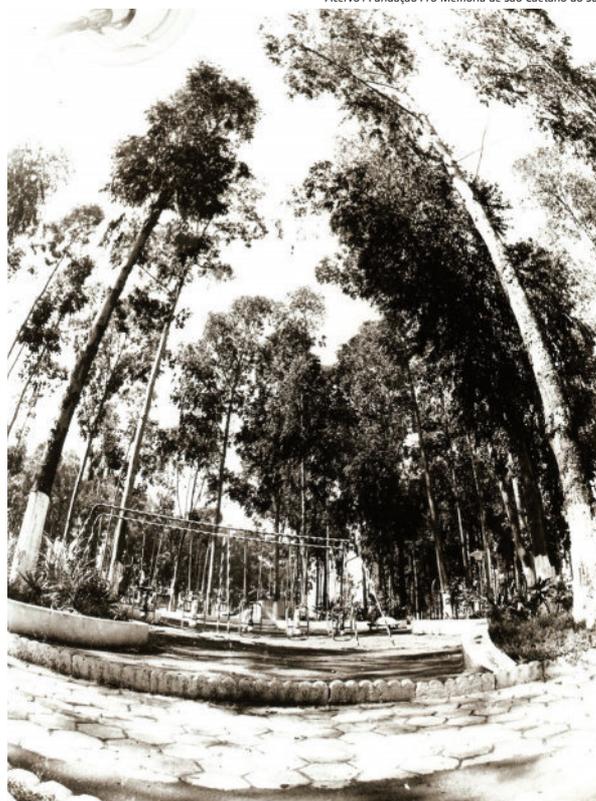
Acervo / Issao Kohara

Alunos da antiga 2ª série ginásial do Ginásio Estadual Bonifácio de Carvalho, turma de 1962, em fotos tiradas em sala de aula e no pátio interno da escola. Foram identificados: Oswaldo Barutti Júnior, Domingos Panssarella, Heraldo Barreiro, Luiz Morcelli, Paulo, Helmut Zaremba, Fonseca, Romero, José Rosarim, Issao Toyoda Kohara, Wagner Natale, Pedro e Nelson Ferrari



Acervo / Laura Valério Rodrigues

Grupo de soldados do Tiro de Guerra. O último, agachado, é Manoel Afonso Valério, irmão de Laura Valerio Rodrigues. Laura relatou que os treinos de tiro eram feitos na Vila Califórnia e para isso, atravessavam o terreno da General Motors e o terreno pertencente à família de Manoel, fronteira com a GM. Foto do final da década de 1930



Acervo / Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Centro de Recreação Infantil Bárbara Marão Saad, popularmente conhecido como Cidade das Crianças e, antes ainda, como Bosque do Povo, está localizado no Bairro Olímpico, na divisa com o Bairro Santa Maria. Completando em 2011 50 anos de sua criação, foi inaugurado no dia 30 de julho de 1961 pelo prefeito Anacleto Campanella, com a presença da população, banda de música e missa celebrada pelo padre Jorge Nogueira. Até 1961, esse recanto era chamado de Chácara Refúgio Tranquilo, e pertencia ao Dr. Antonio Souza Voto. A partir de então, o prefeito declarou a chácara de utilidade pública e, posteriormente, a desapropriou. Em 28 de julho de 1961, a Prefeitura tomava posse e franqueava a chácara ao público, denominando-a de Bosque do Povo, conforme indicação do vereador Fábio Ventura. Atualmente, o local possui equipamentos para atender o público infantil e faz parte do complexo do Parque Santa Maria, que abrange a Cidade das Crianças, o Teatro Paulo Machado de Carvalho, a Escola Estadual Eda Mantoanelli e pela Fundação Anne Sullivan



EXPOSIÇÕES

Exposições virtuais

Desde julho de 2011, a Fundação Pró-Memória tem uma página especial em seu site (www.fpm.org.br), que apresenta exposições virtuais com imagens do Centro de Documentação Histórica da instituição. A iniciativa visa ampliar o acesso do público a histórias que recuperem a memória do município e evidenciem suas tradições e modos de vida. O projeto ainda tem o objetivo de funcionar como um complemento para a divulgação do acervo iconográfico da instituição.

As mostras virtuais ficam no site pelo período de um mês e sempre apresentam 20 imagens, de acordo com o tema proposto. O projeto teve início com a exposição *A Moda na Cidade*, que traçou um panorama da evolução da moda em São Caetano no decorrer das décadas de 1910 a 1970. Já passaram pelo site mostra sobre casamentos, autonomia de São Caetano, arte e Natal.



Nos tempos do retrato - Antigos estúdios fotográficos de São Caetano do Sul

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por meio do Museu Histórico Municipal, voltou aos tempos do retrato, apresentando uma exposição que teve como foco o trabalho de antigos estúdios fotográficos da cidade. Os objetos expostos integravam o cotidiano das atividades desses estabelecimentos, como exemplares de câmeras fotográficas do início do século passado. Além dessa gama instrumental, a exposição reservou espaço para um conjunto de imagens produzidas por estúdios tradicionais de São Caetano, dentre os quais: R. Famula & Irmão, Foto Nitto, Foto Suguino, Foto Americano, Foto Ideal, Foto Jacinto e Foto Panov. A exposição ficou em cartaz no museu de 27 de julho a 24 de setembro.

Rotary Club 60 anos de história

O Rotary Club São Caetano do Sul completou 60 anos de intensa atividade voltada à prestação de serviços à comunidade. Para comemorar a data a Fundação Pró-Memória prestou uma homenagem com a exposição itinerante *Rotary Club: 60 anos de história*, que passou por diversos locais da cidade.

A exposição traça um panorama histórico da entidade, destacando os principais acontecimentos, ações e projetos do período. A mostra apresenta flagrantes de reuniões, campanhas, encontros, ações sociais, projetos, obras e visitas de personalidades, que marcaram a trajetória da instituição nestas seis décadas. De 19 de maio até 30 de setembro, a mostra passou pelos seguintes locais: Colégio Eduardo Gomes, Biblioteca Paul Harris, Atende Fácil, Casa da Amizade e Núcleo de Convivência Menino Jesus.

O universo maravilhoso dos cartões-postais

A exposição *O universo maravilhoso dos cartões postais*, que ficou no Museu Histórico Municipal, de 28 de julho a 30 de setembro, foi composta de uma variada gama deste material. Paisagens urbanas e naturais, monumentos históricos e aspectos de diferentes culturas foram os principais elementos



representados nos postais. Eles fizeram referência a importantes cidades brasileiras. Os postais também retrataram outros países do mundo, e da região do ABC. Os cartões-postais apresentados integram os acervos de Cristiano Augusto Rodrigues e Glenir Santarnecki.

Exposição do projeto Vamos contar nossa História

Estudantes de seis Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs) de São Caetano do Sul redescobriram as histórias de suas famílias graças a um projeto realizado pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Os alunos que participaram da iniciativa, denominada *Vamos contar nossa História*, receberam orientações sobre a preservação do patrimônio cultural material e imaterial familiar, e depois fizeram um levantamento da história de suas famílias – muitas levaram fotos e objetos antigos para suas escolas, que montaram interessantes exposições.

O projeto *Vamos contar nossa História* contou com seis escolas participantes – EMEFs Dom Benedito; Eda Mantoanelli; Elvira Paolilo Braidio; Padre Luiz Capra; Prof. Décio Machado Gaia; e Sylvio Romero. Os melhores trabalhos de pesquisa realizados pelos estudantes das seis escolas participantes do projeto *Vamos contar nossa História* ficaram expostos no Museu Histórico Municipal de 25 de agosto a 23 de setembro.

Os antigos proprietários do palacete: mostra de objetos da família De Nardi

O Museu Histórico Municipal, dando prosseguimento à sua proposta de expor, periodicamente, peças que integram o seu acervo, abriu, no dia 5 de setembro, a mostra *Os antigos proprietários do palacete*, uma homenagem à família De Nardi, que, por muitos anos, residiu no edifício que abriga a instituição museológica sul-sancaetanense.

A presença da família na cidade remonta ao período do Núcleo Colonial de São Caetano, visto que a sua chegada à localidade deu-se em 28 de julho de 1877. Foi o patriarca Celeste De Nardi quem construiu, no final do século 19, o imponente casarão onde hoje se encontra o Museu Municipal. Em cartaz na sala que leva o nome deste de De Nardi, a exposição contempla objetos diversos que pertenceram à sua família, desde os de uso pessoal, até os que serviam de ferramenta para o desempenho de certas tarefas, como uma espécie de gancho para reboque que o próprio Celeste empregou durante os seus trabalhos de construção do palacete.

5° Primavera dos Museus – Exposição Mulheres, Memórias e Ofícios

A Fundação Pró-Memória participou da 5ª Primavera dos Museus, atividade anual promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), sempre no início da primavera, e que teve como tema para essa edição *Mulheres, Museus e Memórias*. Em São Caetano do Sul, a Pró-Memória marcou sua presença com a exposição *Mulheres, Memórias & Ofícios* e trouxe uma exibição de filmes cujas personagens são mulheres que marcaram a história com seus feitos.

Na mostra, o feminino ganhou espaço de protagonista por meio de fotografias que retratam mulhe-

res que, com seus mistérios, fazeres e lutas, ajudaram a colorir com diversos matizes as páginas da história de São Caetano. A exposição teve início no dia 15 de setembro e ficou em cartaz até 30 de novembro, na sede administrativa da Pró-Memória.

Mostra de cinema – Em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, a Pró-Memória promoveu, nos dias 20, 21 e 22 de setembro a mostra cinematográfica *Mulheres na História*, que trouxe uma seleção especial de filmes sobre mulheres que marcaram a história universal. Foram exibidos *Coco antes de Chanel*, *Elizabeth – A Era de Ouro* e *Maria Antonieta*.



Navegar é Preciso: barcos e navios artesanais do espanhol José Terroba Garcia

A exposição *Navegar é Preciso: barcos e navios artesanais do espanhol José Terroba Garcia* foi aberta no dia 10 de outubro no Museu Histórico Municipal, ficando no local até 31 de janeiro de 2012. A mostra apresentou 17 peças de nautimodelismo construídas pelo imigrante espanhol radicado em São Caetano do Sul na década de 1950, José Terroba Garcia. Em destaque está o modelo de um navio escola, inspirado no imponente veleiro Cisne Branco da Marinha do Brasil, além de exemplares de fragatas, de um barco de pesca do Mediterrâneo e de um navio holandês. A expografia também contemplou alguns modelos de avião produzidos pelo espanhol, simultaneamente ao processo de fabricação de seus barcos e navios.



50 anos da Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti

A Fundação Pró-Memória e a Escola Municipal de Idiomas Paulo Sérgio Fiorotti produziram uma exposição itinerante para celebrar os 50 anos da instituição de ensino de línguas. A mostra reúne fotografias de momentos importantes dentro da trajetória da instituição, que surgiu em 1961, como Curso Municipal de Línguas. A mostra está circulando por diversos espaços da cidade. Nos meses de setembro, outubro e novembro, a exposição ficou em cartaz no Centro Digital do Ensino Fundamental. Em dezembro e janeiro, fica no Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação (Cecape) Dra. Zilda Arns.

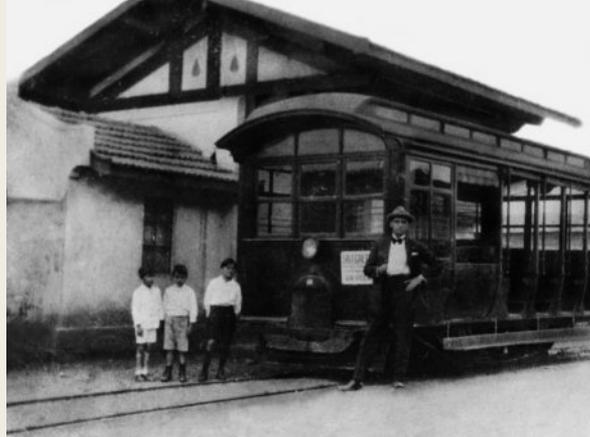


3ª VITRINE DE ARTE Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul e Sala Especial Nelson Raposeiro

Em 2011, a Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, retomou a 3ª *Vitrine de Arte – Mostra Coletiva de Artistas da Cidade*, uma mostra que reúne trabalhos entre pinturas, esculturas, fotografias e outras manifestações artísticas.

O projeto teve início em 2004, com a proposta de acontecer a cada dois anos. A 2ª edição foi no ano de 2006, e agora, a 3ª *Vitrine* voltou e traz novidades. Os objetivos do projeto continuam os mesmos: expor obras representativas do que se faz em termos de criação artística na cidade e promover a reflexão sobre o fazer artístico e sobre sua representação. Neste ano, foram inscritas 146 obras de 51 artistas. Deste total, foram selecionados 48 artistas e 77 obras, que variam das fotografias aos tridimensionais, e que passam pelas gravuras em papel e em tecido, instalações e outros suportes. A mostra fica na Pinacoteca Municipal de 20 de outubro de 2011 a 20 de fevereiro de 2012.

A Pinacoteca presta ainda uma homenagem ao artista plástico Nelson Raposeiro com uma Sala Especial, que ficará no local no mesmo período da *Vitrine*. Este grande artista que veio para São Caetano aos 11 anos de idade, em 1955, e teve seu talento reconhecido por professores e amigos desde criança. A partir de 1979, passou a ter como única fonte de renda a venda de seus quadros. Posteriormente, ensinou pintura e abriu o Ateliê Raposeiro, no Bairro Nova Gerty, em São Caetano.



PROJETOS

São Caetano em Postais

De 28 de julho a 16 de outubro, a Fundação Pró-Memória realizou o projeto *São Caetano em Postais*, que consistiu na produção de cartões-postais da cidade, com o objetivo de resgatar e divulgar locais de grande interesse histórico, além de incentivar a prática da escrita à mão. A nova coleção conta com 20 postais, sendo que a metade apresenta imagens antigas da cidade, que fazem referência a pontos como, por exemplo, a Igreja Matriz Sagrada Família, em foto de 1961. Para demonstrar a evolução da paisagem urbana do município, os outros 10 cartões trazem imagens atuais, como o Teatro Santos Dumont e o Palácio da Cerâmica (sede da prefeitura).

Os cartões-postais foram distribuídos gratuitamente para a população no Museu Histórico Municipal e no salão expositivo da Fundação, localizado no Espaço Verde Chico Mendes. Como parte do projeto, a Fundação Pró-Memória disponibilizou caixas oficiais dos Correios, nos dois locais, para que o interessado pudesse escrever, endereçar e enviar os postais para amigos e parentes, sem custo algum. Foram mais de 500 cartões enviados para vários lugares do Brasil e do mundo. Neste período, no salão expositivo da Fundação Pró-Memória, uma exposição mostrou em tamanho ampliado as imagens dos postais.

São Caetano 3x4 – Você na foto e na história

A exposição *São Caetano 3x4 – Você na foto e na história* foi aberta no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes no dia 25 de outubro. Formada por cinco estruturas coloridas em forma de “cabeças”, que simbolizam os habitantes da cidade, tem o objetivo de criar um grande retrato coletivo de São Caetano.

A ideia é que as pessoas coloquem suas fotos 3x4 nesses painéis, e que também deixem seus de-

poimentos em um livro de registros, para a criação de um documento para as gerações futuras. No dia 11 de dezembro, uma ação da Pró-Memória no local da exposição promoveu a produção de fotografias 3x4 instantâneas para que os visitantes do parque pudessem participar do projeto, que fica no espaço até 30 de janeiro de 2012.



Reservado para Menores

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por meio da Pinacoteca Municipal, criou o projeto *Reservado para Menores*, que tem o objetivo de oferecer para crianças, com até 10 anos, interessantes e construtivos momentos dentro deste espaço expositivo da cidade.

Dentro desta proposta, a apreciação de obras de arte acontecerá de forma a desenvolver a sensibilidade, o conhecimento, a curiosidade e o espírito crítico. Acompanhadas pelos monitores da Pinacoteca Municipal, as crianças serão convidadas à reflexão e a trabalhar seu imaginário para dialogar com os trabalhos artísticos. Um estimulante processo de experimentação com materiais diversos finaliza a proposta, fazendo com que as crianças utilizem de sua imaginação para alcançar tudo de bom que a Arte pode oferecer! O agendamento de visitas pode ser feito pelo email pinacoteca@fpm.org.br ou pelo telefone 4223-4780.



Oficina de Elaboração de Projetos e Fomento para a Área Museológica

A Fundação Pró-Memória promoveu a Oficina de Elaboração de Projetos e Fomento para a Área Museológica, que integra o Programa de Qualificações de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). O evento aconteceu nos dias 14, 15 e 16 de dezembro, no auditório do Centro de Referência da Juventude – Estação Jovem. A oficina abordou temas como a Política Nacional de Museus, a função dos museus, os conceitos básicos de projetos e fomento, planejamento e metodologia, editais, fontes de financiamento e captação de recursos e o papel das associações de amigos dos museus.

Fundação Pró-Memória e o Museu de Arte Sacra de São Caetano do Sul

A Fundação Pró-Memória assinou, no dia 18 de novembro, um protocolo de intenções com o Conselho de História, Arte e Preservação da Igreja Matriz Sagrada Família, que prevê a colaboração para a construção e planejamento do Museu de Arte Sacra de São Caetano do Sul, que está em fase inicial de construção em área anexa à igreja.

De acordo com o protocolo, a Fundação Pró-Memória coloca à disposição seus profissionais com conhecimento e qualificação técnica para orientação nas várias fases de elaboração e implementação do projeto,

nos programas de infraestrutura, acervo, serviços educativos, pesquisa, entre outras áreas. Com previsão para ser inaugurado em 2012, o museu será responsável por resguardar e preservar a história e a memória da paróquia, além de despertar na comunidade a consciência de sua importância arquitetônica e histórica.



Fundação Pró-Memória reabre Sala da Autonomia no Museu Histórico Municipal

No dia 27 de outubro, a Fundação Pró-Memória promoveu a reabertura da Sala da Autonomia do Museu Histórico Municipal. Com novo visual, a Sala Emigdio Perrella, conhecida como Sala da Autonomia, foi reaberta especialmente para comemorar a autonomia da cidade. Novos painéis e uma galeria dos ex-prefeitos repaginada são as novidades. Além disso, também como forma de homenagem, foram distribuídos folders da autonomia nas escolas da cidade durante o mês de outubro. A abertura contou com a presença de autoridades do município, e dos autonomistas Mário Porfírio Rodrigues, Mário Dal'Mas e Olga Montanari de Melo. Ainda dentro da programação especial do aniversário da autonomia, a Pró-Memória promoveu a exposição virtual *63 anos do Movimento Autonomista de São Caetano – Marco decisivo de sua emancipação política*.





Piquenique em benefício da construção do Hospital São Caetano, em 1947. Da esquerda para a direita, em pé: João Cambaúva, Roberto Poli, Avelino Poli (chefe da estação de trem), Geraldo Cambaúva, Abib João Kirche, Jordano Vincenzi, Anacleto Campanella, Mário Parisio, Ângelo Zambom, Jayme da Costa Patrão, Maria Clara Morselli, Leonildo Morselli, Ricardo Falchero e Enio Imparato. Sentados: Ana Maria Cambaúva, Armando Coppini, Aracy Campanella, Maria Campanella, Arcília Cambaúva. Em pé: Ladislene Cambaúva. Ainda, Antonio Carlos, Maria Renê Poli, Palmira Poli, Alzira Cambaúva, Iracema Flores Vincenzi (no colo) e Luiz José Vincenzi

Revista Raízes

CHAMADA PARA
SUBMISSÃO DE ARTIGOS
Prazo para envio de trabalhos e
normatização dos textos no site
www.fpm.org.br



Sede da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780 Fax: 4223-4781
e-mail: fpm@fpm.org.br | site: www.fpm.org.br
De segunda a sexta, das 8h às 18 horas



Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Bairro Fundação
Telefone: 4229-1988
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas
Aos sábados, das 9h às 15 horas



Salão de Exibições

Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566
De terça a domingo, das 9h às 18 horas



Pinacoteca Municipal

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780
De segunda a sexta, das 9h às 17 horas
Aos sábados, das 9h às 13 horas



Centro de Documentação Histórica

Acervo histórico -
documentos, livros, jornais e imagens
Aberto à pesquisa pública
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA DE
SÃO CAETANO DO SUL

SECULT
SECRETARIA DE CULTURA



